

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS**

LUIZ ANTONIO GOMES PINTO

**EM SILÊNCIO ELES ESPERAM PELA TEMPESTADE: O
NEOCONSERVADORISMO E A REVOLUÇÃO
NICARAGÜENSE (1981-1986)**

**VITÓRIA
2005**

LUIZ ANTONIO GOMES PINTO

**EM SILÊNCIO ELES ESPERAM PELA TEMPESTADE: O
NEOCONSERVADORISMO E A REVOLUÇÃO NICARAGÜENSE
(1981-1986)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social das Relações Políticas, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História. Área de concentração: História Social das Relações Políticas, Linha de pesquisa: Estado e Movimento Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Amador Gil.

**VITÓRIA
2005**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P659e Pinto, Luiz Antonio Gomes, 1969-
Em silêncio eles esperam pela tempestade : o neoconservadorismo e a
Revolução Nicaragüense : 1981-1986 / Luiz Antonio Gomes Pinto. –
2005.
170 f.

Orientador: Antonio Carlos Amador Gil.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Frente Sandinista de Liberación Nacional. 2. Ideologia. 3.
Comunismo - América Latina. 4. Nicarágua - Política e governo. 5.
Nicarágua - História - 1981-1986. I. Gil, Antonio Carlos Amador. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 93

LUIZ ANTONIO GOMES PINTO

**EM SILÊNCIO ELES ESPERAM PELA TEMPESTADE: O
NEOCONSERVADORISMO E A REVOLUÇÃO NICARAGÜENSE
(1981-1986)**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História Social das Relações Políticas. Linha de pesquisa: Estado e Movimento Sociais.

Aprovada em _____, _____, de 2005.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Vânia Maria Losada Moreira
Universidade Federal do Espírito Santo

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a *liberdade*, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os *meninos e o povo no poder*, eu quero ver
[...]
Se o *poeta* é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no *quintal*
[...]
Assim dizendo a minha *utopia* eu vou levando a vida
Eu vou viver bem melhor
Doido pra ver meu sonho teimoso um dia se realizar.
Milton Nascimento, *Coração Civil*

Quem domina o *passado* domina o *futuro*; quem
domina o *presente* domina o *passado*. [...] Se
queres uma *imagem* do futuro, pensa numa bota a
pisar o rosto humano, para sempre.

George Orwell, 1984

A minha mãe Geralda, que compartilhou o sofrimento de fazer uma dissertação.

Ao meu pai Raimundo (in memoriam), que me muito me incentivou.

Ao meu amor Raquel, por ter sido compreensiva nestes dois anos e meio.

Ao meu irmão Luiz Eduardo, o “inimigo íntimo” liberal, por sua ajuda.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer à CAPES, pelo apoio através da bolsa de pesquisa, que possibilitou por um ano dedicar-me exclusivamente a este trabalho; à secretaria do mestrado do Departamento de História, Dulcinete, Ivana e Belchior, por tudo.

Ao inventor da internet, que possibilitou a coleta das fontes para este trabalho. Aos sistemas de arquivos norte-americanos (National Archives Administration), a Ronald Reagan Library, que disponibilizou muitos dos pronunciamentos.

Para aqueles que me acompanharam nesta viagem ao centro da Terra, em especial aos meus amigos que deram valiosas contribuições ao trabalho, na forma de discussões e sugestões de leituras, a Ângela Marques (do PT rebelde) por ter tido a paciência de ler parte dessa dissertação, a Mauro Petersem, pelas preciosas sugestões acerca de autores neoconservadores, e a Prof^a Dr^a Márcia Barros, pela amizade e por proporcionar um maior entrosamento com Antonio Gramsci.

Aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Vânia Maria Losada Moreira, que contribuiu muito para a minha formação acadêmica, através de preciosos conselhos, ao Prof. Dr. Carlos Vinícius, por ter me trazido da “Europa” e me apaixonar por esse continente apaixonante, que é a América Latina e a Prof^a. Dr^a. Lina Maria Brandão de Aras, que aceitou de pronto o convite para participar da banca, e cujas contribuições serão de suma importância para a continuidade deste trabalho.

Por fim, ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Antonio Carlos Amador Gil, que ajudou, e muito, na produção deste trabalho, ajudando na medida certa, discutindo os pontos mais polêmicos com paciência, e me deixando livre para seguir sem impor este ou aquele ponto de vista, fundamental para a construção da amizade.

E a todos os demais não citados, mas que sabem que tem lugar garantido nos meus pensamentos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo, demonstrar a ascensão do projeto hegemônico neoconservador, nos Estados Unidos. E como seus principais pressupostos ideológicos são operacionalizados no interior dos pronunciamentos do presidente Ronald Reagan, sobre a Nicarágua. Os discursos foram direcionados à população norte-americana, e não aos países da América Central, como seria de se supor. O avanço do neoconservadorismo, assentou-se sobre bases históricas bem definidas. Esse início pode ser localizado no final dos sessenta, durante o governo Johnson, e suas políticas sociais, passando pela crise política e moral – Watergate, e a perda de confiança no poderio nacional, a partir da derrota na Guerra do Vietnã. Outro importante foco do neoconservadorismo, foi o excesso do Estado de bem-estar, que eles acreditavam, penalizou os setores produtivos da sociedade norte-americana. Reagan deu ênfase aos seguintes conceitos: liberdade-mercado, nação e nacionalismo, democracia e totalitarismo. Estes conceitos permitirão entender porque os ataques à Nicarágua se tornaram um importante elemento para a política externa dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Neoconservadorismo, Liberdade, Democracia, Nação, Totalitarismo e Revolução.

Abstract

This work has as objective, to demonstrate the ascension of the neoconservative's project of hegemony, in the United States. And as their main ones presupposed ideological they are used inside president Ronald Reagan's pronouncements, on Nicaragua. The speeches were addressed the North American population, and not to Central America countries, as it would be of supposing. The progress of the neoconservadorism, settled on very defined historical bases. That beginning can be located in the end of the 60's, during the government Johnson, and their social politics, going by the political and moral crisis - Watergate, and the trust loss in the national might, starting from the defeat in the War of Vietnam. Important other focus of the neoconservadorism, was the excess of the Welfare State, that they believed, it punished the productive sectors of the North American society. Reagan gave emphasis to the following concepts: freedom-market, nation and nationalism, democracy and totalitarianism. These concepts will allow to understand because the attacks to Nicaragua became an important element for the foreign policy of the United States.

Key words: Neoconservadorism, Freedom/Liberty, Democracy, Nation, Totalitarianism, and Revolution.

SUMÁRIO

Introdução – Caminhando pela Galeria de Lava	1
1. Viagem ao Centro da Terra	32
1.1 – Intersecção entre duas Rotas: A Guerra Fria	33
1.2 – A Rota da Esquerda: de Sandino à Manágua	50
1.3 – A Rota da Direita: Origens e desenvolvimentos dos <i>Contras</i>	61
1.4 – Descendo mais fundo para o Centro da Terra	63
2. Admirando os Matizes de Lava	69
2.1 – Liberdade	74
2.2 – Nação e Nacionalismo	93
3. Qual o caminho original?	112
3.1 – Democracia	112
3.2 – Totalitarismo	127
	<i>Considerações Finais</i> 155
	<i>Bibliografia</i> 161
	<i>Fontes</i> 172

Introdução

Caminhando Pela Galeria de Lava¹

Cumulus clouds formed heavily in the North², like huge wool packs heaped up in picturesque disorder. Under the influence of the breezes they merged together, growing darker, forming a single menacing mass. The raft lay motionless on the sluggish waveless sea *and in silence they waited for the storm.*³

A Nicarágua Sandinista, como os personagens de Julio Verne, observavam a formação de pesadas massas de nuvens negras, como prenúncio dos problemas que viriam a partir da posse de Ronald Reagan como presidente dos Estados Unidos, em janeiro de 1981. Nesse momento, a revolução contava com um ano e meio e a recuperação do país, devastado por uma longa guerra civil era prioridade. Mas, além dos problemas internos, outro ainda maior se avizinhava. A disposição do presidente norte-americano, em combater o comunismo sem tréguas, como ficou evidenciado nos discursos sobre a América Central, contribuiu para empurrar cada vez mais a Nicarágua para o lado cubano e soviético, pois esta era a opção mais plausível naquele momento.

As razões que levaram a escolha do título baseada numa passagem da obra do escritor francês Julio Verne, tem uma estreita relação com os acontecimentos na política global dos anos oitenta, e se alinha com o objeto desta pesquisa. O foco central, o pensamento neoconservador norte-americano, expresso na figura de Ronald Reagan. E a maneira como o neoconservadorismo se expressa através dos diversos pronunciamentos no período compreendido entre os anos de 1981 e 1986.

Paralelo ao pensamento neoconservador, a Viagem ao Centro da Terra, é vista pelo mesmo Julio Verne como uma volta ao mais remoto passado da história da Terra. Essa volta ao

¹ O início da jornada se deu através de uma galeria formada pela erupção vulcânica, onde admirados viam diferentes matizes da lava. Julio Verne. *Viagem ao Centro da Terra*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 119.

² No original, as pesadas formações de nuvens são observáveis ao sul. A inversão aqui é apenas para indicar a posição geográfica dos Estados Unidos em relação à Nicarágua.

³ “As nuvens cumulus amontoadas ao norte apresentavam um aspecto parecido com novelos de lã, numa pitoresca desordem. Sob a influência da brisa, esses novelos se juntaram, aumentando de volume e escurecendo cada vez mais, formando uma única e ameaçadora massa de nuvens. A jangada, devagar, navegava em um mar calmo e sem ondas, e em silêncio esperavam pela tempestade”. Julio Verne. *The Journey to the Centre of the Earth*. (edição em português publicada pela L&PM, Porto Alegre, 2002, p. 204).

passado se associa à retomada da política de contenção, pelo governo Reagan (cronologicamente a contenção se inaugura ainda no governo Carter). Ou como o retorno à *velha* Guerra Fria, aquela dos primeiros anos da Doutrina Truman, quando evitar a expansão do comunismo por todos os meios disponíveis era a premissa dos Estados Unidos.

A posição do governo Reagan acompanha o desenvolvimento da obra de Verne. No início a jornada rumo ao interior da Terra, ou seja, após a “*détente*”, que caracterizou uma fase da Guerra Fria, marcada pela cooperação, volta o confronto e disposição de recuperar o lugar dos Estados Unidos no cenário político-militar mundial. A jornada é marcada por descobertas importantes, como a disposição dos soviéticos em não proceder a uma expansão no continente centro-americano, embora os norte-americanos sempre divulgassem tal ameaça, tornada iminente. A fragilidade do sistema soviético, que daria sinais mais claros de colapso na segunda metade da década de oitenta.

A viagem de volta à superfície revelaria mais descobertas. Estas muito importantes, pois os Estados Unidos perceberam que o novo premiê soviético, Mikhail Gorbachev estava preocupado em reestruturar a União Soviética, e como isso renunciou a qualquer possibilidade de confronto com os Estados Unidos. E de sua parte, o presidente Reagan percebeu que havia do outro lado um interlocutor capaz de manter um diálogo possível entre as superpotências.

O mundo pós-Guerra Fria, embora não seja o objetivo deste trabalho, pode ser comparado ao “assustador vulcão Etna”, que representou o retorno à realidade global e revelou que a existência de uma única superpotência não era a garantia de paz ou equilíbrio global. Pois o

fim do comunismo deu lugar aos nacionalismos xenófobos, característicos do final do século XIX⁴, e demonstrou a fragilidade das relações internacionais.

Analisar a política externa norte-americana, através de seus formuladores⁵, que deixaram transparecer sua ideologia nos pronunciamentos do presidente Ronald Reagan, é o objetivo desse trabalho, e também analisar como esses pronunciamentos foram utilizados para convencer a opinião pública, interna e externa, e o Congresso norte-americano, especialmente esse último, da necessidade de neutralizar e isolar o governo nicaragüense, visto pelos Estados Unidos, como “exportador da teoria revolucionária”⁶

O trabalho será dividido em três capítulos, onde serão discutidas as progressões dos pronunciamentos de Ronald Reagan⁷, no sentido de reforçar suas posições em relação à Nicarágua, especialmente aquelas que justificam a ação dos *Contras* e que procuraram conseguir o necessário apoio político e financeiro em suas atividades de desestabilização do governo nicaragüense.

Os discursos estão agrupados em três séries de dois anos cada; a saber: 1981, ano de posse de Ronald Reagan, onde, além do discurso de posse, tem-se uma entrevista concedida ao jornalista Walter Cronkite, da rede de televisão norte-americana CBS. No ano de 1982, aumenta o número de discursos e percebe-se um endurecimento dos mesmos. Foram cinco pronunciamentos, onde os termos⁸ *liberdade* e *ditadura* são utilizados com freqüência para designar as diferenças entre os Estados Unidos e seus aliados, comparando-os com a União Soviética, Nicarágua e Cuba.

⁴ Eric J Hobsbawm. *Nações e nacionalismos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

⁵ Para citar apenas os mais importantes intelectuais, aparecem os nomes de Samuel Huntington, Herman Kahn, Daniel Bell, Jeanne Kirkpatrick e Zbigniew Brzezinski.

⁶ Ronald Reagan. *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*. Washington, 27 de abril de 1983.

⁷ Os objetos para a análise são discursos, pronunciamentos e mensagens no rádio e ao Congresso norte-americano.

⁸ Os adjetivos *liberdade* e *ditadura* não serão, neste momento, trabalhados como conceitos, pois eles fazem parte do corpo das falas do presidente norte-americano, e são utilizados mais para caracterizar e comparar, que propriamente para definir determinado regime. Em suma, sua utilização adquiriu caráter político.

No ano de 1982, é feita uma primeira referência à América Latina, e a América Central, em particular, como *Quintal* norte-americano, designação mais comum entre a esquerda latino-americana, que ao caracterizar o papel da ingerência norte-americana na região, define a área como quintal, ou seja, a área de influência dos Estados Unidos, onde este país colocava ou retirava governos de acordo com suas necessidades.⁹

Nos anos de 1983 e 1984, aumentam as referências à Nicarágua, e Reagan passa dar maior importância à situação interna em El Salvador, acusando freqüentemente o governo nicaraguense de fornecer apoio à guerrilha salvadorenha que objetivava derrubar o governo. Situação esta que, no entender do governo norte-americano, ameaçava seriamente a segurança nacional dos Estados Unidos e da região do Caribe, além de levar preocupação à manutenção do Canal do Panamá como via de comunicação entre os oceanos Atlântico e Pacífico, e por onde circulava uma considerável parte do comércio estadunidense.¹⁰

Os pronunciamentos vão ficando cada vez mais duros, inclusive acusando o governo nicaraguense de ser um regime *totalitário*.¹¹ O mais sério e duro pronunciamento de Reagan foi proferido em 27 de abril de 1983¹², quando acusou o governo sandinista de contribuir para a insegurança política na América Central, iniciando o processo em El Salvador e buscando “exportar” a revolução para os demais países da América Central, com o “claro objetivo de instalar outras ditaduras totalitárias comunistas” a exemplo da própria Nicarágua e Cuba.

⁹ O termo é utilizado também pelo autor norte-americano William LeoGrande em sua obra *Our own Backyard*, onde são analisados os desenvolvimentos da diplomacia norte-americana em três países da América Central, Nicarágua, El Salvador e Honduras. “Q. *Can we talk about the backyard of America?* Reagan. *The background of -- --*. Q. *The backyard*. Q. *Central America*. Reagan. *Oh.*” (Q. *Podemos falar sobre o quintal da América?* Reagan. *Antecedentes de... Q. O quintal*. Q. *América Central*. Reagan. *Oh.*). Ronald Reagan. *Interview in New York City with members of the Editorial Board of the New York Post*. 23 de março de 1982.

¹⁰ Conferir o pronunciamento feito em 27 de abril de 1983. *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*.

¹¹ A definição dada por Reagan ao governo sandinista apóia-se no ensaio de Jeanne Kirkpatrick, intitulado *Dictatorships and Double Standards*, publicado em 1979. O trabalho em questão serviu para justificar o apoio dos Estados Unidos à governos que são identificados como ditaduras, mas de modelo *autoritário*, o que quer dizer que apesar da repressão política, ainda mantinham algumas características do modelo liberal, como a manutenção em funcionamento dos poderes legislativo e judiciário, e diferenciar esses governos das *ditaduras comunistas*, estes sim, modelos de regimes totalitários.

¹² Ronald Reagan. *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*. Washington, 27 de abril de 1983.

O governo Reagan sofre duas derrotas em sua política de apoio aos *Contras*, a primeira em 1982, e a segunda, em 1984, quando o senador pelo estado de Massachusetts, o democrata Edward Boland fez passar no Congresso, duas emendas proibindo o envio de ajuda econômico-militar aos rebeldes nicaragüenses. Diante desses revezes, o presidente Reagan vê-se obrigado a mudar de tática. A batalha no Congresso, de maioria democrata e, portanto, de oposição ao presidente era cada vez mais complexa.

Ao mesmo tempo em que aumentou o número de pronunciamentos, Reagan redirecionou seus esforços para outros setores, além dos políticos, procurando cultivar o apoio das associações empresariais e mesmo de governos estrangeiros¹³, para que estes fizessem doações financeiras para os *Contras*, em seu esforço militar para derrubar o governo sandinista.

Em parte, o esforço logrou resultados positivos, embora a capacidade dos *Contras* em derrotar o exército sandinista estivesse muito aquém do necessário. Isso ocorreu, pelo reduzido número de militantes e também reduzido armamento disponível, e é nesse ponto que Reagan mais se esforçou para conseguir o apoio para os *Contras*, pois somente assim, eles conseguiriam atingir os objetivos militares, mas o resultado da ação dos rebeldes foi provocar ainda mais danos a já combatida infra-estrutura nicaragüense.

Embora não faça parte da proposta deste trabalho analisar o processo que resultou no *Irangate* ou *Irã-Contras*, este foi resultado da participação cada vez maior da CIA e dos conselheiros de segurança nacional (almirante John Poindexter e o coronel Oliver Notrh), no

¹³ Além das fontes oficiais norte-americanas – CIA, Pentágono e Departamento de Estado, buscou-se outras fontes de arrecadação, como Arábia Saudita (US\$ 32 milhões), Sultão de Brunei (US\$ 10 milhões), Taiwan (US\$ 2 milhões), além dos barões do narcotráfico (US\$ 10 milhões), e possivelmente Israel. No caso de Israel, ele desempenhou um papel importante na intermediação para a venda de armas ao Irã, naquele momento em guerra contra o Iraque, naquilo que ficou conhecido como *Irangate*. Peter H. Smith. *Talons of the eagle – dynamics of U.S. – Latin America relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 185.

contrabando de armas para o Irã via Israel¹⁴. O dinheiro que resultou da operação foi repassado aos *Contras*.

O transporte de armas, realizado por aviões e pilotos norte-americanos, para as bases militares dos rebeldes nicaragüenses, em território hondurenho e costarriquenho, neste último até 1987, facilitou outra atividade que vinha sendo desenvolvida paralelamente, transportar grandes quantidades de cocaína para o território dos Estados Unidos.¹⁵

Com a mudança do quadro político mundial, representada pela chegada de Mikhail Gorbatchev ao posto de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1985, os pronunciamentos do presidente Reagan nos anos de 1985 e 1986, adquiriram uma nova tonalidade. Diante da possibilidade de um maior diálogo com a União Soviética, e o abrandamento das tensões político-militares, entre as superpotências e além do esfriamento do interesse soviético pela Bacia do Caribe, levaram o governo norte-americano a tomar atitudes mais ousadas referentes à Nicarágua procurando cooptar o Congresso e demonstrar ao mesmo, a necessidade do envio de ajuda, ou seja, vencer a batalha interna e derrubar o veto resultante das duas emendas Boland (1982-1984). O esforço do presidente Reagan aparece com ênfase nestas passagens.

Qualquer proposta que abandone os mais de 15000 membros da resistência democrática para os comunistas, significa uma negação ao compromisso; isto é uma vergonhosa rendição. Se o Congresso não apoiar a aprovação da proposta, isso significará a consolidação da Nicarágua como um arsenal comunista-terrorista. E dará o sinal verde para a agressão patrocinada pelos soviéticos através do continente americano, ameaçando significativamente, nossa própria segurança.

Mas o Congresso pode evitar a crise, apoiando as negociações de paz, neste momento. Não deixando que os sandinista-comunistas e seus simpatizantes sejam as únicas vozes ouvidas. Deixemos que nossos

¹⁴ Ronald Reagan. *Statement on the Iran Arms and Contra Aid Controversy*. Washington, 16 de Dezembro de 1986.

¹⁵ Sobre o tráfico de cocaína para os Estados Unidos feito por pilotos encarregados do transporte de armas, cf. *Findings*. Disponível em <<http://www.cia.gov/cia/publications/cocaine/south.html>> acessado em 20 de dezembro de 2002, *Southern Contras*. Disponível em <<http://www.cia.gov/publications/cocaine/report/>> e *Northern Contras* <<http://www.cia.gov/cia/publications/cocaine/north.html>>. acessado em 21 de dezembro de 2002. além do livro de Peter Dale Scott e Jonathan Marshall. *Cocaine Politics – drugs, armies, and the CIA in Central America*. Berkeley, Ca: University of California Press, 1998.

membros do Congresso e do Senado ouçam as vozes daqueles que amam a liberdade e a democracia.¹⁶

O presidente norte-americano alertava o Congresso sobre os riscos de negar o apoio político necessário à sua proposta de paz para a região. Qualquer ameaça ao solo norte-americano seria de total responsabilidade do Congresso, pois a visão limitada deste, impedindo-o de perceber o problema maior, a vitória do comunismo, estava turvada pela influência da ideologia liberal-democrata e os resquícios dos anos Carter à frente do governo.

O maior número de pronunciamentos situa-se nesses dois últimos anos, e eles refletem o momento histórico-político que adquiriu importante significado, não somente nas relações leste-oeste, como na política dos Estados Unidos para a América Central. O primeiro momento, o da chegada de Gorbachev ao comando do PCUS, em 1985, e a guinada política dos Estados Unidos, que ao aumentar o volume de ajuda aos *Contras*, para valores próximos aos 100 milhões de dólares anuais, intensificou o projeto de retirar os sandinistas do poder a qualquer custo.¹⁷

Nos pronunciamentos, o presidente norte-americano tinha o cuidado de promover dicotomias. Ele opunha termos como *democracia* × *comunismo*, e transformando o último como sinônimo para *terrorismo*, *ditadura*, *totalitarismo*, exatamente para vinculá-los ao governo nicaraguense e retirar as possíveis fontes de apoio e simpatia que este governo possuía, seja no Congresso norte-americano, seja na sociedade norte-americana. É interessante observar que os pronunciamentos são mais voltados para o público norte-americano, não havendo a preocupação em direcioná-los para o público externo. Isso

¹⁶ "Any proposal that abandons over 15,000 members of a democratic resistance to communists is not a compromise; it's a shameful surrender. If Congress ever approves such a proposal, it would give a green light to Soviet-sponsored aggression throughout the American mainland, ultimately threatening our own security. (...) But Congress can prevent a crisis by supporting peace negotiations now. Don't let the Sandinista Communists and their sympathizers be the only voices heard. Let our Members of Congress and Senators hear the voices of you who love liberty and democracy, too." Ronald Reagan. *Radio address to the Nation on the Central America Peace Proposal*. Washington, 20 de abril de 1985.

¹⁷ Ronald Reagan. *Message to the Congress transmitting a Request for Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance*. Washington, 25 de fevereiro de 1986.

decorre do fato de que para o governo norte-americano, o assunto *Nicarágua/América Central* era um problema de segurança nacional norte-americana.¹⁸

O papel desempenhado pelo neoconservadorismo¹⁹ é primordial no estabelecimento dos parâmetros da política externa nos anos oitenta e início dos noventa. O neoconservadorismo não faz concessões às oposições políticas internas (acusadas de não serem patriotas) e externas (vistas como interessadas na destruição da hegemonia norte-americana), e através da ação de propaganda construir o consenso ao redor de suas teses principais²⁰, como a defesa incondicional do liberalismo econômico, respeito total à propriedade privada e a constatação da “existência de uma profunda crise política”, como resultado do liberalismo político, que não é a mesma coisa que liberalismo econômico,²¹ defendido pelos democratas, e sendo refletido na crescente perda de legitimidade do governo.

A hipótese a ser desenvolvida se refere à ação dos Estados Unidos na América Central como o resultado do endurecimento da política externa, motivada pela necessidade de conter a ameaça, real ou imaginada, comunista representada pelo governo Sandinista. O empenho do governo norte-americano em alcançar este propósito é demonstrado em três situações: 1) convencer o Congresso da necessidade de enviar mais ajuda militar e econômica para os *Contras*, pois a existência da Nicarágua sandinista significava uma ameaça à segurança dos Estados Unidos.

¹⁸ A segurança nacional é um tema recorrente nos pronunciamentos de Ronald Reagan. Os interesses norte-americanos na região não se limitavam a assuntos econômicos. Os interesses políticos também não se limitavam às eleições em El Salvador, sempre usado em comparação à Nicarágua, mas evitar o que ele acreditava serem os sinais claros do avanço dos comunistas pelo continente americano. O alerta referente à ameaça nicaraguense, embora exagerado, fazia parte da estratégia norte-americana de justificar uma possível intervenção naquele país, ou pelo menos, ampliar o apoio aos *Contras*.

¹⁹ O neoconservadorismo e sua matriz o conservadorismo norte-americano, não devem ser confundidos com o conservadorismo tradicional. O conservadorismo tradicional (e para diferenciá-lo do norte-americano, adotarei para este último o conceito de *neoconservadorismo*) se distingue pela crítica ao progressismo e aos valores legados pelo Iluminismo. Ele possui caráter reativo e é identificado com grupos que visam manter o *status quo* aristocrático. O neoconservadorismo é o resultado do criticismo à ascensão das massas no período contemporâneo, além de elevar o patriotismo a categoria de *credo nacional*. Possui também como característica a defesa do individualismo radical, de matriz lockeana, ou seja, liberando o indivíduo da opressão exercida pelo Estado. Cf. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. *Dicionário de Política A-K*. 11ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, pp. 242-246.

²⁰ Ver no discurso de posse de Ronald Reagan, *Inaugural Address*, de 20 de janeiro de 1981.

²¹ Além de não confundir *liberalismo econômico* com *liberalismo político*, não devemos confundir *democracia* com *capitalismo* ou *economia de mercado*.

A tarefa possui o complicador de que a maioria no Congresso pertencer ao Partido Democrata²²; 2) convencer a opinião pública norte-americana de que a América Central não se tornaria um outro Vietnã; e 3) Eliminar em definitivo o trauma produzido pela Guerra do Vietnã. Pois era perceptível a existência de dois Estados Unidos, um antes e outro depois. O primeiro confiante em sua capacidade militar, econômica e política; o outro que perdera sua hegemonia, e assistia o avanço de forças que ele ajudara a derrotar (Alemanha e Japão), e o avanço de seus inimigos ideológicos (União Soviética e China). Para solucionar esses três pontos, Reagan em seus discursos fez larga utilização de termos que caracterizam o comunismo como um mal, e por isso deveria ser contido e eliminado.

No interior do governo existiam dois grupos que debateram sobre a necessidade de uma política para a América Central. De um lado, o setor linha-dura – “*hard liners*” – que acreditavam não haver limites para o esforço norte-americano na região, ou seja, considerava a América Central o principal teatro de operações em sua cruzada contra o comunismo.²³ Por outro lado, os pragmáticos – “*pragmatists*” – defensores da idéia de que a América Central era secundária no esforço norte-americano, por isso acreditavam que o governo dos Estados Unidos deveria voltar a sua atenção para as áreas consideradas mais sensíveis, como a Europa e o Oriente Médio.

Com isso, a nomeação de assessores mais afinados com a ideologia neoconservadora, para postos-chaves do governo significou a vitória do grupo linha-dura sobre os pragmáticos e também a vitória da política de Reagan para a América Central. A nomeação de George Shultz, para o Departamento de Estado, em substituição a Alexander Haig²⁴, e a nomeação

²² Embora existissem nas fileiras democratas, congressistas definidos como conservadores, as dificuldades de Reagan para passar os projetos voltados para ajuda militar para a América Central.

²³ Os limites podem ser de ordem moral, política e militar. A possibilidade de uma intervenção direta não era descartada, mas as implicações políticas decorrentes deste tipo de ação seriam incalculáveis.

²⁴ Apesar de Alexander Haig ser afinado com a ideologia neoconservadora, sua inabilidade no trato da política externa e os atritos com outros membros do governo norte-americano, exatamente os assessores mais fortes na formulação da política externa, como os conselheiros presidenciais James Baker e Michael Deaver; o Secretário de Defesa, Caspar Weinberger; a embaixadora na ONU, Jeane Kirkpatrick; e o Conselheiro em Segurança Nacional, William Clark. William M. LeoGrande. *Our own backyard – the United States in Central America 1977-1992*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p. cit., p. 72-103.

de Jeane Kirkpatrick como representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas. Ambos legítimos representantes da linha-dura e do neoconservadorismo norte-americano.

A influência de ambos pode ser percebida a partir de 1983, quando há um endurecimento significativo da retórica norte-americana em relação à Nicarágua, ao contrário dos dois anos anteriores, 1981 e 1982, que embora já contasse com fortes elementos do anticomunismo reaganiano, ainda não havia propostas muito claras a respeito da situação local, neste caso, a possibilidade de derrubar o governo nicaraguense. E nos anos 1985 e 1986, com a percepção de que o regime soviético enfraquecia e deslocava sua atenção para outras áreas, como as regiões no interior da Cortina de Ferro e problemas internos (econômicos e sociais)²⁵, encorajaram os Estados Unidos a discutir mais abertamente a possibilidade de derrubar o governo da Nicarágua, e a busca de alternativas de financiamento para prover os *Contras*.

Assim, a hipótese desenvolvida é a influência do neoconservadorismo na formulação da política externa para a América Central, baseados nos princípios de ideologia, e a mudança de tom decorrente dessa influência, a partir de 1983. E como os elementos da ideologia neoconservadora penetraram na sociedade norte-americana

A partir desta pesquisa, pretendo atingir os seguintes objetivos:

1) Ressaltar o papel desempenhado pelo Departamento de Estado e pela CIA, nos anos de 1981 a 1986 (recorte temporal da pesquisa); 2) Perceber como a ideologia neoconservadora influenciou a política externa dos Estados Unidos; e 3) Qual o alcance da ideologia de segurança nacional na construção da política externa (e se ela manteve uma relação mais estreita com o neoconservadorismo).

²⁵ Robert Kurz. *O colapso da modernização*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 119-139.

Como os objetos de análise serão os pronunciamentos de Ronald Reagan, no interior da periodização proposta (1981-1986). Embora a cronologia seja importante, a análise se processará através dos conceitos empregados por Ronald Reagan em seus pronunciamentos. Divididos em duas partes. A primeira abarcando conceitos como *Liberdade e Nação*. E na segunda os conceitos de *Totalitarismo e Democracia*.

A metodologia empregada será a análise de discurso. E como o modelo empregado tem sua base na teoria marxista, a análise passa pela discussão do conceito de ideologia, e como ela desempenha papel fundamental de coesão política no interior da sociedade²⁶.

Os trabalhos que servirão de base para a metodologia proposta são os de Mikhail Bakhtin²⁷ e Michel Pêcheux²⁸. E o suporte a esses dois autores são os textos de Noemi Goldman²⁹, que discute o próprio Pêcheux, além de trazer as discussões com Régine Robin, cujo trabalho é influenciado pelo marxismo, e Michel Foucault. Outro autor é José Luiz Fiorin³⁰, que também trabalha a análise de discurso dando ênfase ao papel desempenhado pela ideologia em seu interior.

Para discutir ideologia e seus desenvolvimentos, e sua aplicabilidade na metodologia proposta, considero fundamental utilizar o instrumental teórico de Antonio Gramsci³¹, exatamente porque amplia o conceito de ideologia, indo além das formulações de Marx, sem negá-lo, levando em consideração a própria historicidade do conceito. Gramsci construiu seu conceito de ideologia em *sentido positivo*, ou seja, não operacionalizando ideologia como *falsa consciência*, ou mesmo *falseamento da realidade*. Propõe ainda, a emergência de uma *contra-ideologia*, o que no contexto do trabalho é de suma importância, pois

²⁶ Lembrar que existe também a existência de uma contra-ideologia, o que não impede a percepção do trabalho da ideologia no interior dos grupos sociais.

²⁷ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

²⁸ Michel Pêcheux. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

²⁹ Noemi Goldman. *El discurso como objeto de la historia*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1989.

³⁰ José Luiz Fiorin. *Ideologia e linguagem*. São Paulo: Ática, 1988.

³¹ Antonio Gramsci. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

assistimos o embate entre duas ideologias surgidas no seio da(s) classe(s) dominante(s): o *liberalismo democrata* e o *neoconservadorismo republicano*.³²

O que de importante existe em tal proposição? Gramsci estabelece para as relações ideológicas (dominantes × dominados) a mesma relação existente entre *infra-estrutura* e *superestrutura*, o que pode ser traduzido como uma relação dialética, não somente de contraposição, mas efetivamente, de superação.

Terry Eagleton³³, discute o desenvolvimento do conceito de ideologia e neste sentido, três capítulos são fundamentais. O primeiro: *O que é ideologia*, procura dar a definição do conceito. O segundo: *Gramsci e Lukács* resgatam o debate entre os dois autores marxistas sobre a ideologia ser ou não falsa consciência. Enquanto Lukács encontra-se influenciado pelo marxismo positivista, e por essa razão, acreditar que o marxismo por ser uma ciência não poderia ser considerado como ideologia, Gramsci ultrapassa os limites do marxista húngaro afirmando que a ideologia perpassa as estruturas sócio-políticas e econômicas, não ficando restrita à superestrutura.

Retomando o problema discutido no primeiro capítulo, quando trabalha com a definição de ideologia, Eagleton faz uma exposição de vários pontos que podem ser considerados como definições de ideologia. Quando o autor listou dezesseis possíveis definições do conceito, percebi aquelas que podem ser percebidas como tal. Aqui cito as que considero as que melhor definem o que é ideologia:

b) um corpo de idéias característico de um determinado grupo ou classe social; c) idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante; h) pensamento de identidade; j) conjuntura de *discurso e poder*; k) o veículo pelo qual *atores sociais conscientes* entendem o seu mundo.³⁴

³² As posições políticas de democratas e republicanos indicam a existência de grupos, dentro destes partidos, que assumem esta ou aquela ideologia. podemos encontrar democratas que estão afinados com o neoconservadorismo, e republicanos que se aproximam do liberalismo democrata. Isto prova que ambos partidos não constituem blocos monolíticos. Cf. George C. Edwards III, Martin P. Wattenberg, Robert L. Lineberry. *Government in America – Peoples, Politics, and Policy*. 3ª ed. New York: Longman, 1997.

³³ Terry Eagleton. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Unesp/Boitempo, 1997.

³⁴ *Ibidem*, p. 15-16.

Dissecando cada um dos itens apontados, posso associá-los aos discursos e a compreensão da metodologia empregada. No primeiro item, o corpo social (e político) é o neoconservador que se transformou no bloco histórico ao chegar à Casa Branca, em 1981, e com os mecanismos ideológicos necessários para manter o poder até 1992.

Quando se discute o segundo ponto, os discursos assumem posição chave, já que sua situação histórica específica, obrigou a formular proposições que aliavam política externa com tradições político-sociais. A recuperação dos valores do liberalismo lockeano, como o individualismo, fazia parte do credo neoconservador. O discurso neoconservador encontrou eco em parte considerável da sociedade (a chamada maioria moral), descrente com vários aspectos da política doméstica, retração econômica e políticas de afirmação racial.

O *pensamento de identidade* manteve os neoconservadores unidos em torno de um corpo de idéias homogêneo. Essas idéias eram: ampliar as bases do poder norte-americano, em âmbito externo³⁵ e a diminuição do tamanho do Estado em âmbito interno³⁶. Quando se fala em mudança de postura nos assuntos externos, o principal elemento identificador da ideologia neoconservadora é o anticomunismo e em decorrência desta posição, a retomada da política de contenção, característico dos primeiros anos da Guerra Fria. Política de contenção inaugurada no governo de Harry Truman (1945-1953).

O ponto *conjuntura de discurso e poder* é o mais importante para o trabalho e reforça a importância do papel da ideologia no interior da análise de discurso. No primeiro momento, acredita-se que estaria remetendo a proposta de Michel Foucault, que enxerga “seu objeto somente em termos de justaposição, sendo que em nenhum momento o nível discursivo

³⁵ Hegemonia que os neoconservadores julgavam que os Estados Unidos tinham perdido ao longo dos anos sessenta e setenta, especialmente após a derrota no Vietnã, além do crescimento daquilo que eles julgavam como ameaça, o poder político e militar soviético e chinês.

³⁶ Os neoconservadores defendiam a aplicação dos preceitos econômicos liberais puros, ou seja, pouca interferência do Estado na economia, além de incentivos à produção para o fortalecimento da economia capitalista. Além de atribuir a emergência dessa crise não em “problemas sérios originados na estrutura produtiva norte-americana. Ela é inocente diante da desordem atual: não foram as instituições fundamentais da sociedade capitalista que produziram o atual estado de coisas. As causas da crise tampouco devem ser buscadas nas fraquezas ou capitulações da classe política encarregada da manipulação do aparelho estatal”. Atilio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 167.

seja *relacionado com o conjunto articulado de uma formação social*.³⁷ Isso significa, que para o filósofo francês, o discurso ganha autonomia quando confrontado com as lutas no interior da sociedade, ou de um modo de produção determinado.

Ao operar no sentido proposto por Eagleton, *conjuntura de discurso e poder*, percorre caminho diferente. A relação conjuntural. Não que tal relação encerre situações de falseamento ou ocultamento da realidade, pois tal proposição retoma o sentido de ideologia como *falsa consciência*. O discurso como instrumento de poder deve ser pensado tanto como poder dominante, como também a reação a esse poder (se existe poder dominante, ele somente é possível a partir da existência do dominado).

Uma análise desse tipo é o ponto onde se encontram os maiores problemas quanto ao papel desempenhado pela ideologia. Ao trabalhar a ideologia em seu sentido negativo, corre-se o risco de invalidar todo o discurso, conseqüentemente aquele que o enuncia também não acreditaria em sua própria fala. Para o sujeito³⁸ (numa relação de dominação, esse sujeito é o dominado) receptor desse discurso e, sendo o discurso fruto do falseamento da realidade, e é que aparece o tema central do problema: *discurso e ideologia*, logo se perceberia a farsa. Assim, o discurso não teria valor e seu efeito político seria inócuo.

Tomando a ideologia como “visão de mundo” (*weltanschauung*) que permite que os grupos sociais o entendam, isso permite que eu aponte para uma discussão filosófica acerca do *real*³⁹ e da *realidade*⁴⁰. O primeiro conceito remete ao fato *em si*, ou seja, em seu estado puro, livre de interferências dos atores sociais. Seria o real semelhante a situação da classe que ainda não atingiu a *consciência de classe*. O segundo conceito, *realidade*, aparece

³⁷ “[...] su objeto sólo en términos de yuxtaposición, sin que en ningún momento el nivel discursivo sea relacionado con el conjunto articulado de una formación social”. Noemí Goldman. *El discurso como objeto de la historia*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1989, p. 25.

³⁸ Entender que o *sujeito*, no marxismo, não é o indivíduo atomizado, mas o *sujeito* coletivo, isto é, as classes sociais.

³⁹ Nicola Abbagnano. *Dicionário de filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 831.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 831-834.

como o fato já operacionalizado pelos atores sociais, e tal processo torna-se possível através da ideologia.

Dessa maneira, a *realidade* é a “adequação” entendida como adaptação aos instrumentos dos grupos sociais, do mundo real. É a *realidade*, o *real* que deixou de ser um fato ou uma coisa *em si* e passa a ser um fato ou uma coisa *para si*⁴¹. O que isso significa? Significa que para o *real* ser apreendido, precisa de uma ação exterior a ele. Tal função é exercida pela ideologia, mecanismo que permite a apreensão do *real* e mediatizá-lo pelos grupos sociais.

A *realidade* não é exterior à consciência e também não é gerada exclusivamente pela consciência, o que neste ponto remeteria ao idealismo. Isso reforça o fato de que a *realidade* é mediatizada por seus elementos constitutivos, principalmente se encarando isso a partir das influências sociais. Assim, aparece uma pergunta: existe determinismo social? Não. Primeiro, porque a ideologia é construída no interior das sociedades, o que indica seu caráter histórico. Segundo, porque ao abandonar a posição althusseriana acerca da ideologia, escapo às determinações de caráter estruturalista.⁴²

Althusser localiza, particularmente (como outros autores marxistas), a ideologia na superestrutura, e esta aparece como determinada pela infra-estrutura, o que transforma a ideologia em um reflexo da base econômica⁴³. Proposição que Gramsci evitou, ao ampliar o raio de ação da ideologia no interior da sociedade.

O *estruturalismo* é o fantasma que ronda o trabalho de Pêcheux. Tal fantasma não invalida a maneira como o autor francês orienta sua análise de discurso, conservando o principal da

⁴¹ A oposição entre *em si* e *para si*, remete ao papel desempenhado pela consciência na formação das classes sociais. O primeiro momento, *em si*, é o aquele em que um grupo social não tomou conhecimento de sua posição no processo histórico. O segundo ocorre quando o grupo social adquiriu a consciência de classe (a ideologia) e passa a perceber sua relação com outras classes. O modelo foi tomado emprestado por Marx de Hegel. Aqui serviu para ilustrar a diferença o *real* e a *realidade*.

⁴² O estruturalismo, ao trabalhar com sistemas, acaba por ocultar o sujeito. Ao reduzir o papel do sujeito histórico no processo de desenvolvimento das sociedades, o estruturalismo acaba por omitir, mesmo que não intencionalmente, o processo histórico. Cf. Tom B. Bottomore. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 140-141.

⁴³ Louis Althusser. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 61.

teoria marxista, a dialeticidade e a historicidade da ideologia. Mas, o mérito maior de Pêcheux, como também de Bakhtin, é construir a análise de discurso a partir do fenômeno ideológico.

A influência de Althusser sobre Pêcheux não aparece somente na abordagem da ideologia, mas aparece também nominalmente. Althusser é citado diversas vezes ao longo da obra (exatamente para servir de suporte teórico), e sabendo como Althusser trabalha com o conceito de ideologia, além da clássica divisão *superestrutura – infra-estrutura*, torna-se mais e mais perceptível o viés *estruturalista* de Pêcheux.

É óbvio que, ao abordar a metodologia em questão, julgo necessário apresentar como Pêcheux e, conseqüentemente Althusser, trabalham a ideologia. Para Althusser⁴⁴ a ideologia é um componente superestrutural, ao lado, por exemplo, do Estado. Assim, ele responde à pergunta sobre a origem da ideologia e sua função. A ideologia, como a própria superestrutura, é o resultado direto, e quase determinado, dos movimentos na infra-estrutura. Dessa forma, a infra-estrutura ou base (região do edifício teórico onde estão localizadas as relações econômicas) determinaria a forma como os atores sociais constroem suas ideologias e, mesmo, o próprio Estado como sendo fruto dessa dinâmica interna.⁴⁵

A *função* da ideologia é fornecer coesão e sustentabilidade aos processos sociais. Não é à toa que Althusser intitula sua obra de *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIE). E a ideologia atuaria através desses mecanismos no processo de ocultação/mistificação, pois para Althusser, a ideologia aparece em seu sentido negativo. E onde a ideologia estaria presente? Estariam presentes nas instituições componentes da *sociedade civil* (o termo aqui é tomado emprestado de Gramsci), que são: a Escola, a Igreja, a Família, estes em

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Há um debate entre os marxistas sobre o determinismo infra-estrutural. Para alguns, a determinação das relações econômicas funciona como um dogma. Este ponto é característico no interior do marxismo mais mecanicista, oriundo da II Internacional. Para outros marxistas, a relação dialética entre as estruturas é o que define suas transformações. Tais posições ficaram evidenciadas no chamado eurocomunismo, ou marxismo ocidental. Cf. Perry Anderson. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

oposição ao que Althusser classifica como *Aparelhos Repressivos de Estado* (ARE), cujos componentes são: o Exército, a Polícia, a Magistratura.

Pêcheux transporta para seu método de análise do discurso as categorias althusserianas, realizando, porém, as adequações necessárias para o método. Pêcheux ao colocar também a ideologia na superestrutura, indica (e é neste ponto que a influência althusseriana não prejudica o método) a proximidade entre discurso e poder.⁴⁶ Para reforçar o argumento sobre a proximidade e relação entre discurso e poder, e da definição de ideologia, é manter a percepção de que ela é um produto social.

A influência de Althusser sobre Pêcheux aparece na afirmação do segundo, quando:

[...] estamos destacando “condições ideológicas da reprodução / transformação das relações e produção”, é porque a *área da ideologia não é*, de modo algum, o *único elemento* dentro do qual se efetuará a reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social; isso *seria ignorar as determinações econômicas que condicionam* “em última instância” essa reprodução/transformação, no próprio interior da produção econômica, fato evocado por Althusser no começo de seu trabalho sobre os aparelhos ideológicos de Estado.⁴⁷ (grifos nossos)

Aqui aparece a clara indicação da posição ocupada pela ideologia na superestrutura. Outro aspecto é o papel da infra-estrutura econômica na determinação das relações de reprodução/transformação, o que reflete na formulação ideológica dos grupos sociais. Sistemáticamente, Pêcheux não ignora o papel desempenhado pelos AIE como instrumentos ideológicos que garantem a coesão social, e influencia no discurso dos grupos sociais. Neste sentido, Pêcheux discute as influências e o caráter ideológico dos discursos científicos, tidos por muitos como discursos neutros de significado, que ele julga, acertadamente, como desmembramentos da ideologia em “regiões” (Deus, a Moral, a Lei, a

⁴⁶ Ao comentar Etienne Balibar, Michel Pêcheux afirmou que a “‘indiferença’ da língua em relação à luta de classes caracteriza a *autonomia relativa* do sistema lingüístico e que, dissimetricamente, o fato de que as classes não sejam ‘indiferentes’ à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”. Michel Pêcheux. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 92.

⁴⁷ Ibidem, p. 143-144.

Justiça, a Família, o Saber, etc.)⁴⁸. Pode-se observar que os elementos escolhidos por Pêcheux para ilustrar seu exemplo são os mesmos de Althusser na definição dos *AIEs*. E estes elementos compõem tanto os *AIEs*, como os *AREs*, formando uma totalidade, um sistema. Mas um sistema não-homogêneo.

Pêcheux divide a ideologia em duas: uma ideologia geral, *a-histórica*. Definição perigosa, pois ao crer na existência de uma ideologia sem história (o que chamou de *omni-histórica*)⁴⁹ ou imutável, o autor apresenta o processo de luta de classes que perpassaria, como a *ideologia geral*, toda a história. O problema é que se a luta de classes tem caráter tão amplo, acaba por prejudicar os postulados do próprio marxismo: a historicidade das formações sociais expressa em seus modos de produção. Seu ponto de partida para tal constatação são as posições tomadas por Marx no *Manifesto*, ao afirmar que a história da humanidade é a história da luta de classes⁵⁰.

A outra forma de ideologia, tem como característica sua forma histórica, influenciada pelo modo de produção específico (e prudentemente, definido como *modo de produção capitalista*), e isso parece mais evidente quando afirma que Althusser, em resposta a uma polêmica⁵¹, indica a ação da ideologia, como maneira de “contato” e “diálogo” da burguesia com seu oponente, o *proletariado*.

O teórico russo Mikhail Bakhtin, também propõe como elemento de análise de discurso, a identificação dos componentes ideológicos no interior do discurso. Para Bakhtin, o *signo* somente torna-se *signo* através da ideologia. É ela, a ideologia, que permite a inteligibilidade do *signo*. O signo, e aí reforça ainda mais o papel da ideologia, também é um *produto social*, tornado possível através da interação entre os sujeitos. Da mesma forma que a ideologia

⁴⁸ Ibidem, p. 146.

⁴⁹ Ibidem, p. 151.

⁵⁰ Karl Marx & Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

⁵¹ Althusser antecipou-se a uma tese que colocava no “conjunto dos aparelhos ideológicos” os sindicatos e os partidos políticos. Cf. Michel Pêcheux. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 146.

também é um produto social. Por essa razão, tanto Bakhtin como Pêcheux, insistem na construção da ideologia como relação às transformações na infra-estrutura.⁵²

Explicar, esquematicamente, alguns pontos da obra de Bakhtin, permite que se tenha uma compreensão da estrutura trabalhada pelo autor. O primeiro ponto, *signo e ideologia*, se refere a questão colocada anteriormente, *real e realidade*. Um serve de base para o outro, mas como o próprio autor assegura, existe a preocupação, sob o risco de tornar inválido, identificar os símbolos no interior de formações sociais concretas, ou seja, não é somente a existência de um símbolo que indica a presença da ideologia, seu significado somente ganha sentido à medida que possa ser reconhecido pelos sujeitos que interagem socialmente.

Tomo como exemplo, na discussão do símbolo como item social, o signo *democracia*, tema recorrente nos discursos de Reagan. Ela somente tem sentido porque as pessoas, para quem os discursos se dirigem, concebem o que seja *democracia*⁵³, e percebe que não se trata de incorporar nesse termo suas especificidades (democracia clássica, democracia liberal, democracia socialista). As pessoas têm como significado de democracia, especialmente nos Estados Unidos, um sistema político que garante os direitos políticos à representatividade, liberdade de expressão e direito à propriedade. É neste terreno que o conteúdo ideológico do discurso de Reagan atua.⁵⁴

Como já foi discutido que a realidade é um produto social, coloco uma citação de Bakhtin sobre o signo e sua relação com a realidade:

⁵² Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 40.

⁵³ Tais termos são apreendidos na convivência com outros sujeitos. Nunca é um aprendizado individual. Essa observação torna válida, pelo menos em parte, o modelo dos "Aparelhos Ideológicos de Estado". Particularmente, prefiro a matriz de Gramsci, que coloca a cultura como instrumento fundamental nesse processo de socialização.

⁵⁴ O exemplo do discurso pronunciado em 27 de abril de 1983, *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*, é muito ilustrativo sobre os objetivos de Reagan. Ele associou os guerrilheiros salvadorenhos, definidos como *marxistas-leninistas*, ao governo sandinista da Nicarágua (que para o presidente norte-americano era uma ditadura), e que os guerrilheiros estariam "ameaçando de morte qualquer um que se propusesse a votar". Por associação, no discurso, marxismo-leninismo não é favorável à democracia. Daí percebe-se que para garantir a "democracia" na América Central, tornou-se necessário isolar a Nicarágua.

Um signo não existe apenas como parte de uma *realidade*; ele também *reflete* e *refrata* uma outra. Ele pode *distorcer* essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo *está sujeito aos critérios de avaliação ideológica*. O domínio do ideológico *coincide* com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes.⁵⁵ (grifos nossos)

Ao comentar a citação, alguns elementos ganham destaque. O primeiro, considerar a existência de uma *outra realidade*, em acordo com diferentes posições ideológicas, não que isso signifique enveredar pelo caminho, fácil, do relativismo⁵⁶, onde todas as posições são válidas e mutuamente excludentes, o que parece ocorrer à primeira vista.

Utilizo aqui o termo *democracia*, para demonstrar essa hipótese. *Democracia* para os liberais vem acompanhada de *mercado* e *propriedade privada*, como indicado no discurso de Reagan. Os liberais apostavam na desconfiança que socialistas depositavam no termo *democracia*, que freqüentemente chamavam de *democracia burguesa*. Mas socialistas e comunistas não eram contrários à *democracia*, mas sim a um tipo específico de *democracia*.⁵⁷ A existência de duas *realidades* e, conseqüentemente, duas *ideologias* indica o caráter da luta de classes no interior das estruturas sócio-político e econômica.

A possibilidade de distorção da realidade, retoma um tema recorrente no marxismo. A ideologia como *falsa consciência*. A posição intelectual de Bakhtin, como de outros intelectuais marxistas, foi influenciada pelo Marx de *A ideologia alemã*.⁵⁸ O próprio Marx volta a discutir ideologia em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*,⁵⁹ para investigar a

⁵⁵ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 32.

⁵⁶ Adam Schaff. *História e verdade*. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 197.

⁵⁷ Não quero discutir os critérios teóricos de Ernest Mandel. O utilizo aqui apenas para ilustrar o exemplo da desconfiança dos socialistas à *democracia burguesa*. Algumas passagens do texto de Mandel ilustram essa desconfiança. "Em muitos países capitalistas avançados, as massas demonstraram um forte apego à *democracia representativa burguesa*, à '*democracia formal*'. Isto é exatamente como se as massas populares tivessem elas mesmas a percepção da *burguesia (ideologia como falsa consciência)*: 'A república democrática talvez seja um regime abominável, mas isto é certamente a menos abominável de todas as formas'. Ernst Mandel. *Revolutionary Marxism Today*. Oxford (England): NLB, 1979, p. 14.

⁵⁸ "As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação [...] Com efeito, cada nova classe que toma o lugar da que dominava antes dela é obrigada, para alcançar os fins a que propõe, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade, isto é, para expressar isso mesmo em termos ideais: é obrigada a emprestar às suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como sendo as únicas racionais, as únicas universalmente válidas". Karl Marx & Friedrich Engels. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. 10º ed. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 72 e 74.

⁵⁹ Karl Marx. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. 2ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2000.

ideologia revolucionária da burguesia, no episódio do golpe que levou a monarquia novamente ao poder na França, com o apoio da burguesia (“classe revolucionária”).

Quando discute o problema da *distorção*, mesmo como *falseamento*, Bakhtin (como Marx) a concebe como distorção quando uma classe, a que não produziu a ideologia (por exemplo, o proletariado), a adota como *sua ideologia*. Caso o teórico russo colocasse a ideologia como *total* falseamento, invalidaria seu método de análise, e isto é observado nesta passagem:

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica [...] A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. [...] A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo.⁶⁰

Mais uma vez o conceito de *realidade* é apresentado. Exatamente para indicar a permanência da ideologia e seu produto, a própria realidade, que é historicamente localizável, e não é algo que se possa conceber fora da sociedade. O que é válido observar é a ausência da discussão acerca da *verdade* para demonstrar a validade da ideologia. Isso ocorre, porque problematizar o conceito de ideologia, pelo menos no marxismo menos mecanicista, não permite ficar restrito às questões de verdadeiro ou falso. Mas a sua validade como produto determinado histórica e socialmente.

Nas palavras do próprio Bakhtin: “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”.⁶¹

Essa historicidade da ideologia é acompanhada da tentativa, feita pela classe dominante, de *universalizar* seu discurso. A universalização é decorrente do momento em que a manutenção do poder torna-se a principal tarefa. Garantir o que Gramsci denominou de *hegemonia* (retomarei o assunto mais adiante).

⁶⁰ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 36.

⁶¹ *Ibidem*, p. 43.

Bakhtin aponta ainda, para o caráter psíquico do fenômeno ideológico, que é o resultado dos processos ocorridos na consciência dos sujeitos históricos. Seria a ideologia uma espécie de *sintoma* ou indício⁶² da posição de classe ocupada pelo sujeito. O autor russo afirma que:

[...] todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória. Repetindo: *todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência.*⁶³ (grifos nossos)

Nesta passagem, Bakhtin não está defendendo nenhuma espécie de psicologismo individual, como queriam fazer crer os positivistas e idealistas.⁶⁴ Mas sim, uma psicologia coletiva, e pela própria orientação teórica do autor, fundamentada numa posição de classe.

Entendo que o fenômeno ideológico revele a essência do caráter de classe do sujeito. Isto pode ser traduzido assim: ao defender a existência dicotômica entre *democracia* (capitalismo) e *ditadura* (comunismo), o discurso neoconservador de Reagan exterioriza sua posição como membro (ou porta-voz) da classe dominante. Pois, ao trabalhar na oposição entre os dois termos, o presidente norte-americano quer justificar a “liberdade” (e aí entendida como *liberdade de expressão*,⁶⁵ de opinião política, entre outros). Mas tal liberdade é evocada para assegurar os eixos principais do capitalismo: a *mais-valia* e a *posse privada dos meios de produção*.

⁶² Sobre a ideologia como *sintoma*, e suas aproximações para a análise, a partir de bases psicanalíticas, especialmente o corte lacaniano, cf. Slavoj Žižek (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-38.

⁶³ Mikhail Bakhtin, op. cit., p. 57.

⁶⁴ O idealismo hegeliano defende a idéia de um *Absoluto* que orientaria a ação dos grandes homens. As ações desses grandes personagens históricos conduzem os destinos das nações. Esse aspecto do idealismo hegeliano será apropriado pelos positivistas e metódicos ao substituir o grande personagem histórico pelo Estado, embora este mantenha vínculos com o líder político. Para se ter uma percepção mais evidente da ideologia, tal formulação, do Estado como ser histórico e neutro marcou a chegada ao poder da burguesia, que preocupada em eliminar o caráter de classe do Estado do *Anciën Regime*, elaborou a tese do Estado desvinculado dos interesses pessoais, portanto, a serviço de toda a sociedade.

⁶⁵ A liberdade de expressão encontra seus limites na própria estrutura social, formada a partir da posse privada dos meios de comunicação por um pequeno grupo (os capitalistas). Como resultado, a liberdade de expressão não é um fato universalizável, e o acesso à expressão não é democratizado, existindo apenas como fator “ideológico”.

Ao mesmo tempo em que defende a democracia, e procura instaurá-la como valor universal, Ronald Reagan desqualifica o modelo que aparece como rival, exatamente por propor uma alternativa plausível, e que o presidente norte-americano acreditava ganhar corpo na Nicarágua: o socialismo.⁶⁶ Embora falem do mesmo termo, a *democracia*, as posições são diferentes. Observe como Sandino concebe sua visão de democracia:

[...] e Nicarágua, minha Pátria, receberá os impostos que de direito e justiça lhe correspondem, com os quais teríamos suficientes condições de realizar investimentos para cruzar com ferrovias todo nosso território e educar o *nosso povo num verdadeiro ambiente de democracia efetiva*, e assim mesmo, sejamos respeitados, e não nos olhem com o sangrento desprezo que hoje nós sofremos.⁶⁷

O distanciamento entre as concepções de democracia, a de Reagan e a de Sandino, apenas reforçam o valor que é dado à ação da ideologia, e a ideologia vista como emergência do psiquismo, ao qual se refere Bakhtin. Assim, ao avaliar a importância da construção ideológica através dos dois mecanismos utilizados pelo autor russo, *palavra* e *psiquismo* (coletivo), é perceptível que a ideologia não pode ser considerada fora do seu contexto, além de manter a posição de não dissociar a palavra e psicologia das influências sociais que atuam sobre o sujeito, principalmente o lugar por ele ocupado nas relações de produção.

O conceito de ideologia alcançou um outro patamar com as formulações de Antonio Gramsci. Gramsci ampliou o conceito, dando continuidade à interpretação de Lênin, que via a ideologia em seu *sentido positivo*.

⁶⁶ O modelo socialista nicaraguense não se assemelhava ao soviético e nem mesmo ao cubano. Na Nicarágua o multipartidarismo foi mantido, e o processo de coletivização dos campos, foi substituído pela reforma agrária, que atingiu os latifúndios, particularmente aqueles pertencentes aos familiares dos Somozas e seus colaboradores mais diretos.

⁶⁷ “[...] y Nicaragua, mi Patria, recibirá los impuestos que en derecho y justicia le corresponden, con lo cual tendríamos suficientes ingresos para cruzar de ferrocarriles todo nuestro territorio y educar a nuestro pueblo en el verdadero ambiente de democracia efectiva, y asimismo seamos respetados y no nos miren con el sangriento desprecio que hoy sufrimos.” Essa passagem se refere aos investimentos que seriam feitos na Nicarágua para a construção de um canal (Canal de Nicarágua), e a polêmica acerca dos investimentos norte-americanos, que seriam a maior parte. Augusto C. Sandino. *Manifiesto Político*. Nueva Segovia (Nicarágua), 1 de julho de 1927.

Ao desenvolver seu conceito de ideologia, Gramsci amplia o alcance do conceito, ultrapassando sua localização na superestrutura, ao lado do Estado, e avança sobre a infraestrutura. Desse modo, a ideologia, como a própria superestrutura, não é um mero reflexo da infra-estrutura econômica.

A partir do conceito de ideologia, dois outros conceitos são importantes na teoria gramsciana: *bloco histórico* e *hegemonia*. Ambos os conceitos são complementares. O *bloco histórico* é representado pelo conjunto de forças que dominam o poder no Estado, em dado momento histórico. Seu caráter de historicidade indica a possibilidade de não-permanência, daí a necessidade do bloco histórico procurar constantemente os meios adequados para a manutenção do poder.

Para o funcionamento do bloco histórico, a hegemonia ocupa posto chave. É ela quem garante a permanência do *status* do grupo dominante diante da classe dominada. Como os conceitos de *hegemonia* e *bloco histórico*, *hegemonia* e *ideologia* também são conceitos próximos. É o caráter histórico da hegemonia que garante sua dinâmica. Pois, a partir do momento em que ela mantém inalteradas determinadas estruturas, e não fazer concessões às classes subalternas, o bloco histórico assiste ao processo de redução de sua hegemonia, e tem dois caminhos a seguir: um, é a utilização da força para coibir o avanço das forças políticas contrárias; o outro, é perder gradativamente espaço político e cedê-lo ao grupo rival. Paralelo ao corpo conceitual, coloco as questões concretas envolvendo os conceitos de hegemonia e bloco histórico.

Foi isso que aconteceu nos Estados Unidos, com a decadência do bloco histórico liberal, e a abertura do espaço político aos neoconservadores. Os democratas não poderiam lançar mão da repressão, dadas as características da sociedade norte-americana. O que ocorreu

nos Estados Unidos, pode ser entendido como uma crise endógena, aliado a problemas externos, que potencializou a crise econômica, política e social.⁶⁸

Como bloco histórico, os neoconservadores procuraram, desde antes de assumir o poder em 1981, pavimentar o caminho para construir sólida base de apoio no interior da sociedade norte-americana. Processo continuado com os pronunciamentos de Ronald Reagan, e a ênfase dada pelo presidente norte-americano às concepções políticas do liberalismo lockeano, associando-o ao liberalismo econômico.

O melhor indício da crise que conduziu os neoconservadores ao poder, foi a incapacidade dos democratas em gerenciar os problemas internos (inflação crescente e aumento do desemprego) e problemas externos (crise dos reféns no Irã, invasão do Afeganistão por tropas soviéticas e perda da hegemonia global). Mas a crise não foi apenas em questões ligadas à economia ou à política. Ela atingiu outros setores da sociedade norte-americana como: moral e cultural. A crise foi amplamente explorada pelos neoconservadores, que enxergaram no governo Carter, hesitações que poriam em risco à hegemonia político-militar norte-americana, além de promover uma cisão no interior dessa sociedade.⁶⁹

Expresso assim, o *bloco histórico* neoconservador busca ampliar sua hegemonia sobre a sociedade norte-americana. Esse projeto é a soma dos elementos da sociedade civil *mais* a sociedade política, isto é, o Estado em sentido amplo.⁷⁰ Para atingir tais resultados, os neoconservadores aplicaram os elementos de sua ideologia (redução do tamanho do

⁶⁸ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p. 151-188.

⁶⁹ De fato, essa hegemonia político-militar era a “última trincheira” do poder norte-americano. Economicamente, a ascensão da Europa ocidental e do Japão, desde meados dos anos setenta, era um problema de difícil solução, pois a crise de 1973, reduziu a capacidade dos Estados Unidos em manter grandes investimentos ao redor do globo. Problema agravado pela política de valorização do dólar que inundou o mercado norte-americano de produtos estrangeiros, provocando crise nas empresas locais. Além de levar europeus e japoneses a investir cada vez mais nos Estados Unidos, fragilizando ainda mais as empresas norte-americanas.

⁷⁰ O Estado para Gramsci não é mais um “órgão gerenciador da classe burguesa”. O conceito é ampliado, embora não perca a forma de *Estado de Classe*, sua definição está mais ligada ao grupo que é o bloco histórico naquele momento. Um bom estudo sobre o Estado no interior do marxismo, além de Gramsci, foi feito por Nicos Poulantzas, em *O Estado, O Poder, O Socialismo*. 3º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. O autor aborda a complexidade do Estado nas sociedades capitalistas avançadas, o que representou um significativo avanço no interior da teoria marxista, abandonando os pressupostos teóricos do estruturalismo e, também da ortodoxia.

Estado, associado à crise do liberalismo⁷¹) com a análise do momento histórico de perda da hegemonia norte-americana em nível mundial.⁷²

O bloco histórico neoconservador pode ser traduzido como a aliança entre os políticos e intelectuais neoconservadores, interessados em um novo posicionamento dos Estados Unidos em assuntos de política externa.⁷³ Neste caso, interpretado como a retomada da política de contenção, e a associação destes neoconservadores com o complexo industrial-militar norte-americano, amplamente dependente da manutenção de conflitos de pequena e média intensidade, além da permanência do temor de um conflito entre as superpotências. Para isso, contando com a corrida armamentista, onde o resultado mais visível foi o anúncio do congelamento das negociações para a redução das armas estratégicas e o lançamento do projeto *Strategic Initiative Defense* (SDI), também conhecido por “Projeto Guerra nas Estrelas”.

Reagan enfatizou sua posição, de retomar a contenção, em seu discurso de não permitir que a União Soviética tomasse a dianteira⁷⁴. Esse posicionamento o apoio a ele dado, constituíram o novo bloco histórico que tomou o poder nos Estados Unidos, em 1981. E o próprio processo de consolidação deste caminho fora tomado ainda nos anos sessenta. A aproximação deu-se também pelo apoio dado aos monopólios, e Reagan acreditava na sua eficácia, como o exemplo do complexo industrial-militar que se organiza, e a forma como os

⁷¹ “Na década de 1960, conseqüentemente, já se começa a falar de ‘crise do liberalismo’. [...] Nem é preciso dizer que os neoconservadores avaliam o liberalismo de modo mais drástico. Para Daniel Bell, o *liberalismo está esgotado*, não porque suas idéias fossem erradas, mas porque boa parte de seu projeto chegou ao fim. [...] Irving Kristol leva sua crítica ao liberalismo quase até os extremos do sarcasmo: ‘o liberalismo – adverte – neste momentos está passando por uma menopausa intelectual. Se quisermos ser duros, *diria que eles estão intelectualmente falidos*’.”(grifos nossos). Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p. 176.

⁷² Luis Fernando Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 149-194.

⁷³ “They spent all their time viewing the world the way they wished it was, not the way it really is. And that’s no way to protect the peace”. Ronald Reagan. *Progress in the Quest for Peace and Freedom*. Washington, 22 de fevereiro de 1983.

⁷⁴ “The essential precondition of a strengthened and purposeful foreign policy was *the rebuilding of our foundation of our military strength*”. (grifos do autor). Ibidem.

neoconservadores defendiam a sua existência como indispensável para o processo de recuperação econômica norte-americano.⁷⁵

A atividade dos intelectuais orgânicos, na construção da ideologia e hegemonia neoconservadora, será de fundamental importância no processo de legitimação do bloco histórico neoconservador. Essa ação aparece nos discursos de Reagan e nos diagnósticos apresentados por eles para a crise que passa a sociedade norte-americana. Reagan é enfático em defender suas convicções ideológicas. Elas transparecem em passagens como:

Nós somos uma Nação que tem um governo – não o contrário. E isto nos faz especial entre as nações da Terra. Nosso governo não tem nenhum poder, a não ser aquele que foi concedido pelas pessoas. Está na hora de conferir e inverter o crescimento do governo, governo que mostra sinais de ter crescido além do consentido pelos governados.⁷⁶

O que Reagan fez, foi convencer sociedade norte-americana da necessidade de reduzir a interferência do Estado na vida dos cidadãos. Ao mesmo tempo em que procura tranquilizar uma parte da sociedade, os mais ricos, com a proposta de diminuição dos impostos. Procura também, influenciar uma outra parte da população (as minorias étnicas e os mais pobres) a acreditar na idéia que os Estados Unidos, ou o liberalismo econômico, oferece oportunidades iguais para todos, bastando para isso, o esforço pessoal.

O presidente norte-americano não fala abertamente das vantagens do capitalismo, mas enfatiza a vantagem de poder usufruir a liberdade que o sistema oferece. E ele contrapõe com aquilo que considera como essência do comunismo, a opressão. Esse “encobrimento” é o triunfo da ideologia, pois as pessoas não percebem o funcionamento do capitalismo, reduzindo-o como um sistema produtor e de circulação de mercadorias, e não percebendo

⁷⁵ Os gastos sociais são deslocados para outros setores. O maior beneficiário desta política foi, sem dúvida, o setor de defesa. “Para o conservadorismo neoliberal [...] os gastos sociais elevados são a causa principal do déficit público e da inflação”. Luis Fernando Ayerbe, op. cit., p. 195.

⁷⁶ “We are a nation that has government – not the other way around. And this makes us special among the nations of the Earth. Our government has no power except that granted it by the people. It is time to check and reverse the growth of government, which shows signs of having grown beyond the consent of the governed”. Ronald Reagan. *Inaugural Address*. Washington, 20 de Janeiro de 1981.

suas dinâmicas internas de funcionamento, como por exemplo, a exploração do trabalho pelo capital.

Esse discurso indireto, que demonstra as vantagens de um sistema sobre o outro, marca o caráter ideológico do discurso, no nível mais simples. Enquanto, que os níveis mais profundos, para que sejam conhecidos, deve-se realizar um processo de desmontagem que permita alcançar os personagens que proferem o discurso.

A sedução ideológica (nunca confundir com *falseamento*) é notada no comentário de Carnoy sobre o conceito de ideologia em Gramsci:

O que Gramsci acrescentou a essa idéia – ao mesmo tempo transformando-a – foi o conceito de hegemonia. Para ele nem a *força* nem a *lógica* da produção capitalista podia explicar o *consentimento* de que goza essa produção entre as classes subordinadas. Ao contrário, a explicação para esse consentimento reside no poder da *consciência* e da *ideologia*.⁷⁷ (grifos nossos)

Na análise do conceito de ideologia em Gramsci, o ponto que chama a maior atenção é a polêmica sobre a idéia de *falseamento da realidade*. Gramsci, resgata o sentido *positivo* da ideologia, como Lênin já havia feito anteriormente. Mas foi outro autor marxista, o húngaro Gyorg Lukács, que lançou mais problemas a essa discussão. Para Lukács, os limites da ideologia encontram-se no dualismo *falso* ou *verdadeiro*. Ele afirmava que o marxismo não poderia ser concebido como ideologia, porque se assim o fosse, seria falsa, como as demais e perderia seu caráter científico. Gramsci contra-argumenta, dizendo que o marxismo também é uma ideologia, e este aspecto não o descaracteriza como teoria.

Por adotar um viés historicista (historicidade das formações sociais, por exemplo), Gramsci crê no papel histórico do marxismo, a atuar como um contrário à ideologia burguesa e a serviço do proletariado.⁷⁸

⁷⁷ Martin Carnoy. *Estado e teoria política*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1999, p. 95.

⁷⁸ Ao comentar o conceito de ideologia de Gramsci, Carlos Nelson Coutinho, em *Gramsci – um estudo sobre seu pensamento político*, critica o autor italiano, afirmando que haveria uma generalização do conceito, para depois

O interessante em Gramsci é a vinculação orgânica entre ideologia e classes sociais. Para enfatizar essa organicidade, ele criou dois tipos de intelectuais: o *orgânico* e o *tradicional*.⁷⁹ Começando a discuti-los de forma inversa, primeiro o *intelectual tradicional*. Ele é definido como integrante da classe que deixou de pertencer ao bloco histórico, conseqüentemente, o tipo de intelectual que formulava a ideologia para a classe ultrapassada pelo processo histórico. Na época do pensador italiano, seriam os intelectuais orgânicos e que se tornaram tradicionais, aqueles que pertenciam aos quadros da aristocracia fundiária, e a aristocracia para não desaparecer, acabou por se aliar aos burgueses.

Comparativamente, nos Estados Unidos das décadas de sessenta e setenta, os intelectuais ligados aos liberais, transformaram-se os *intelectuais tradicionais*, como resultado da crise do liberalismo, iniciado no final dos anos sessenta, e que resultou no avanço neoconservador.

Os *intelectuais orgânicos* representam a nova ordem. Eles são os responsáveis por fornecer o conteúdo ideológico aos grupos sociais. Gramsci, ao formular o conceito de intelectual⁸⁰ estava preocupado com a possibilidade de sua emergência no proletariado. Ele retoma a questão posta por Marx, da tarefa de alcançar a *consciência de classe* (ideologia expressa em partido). Mas o próprio conceito ultrapassou essa definição e passou a significar aqueles responsáveis por elaborar os conteúdos que orientaram a prática sócio-política dos sujeitos sociais⁸¹.

reconhecer a importância de suas formulações no interior do pensamento marxista. O que Coutinho faz, e acredito sem perceber, é adotar o conceito de ideologia de Lukács, como fundamento de suas próprias opiniões. O problema é que Lukács estaria por demais influenciado pelo marxismo positivista, trabalhando o discurso do marxismo como científico, portanto, objetivo. Carlos Nelson Coutinho. *Gramsci – um estudo sobre seu pensamento político*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁷⁹ Um intelectual, outrora orgânico, pode passar a tradicional. O que interessa é que o contrário também pode ocorrer, a não ser que a classe desse intelectual venha a desaparecer. Isto é particularmente interessante quando também se observa a migração de um intelectual de um grupo para outro, afim de manter seu *status* de intelectual. Mas aí se pode questionar sua organicidade.

⁸⁰ Sobre os intelectuais no interior do marxismo. Cf. Tom Bottomore. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 194-195.

⁸¹ Gramsci coloca que o intelectual pode também ser o partido. Cf. Antonio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 3-102.

O desenvolvimento acerca do papel dos intelectuais orgânicos, no grupo dos neoconservadores, foi realizado por Atílio A. Boron⁸² que forneceu pistas valiosas para a pesquisa, ao identificar os principais pensadores na formação e consolidação da ideologia neoconservadora.⁸³ É importante frisar que o vetor dos discursos, objeto dessa pesquisa, Ronald Reagan, não é um intelectual orgânico. Mas atuou como o mais eficiente porta-voz do neoconservadorismo.

Aqui utilizo Gramsci para emprestar especial reforço a afirmação. Reagan não exerceu a função de elaboração da ideologia neoconservadora, e também, principalmente, “funções de organização”. Embora pareça contraditório, num segundo momento, Gramsci considera como intelectual uma gama ampliada de indivíduos, entre eles, por exemplo, os funcionários do Estado, sendo neste ponto que aparece a confusão.

O presidente deve ser entendido como um funcionário do Estado, e de fato ele realmente o é, mas cabe a ele a função de pôr em execução e coordenar as ações e seus subordinados. A estrutura organizacional dos Estados contemporâneos, e em particular, nos Estados Unidos, é composta por um vasto corpo de funcionários lotados em diversos Departamentos: de Estado e de Defesa, além do Conselho de Segurança Nacional. Ao lado destes Departamentos, outras instituições acadêmicas que funcionam como *think tank*, produzindo (todas elas) as ideologias e construindo os meios de reprodução, no interior do governo e da sociedade como um todo.

A partir da exposição de alguns pontos principais referentes ao conceito de ideologia, e sua importância central no interior do marxismo. Acredito que esse conceito permitirá realizar as análises dos discursos de Reagan, e indicar as mudanças históricas, perceptíveis nas

⁸² Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p. 160-166.

⁸³ São eles: Irving Kristol, Samuel Huntington, Jeanne Kirkpatrick, Herman Khan, Daniel Bell, Norman Podhoretz e Midget Decter. E as publicações onde eles expunham suas idéias são: *Commentary*, *The Public Interest*, *Encounter*, *The New Leader*, *American Scholar*, *Public Opinion* e *Foreign Policy*.

diferentes abordagens sobre o tema Nicarágua. Embora o núcleo central de seu pensamento permaneça inalterado.

1 – Viagem ao Centro da Terra

Soon all land was lost to view. Five days out to sea, they witnessed a terrifying battle between two sea monsters.⁸⁴

Como os personagens do romance, os centro-americanos, e em especial os sandinistas, assistiram aterrorizados ao embate entre as superpotências pela supremacia mundial se aproximando de seu território, podendo mesmo avançar para seu interior⁸⁵. Na avaliação dos Estados Unidos os interesses da União Soviética pela área eram indiscutíveis, sinalizados pela alegada presença de técnicos soviéticos em Cuba e na Nicarágua, além da substancial ajuda enviada aos nicaraguenses nos anos que se seguiram à revolução⁸⁶.

Se para os soviéticos a América Central significou um teatro de operações secundário, embora oportuno⁸⁷, em sentido contrário, o governo dos Estados Unidos depositou todas as fichas na região, como forma de reafirmar sua supremacia político-militar, gradualmente enfraquecida durante a administração Carter⁸⁸, como freqüentemente acusavam os elementos linha dura do governo Ronald Reagan.

⁸⁴ “Rapidamente toda a terra saiu de vista. Após cinco dias em alto-mar, eles testemunharam, aterrorizados, embate entre dois monstros marinhos”. A menção à luta entre os dois monstros marinhos pode ser percebida como uma alusão ao embate entre as duas superpotências. Julio Verne. *Viagem ao Centro da Terra*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 196-198. (o texto em inglês foi tirado do disco de Rick Wakeman. *The Journey to the centre of the Earth*. Gravado no Arbert Hall, Londres, em 16 de outubro de 1974).

⁸⁵ Posição que era defendida por alguns dos membros do governo norte-americano.

⁸⁶ Eric Hobsbawm assinala a Guerra Fria como um conflito ideológico, alimentado pelos Estados Unidos, que conseguiram com isso, criar um clima de histeria interna, onde a existência de toda uma variedade de símbolos caracterizou como o governo dos Estados Unidos e a sociedade norte-americana encaravam o momento. Cf. Eric J Hobsbawm. *Era dos extremos - o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223-252.

⁸⁷ Nem sempre foi assim. O interesse da União Soviética pela América Latina foi mais intenso nas primeiras décadas do século XX. Mas a partir do momento em que os Estados Unidos foram consolidando sua zona de influência na região, as ligações da União Soviética resumiram-se às ligações entre esta e os partidos comunistas do continente, até a mudança efetuada no quadro dos partidos comunistas, que optaram por uma aproximação maior com o PC chinês. Cf. Augusto Varas. *Soviet and Latin America relations in the 1980s*. Boulder: Westview, 1987, p. 15.

⁸⁸ A culpa que se imputa a Carter pode ser estendida ao governo Nixon, quando a política de Responsabilidade Compartilhada, elaborada por Henry Kissinger (conselheiro de segurança nacional), buscou diminuir o peso da responsabilidade norte-americana nos assuntos internacionais através da entrada de novos atores neste cenário

É a partir dessas considerações que se estabelecem os pontos de partida deste trabalho. O contexto em que se desenrolam os acontecimentos, desde a Revolução Sandinista (julho de 1979)⁸⁹, a posse de Reagan (janeiro de 1981) e os últimos discursos referentes à Nicarágua (1986), estão inseridos no período da Guerra Fria, que apresentou fases diferentes, e que inclusive nos últimos anos de duração, entre 1985 e 1989, mudou suas características, perdendo o caráter de *contenção*, e gerando a possibilidade de maior diálogo entre as superpotências⁹⁰.

1.1 – Intersecção Entre Duas Rotas: a Guerra Fria

Normalmente, quando se pensa em Guerra Fria, ela é entendida como um conflito político-militar travado entre as superpotências pela hegemonia global, o que em parte não deixa de ser verdadeiro, mas deve-se considerar que a Guerra Fria foi um conflito multifacetado, onde inúmeras situações se construíram e estabeleceram parâmetros que a marcaram profundamente⁹¹.

A Guerra Fria foi um conjunto de eventos, marcados pelo confronto ideológico⁹² entre as superpotências. Confronto este que militarmente envolveu os aliados, e ocasionalmente, uma ação direta de uma ou outra das superpotências (como os Estados Unidos, no Vietnã, entre 1963-1975, e a União Soviética, no Afeganistão, entre 1979-1988). Ela abrangeu aspectos culturais, econômicos, sociais, políticos e militares, apresentando como

político. Ela inaugura uma nova fase, passando da bipolaridade para a multipolaridade. Cf. Luis Fernando Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 160.

⁸⁹ As referências aos fatos ocorridos na Nicarágua serão identificadas ao longo do texto, tanto como *Revolução Sandinista* como também *Revolução Nicaragüense*.

⁹⁰ Tal observação é válida, pois o presidente Reagan que iniciou seu mandato com a *política de contenção*, terminou por se aproximar mais da União Soviética, demonstrando uma volta à política da *détente*. Os acordos sobre a limitação de armas estratégicas e as trocas de visitas dos líderes de URSS e Estados Unidos, são marcos indicativos dessa mudança de comportamento.

⁹¹ Paulo Vizentini. A Guerra Fria. In: Daniel Aarão R. Filho, Jorge Ferreira, Celeste Zenha (orgs). *O Século XX – O Tempo das Crises: Revoluções, Fascismos e Guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, V. 2, p. 195-225.

⁹² Usualmente se trabalha com o conceito de ideologia entendendo-o como uma visão de mundo. Procurei ampliar o conceito ao analisar tanto o comunismo quanto o capitalismo a partir do conceito marxista de modo de produção que abarca as instituições políticas, econômicas e sociais.

característica aquilo que Paulo Vizentini classificou como um conflito multifacetado⁹³. Este aspecto aponta para o mais importante conflito entre potências a partir da Segunda Guerra Mundial.

O conflito conheceu fases diferentes, ao longo dos seus quase cinquenta anos de duração. Os alertas do presidente Truman (1945-1953) sobre a ameaça comunista contra o mundo livre repercutiram amplamente no hemisfério ocidental. Essa primeira fase, inaugurada com a mensagem de Truman ao público norte-americano ficou conhecida como *contenção*. Truman declarou,

[...] “acredito que isto deva ser a política dos Estados Unidos para *apoiar os povos livres que resistem à subjugação por minorias armadas, ou por outras pressões externas*”. (grifos do autor)⁹⁴

As declarações de Truman têm um alvo claro, as guerrilhas⁹⁵, que o presidente norte-americano afirmava serem apoiadas pelos soviéticos⁹⁶. A posição de Truman revelou, não um desconhecimento, mas a intenção de fazer crer que naquele momento, tais guerrilhas procuravam estabelecer movimentos revolucionários nos países europeus, e que anos mais tarde, começariam a se desenvolver na América Latina. O projeto de Truman de manter a União Soviética sob controle, culminou na criação da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), em 1949. Outro ponto da Doutrina Truman foi a pressão exercida sobre os aliados dos Estados Unidos para colocar na clandestinidade os partidos comunistas. Tal medida atingiu diretamente as organizações que vinham ganhando adeptos em vários

⁹³ Paulo Vizentini, op. cit., p. 196.

⁹⁴ “I believe that it must be the policy of the United States to *support free peoples who are resisting subjugation by armed minorities or by outside pressures*”. Richard Hofstadter & Wood Gray (org.). *An outline of American History*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 284.

⁹⁵ As guerrilhas comunistas mais atuantes foram a grega e a italiana, justamente países que ficaram fora da zona de influência soviética. Na Grécia, o movimento foi derrotado pelos militares, com apoio dos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

⁹⁶ Os partidos comunistas ligados ao Partido Comunista da União Soviética foram orientados por Moscou a abandonar a luta armada, como tentativa de estabelecer uma coexistência pacífica com os Estados Unidos. Muitos desses partidos, inspirados pela Revolução Chinesa de 1949, abandonaram o pragmatismo soviético e colocaram em prática a teoria revolucionária chinesa da “guerra popular prolongada”.

países, inclusive alguns da Europa ocidental, como França e Itália, mas principalmente nas economias em processo de industrialização, como Argentina e Brasil⁹⁷.

Para reforçar as orientações da Doutrina,

A contenção da União Soviética tornou-se a política dos Estados Unidos nos anos pós-Guerra. George Kennan, um oficial graduado da embaixada norte-americana em Moscou, definiu a nova abordagem dessa política em um longo telegrama enviado ao Departamento de Estado, em 1946. [...] ele escreveu, que “o compromisso fanático dos soviéticos, em acreditar que os Estados Unidos não poderiam manter seu *modus vivendi*, e que é desejável e necessário que a harmonia interna de nossa sociedade seja rompida”. As pressões de Moscou para a expansão de seu poder têm de ser detidas através “de uma firme e vigilante contenção das tendências expansivas da Rússia”. (grifos do autor)⁹⁸

As posições do governo norte-americano, de confrontação com a União Soviética, levaram a uma nova tomada de rumo nos assuntos de política externa. Na mesma medida que denunciava o expansionismo soviético, acusando-o de ser imperialista⁹⁹, os Estados Unidos buscaram reforçar sua posição no Ocidente (Plano Marshall), no Oriente (Plano Colombo) e depois, nos anos sessenta, na América Latina, através do apoio aos governos autoritários da região (ajuda militar e a *Aliança para o Progresso*), além de transformar o anticomunismo em um novo credo.

O posicionamento do governo norte-americano baseava-se num temor infundado, pois a União Soviética, extremamente debilitada após a Segunda Guerra Mundial não tinha condições de empreender qualquer avanço além daquele efetuado ao final da Guerra. A

⁹⁷ Peter H. Smith. *The talons of the eagle – Dynamics of U.S. – Latin American relations*. New York: Oxford University Press, 1996, p. 132.

⁹⁸ “Containment of the Soviet Union became American policy in the postwar years. George Kennan, a top official at the U.S. embassy in Moscow, defined the new approach in a long telegram he sent to the State Department in 1946. [...] he wrote, was ‘committed fanatically to the belief that with the U.S. there can be no permanent *modus vivendi*, that it is desirable and necessary that the internal harmony of our society be disrupted.’ Moscow’s pressure to expand this power had to be stopped through ‘firm and vigilant containment of Russian expansive tendencies...’” Richard Hofstadter, Wood Gray, op. cit., p. 284.

⁹⁹ O conceito de imperialismo foi formulado por Lênin, para indicar a expansão do capitalismo através da concorrência entre os países. No interior do marxismo, a teoria leninista é a mais famosa, embora não seja a mais completa. Outros autores marxistas elaboraram teses mais contemporâneas, entre eles James Petras e Morris Morley, que associam imperialismo com expansão econômica e acúmulo de capital “a integração entre objetivos permanentes (caráter econômico) e de curto prazo (não-econômico)”. Para saber mais sobre o conceito de imperialismo, consultar a obra de Mark T. Berger. *Under Northern Eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Americas 1898-1990*. Bloomington: Indiana University Press, 1995, p. 2-8.

manutenção da zona de influência soviética (mais tarde batizada como *Cortina de Ferro*¹⁰⁰) era o principal ponto de sua política externa naqueles primeiros anos do pós-Guerra.

Na América Latina, a política de contenção, inaugurada por Truman e continuada por Eisenhower (1953-1961), seria colocada à prova. A existência de enormes desigualdades sociais e ditaduras contribuíram para o crescimento do descontentamento e a adoção de teorias que contestam o *status quo*. Embora as principais nações do continente experimentassem um processo de liberalização política, este processo não foi acompanhado por outros países, principalmente os da América Central, que ainda conviviam com a experiência ditatorial, como a Guatemala, instalada após golpe de Estado em 1954, que culminou com a deposição de Jacobo Arbenz, como a Nicarágua com a ditadura somozista, no poder desde 1936, e Cuba, onde Fulgêncio Batista foi removido do poder após a vitória dos revolucionários castristas (1959).¹⁰¹

Outro exemplo de governo autoritário na América Latina foi aquele que resultou da aliança entre liberais e conservadores na Colômbia, concretizada em 1958, estabelecendo o governo da chamada *Frente Nacional*. Com a composição da Frente, ambos partidos alternavam-se no poder, não permitindo a participação dos demais, principalmente os da esquerda. Tal estrutura política contribuiu para a criação das *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* (FARC), em 1959, como resposta a aliança política entre conservadores e liberais, e ao massacre de camponeses por forças paramilitares pertencentes à coalizão política liberal-conservadora.¹⁰²

¹⁰⁰ O termo *Cortina de Ferro* foi utilizado pela primeira vez pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill, em 1945, para indicar a área da Europa Oriental sob controle dos soviéticos.

¹⁰¹ O número de ditaduras no continente cresce vertiginosamente nos anos 60, quando a experiência democrática dos anos 50, foi interrompida por uma sucessão de golpes de Estado que instalaram governos ainda mais repressivos, apoiados na Doutrina de Segurança Nacional. Brasil (1964), Argentina (1966), Peru (1968), além dos golpes ocorridos entre 1962 e 1963. Cf. Peter Smith, op. cit., p. 154.

¹⁰² Stephen J. Randall & Graeme S. Mount. *The Caribbean Basin – an international history*. New York/London: Routledge, 1998, p. 116.

O marxismo-leninismo¹⁰³ e as teorias trostkistas foram adotados como ideologia pelos grupos revolucionários, que começaram a atuar nos anos 50 e 60, oferecendo uma proposta de mudança da sociedade baseada no processo revolucionário¹⁰⁴, tendo como fonte de inspiração a Revolução Chinesa (1949) e a Revolução Cubana (1959), além da própria experiência do México (1910) e da Nicarágua (1932). Os revolucionários latino-americanos encararam a revolução como guerras de libertação nacional, no mesmo estilo que estava ocorrendo em outros países do Terceiro Mundo.¹⁰⁵

A política externa norte-americana apresentou uma nova fase nos anos sessenta. A Guerra do Vietnã dominou as preocupações de Washington, quando a possibilidade de triunfo do comunismo no Sudeste Asiático começava a tornar-se realidade, concretizando os temores anunciados pela Teoria dos Dominós¹⁰⁶, e a incerteza quanto as suas implicações futuras, não só na região, como em escala global.

Apesar do conflito no Vietnã ocupar os estrategistas de Washington, isso não impediu que os Estados Unidos vigiassem seu “Quintal” latino-americano. Os golpes de Estado dos anos sessenta demonstram a vigilância norte-americana. A participação dos serviços de informação dos Estados Unidos, em associação com as elites políticas e militares locais indicam que, para eles, a ameaça comunista era uma realidade, e baseados nessas

¹⁰³ O marxismo-leninismo, como outras teorias político-sociais, sofreu adaptações realizadas pelos líderes revolucionários latino-americanos, tendo variado a forma de aplicação. A influência dos textos de Guevara levou guerrilheiros a projetar uma nova Sierra Maestra, na América Latina. Ernesto “Che” Guevara. *A guerra de guerrilhas*. 3ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982. Outro importante teórico foi o peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930), que percebeu a importância de se adequar a teoria revolucionária marxista à realidade latino-americana.

¹⁰⁴ A opção pela luta armada estava muito mais baseada na falta de canais de diálogo com os governos, que não aceitavam nenhum tipo de negociação, que propriamente uma escolha baseada em critérios teóricos revolucionários. A adoção do modelo chinês é o resultado das semelhanças, na avaliação dos guerrilheiros, entre as realidades chinesa e latino-americana.

¹⁰⁵ O cenário apresentado pela Guerra do Vietnã forneceu alguns dos elementos necessários para a sublevação no continente latino-americano. Ficou célebre a frase de Che Guevara sobre a necessidade de se criar dois, três, mil Vietnãs.

¹⁰⁶ O presidente Eisenhower se referiu a possibilidade de que se um país caísse sob domínio soviético, os demais países da região também cairiam: “You have a row of dominoes set up, you knock over the first one, and what will happen to the last one is the certainty that it will go over very quickly. So you could have a beginning of a disintegration that would have the most profound influences.” President’s Press Conference, 7 de abril de 1954.

análises, patrocinaram golpes em caráter “preventivo”, ante a alegada agitação comunista.¹⁰⁷

Na América Central, a situação política preocupava Washington. A existência de oligarquias e profundas desigualdades sociais que impediam uma maior expansão do capitalismo, além de brutal repressão, fomentavam o aparecimento de guerrilhas dispostas a eliminar o *status quo*, e colocavam em risco os interesses norte-americanos. Assim, o principal problema não era a mudança de comando, como substituir as elites locais que governavam com o apoio dos Estados Unidos. Mas a mudança na forma de comando, ao procurar estabelecer governos com legitimidade política diante da população, adotando uma postura mais próxima da democracia liberal.¹⁰⁸

Quanto mais grupos se organizavam para reivindicar melhores condições de vida, mais os governos locais radicalizavam, ampliando a ação das Forças Armadas para a repressão pura e simples da população, agindo especialmente contra os camponeses e trabalhadores rurais, que no entender dos governos locais forneciam o material humano necessário para os grupos guerrilheiros.¹⁰⁹

Os Estados Unidos procuraram formas de poder contornar o problema. Políticas voltadas para o crescimento econômico da região foram adotadas, mas em muitos casos, a ajuda econômica não chegava aos destinatários, os camponeses e setores produtivos, servindo para aumentar o patrimônio pessoal das elites centro-americanas. O caso exemplar foi o nicaraguense, onde os Somoza dominavam economicamente o país, e dilapidaram suas

¹⁰⁷ Um trabalho que analisa as articulações entre a CIA – Agência Central de Inteligência – e os setores do empresariado e militares, além da classe média (apenas para frisar o caso brasileiro) é o livro de René Armand Dreifuss. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

¹⁰⁸ A Aliança para o Progresso, concebida no governo Kennedy (1961-1963), que visava o crescimento econômico das nações latino-americanas, teve fria recepção por parte das elites político-econômicas centro-americanas. O principal problema era a reforma agrária, que as elites achavam que deveria ficar de fora de qualquer projeto de modernização econômica, já que a estrutura fundiária é considerada como base de poder político. Além, de chocar-se com os interesses de empresas norte-americanas, como por exemplo, a United Fruit Company, possuidora de grandes extensões de terra nos países centro-americanos. Cf. Luis Fernando Ayerbe, op. cit., p. 115-126.

¹⁰⁹ Héctor Luis Saint-Pierre. *A política armada – fundamentos da guerra revolucionária*. São Paulo: Unesp, 2000.

riquezas, em escala tal, que os demais membros da elite nicaragüense, ao se sentirem “traídos”, iniciaram a oposição a Anastasio Somoza.

Durante os governos John F. Kennedy (1961-1963) e Lyndon B. Johnson (1963-1969), os Estados Unidos procuraram caminhos para criar as condições favoráveis ao crescimento econômico da América Latina, através de projetos de ajuda econômica. O principal destes caminhos foi a *Aliança para o Progresso*. O programa visava especialmente não proporcionar o terreno propício para o avanço do comunismo no continente latino-americano. A Aliança para o Progresso teve continuidade nos anos Johnson, e tinha quatro pontos principais, propostos por Thomas C. Mann, secretário-assistente para Assuntos Econômicos do Departamento de Estado. Ele defendia um aumento da ajuda financeira às nações latino-americanas, dando sustentabilidade aos governos locais, mas que também poderia aumentar o descontentamento de setores mais à esquerda e outros movimentos populares, dado o grau de centralização e corrupção, que acabavam por fazer com que os recursos não chegassem às mãos das classes mais pobres.

Os pontos propostos por Mann foram:

(1) Promoção do crescimento econômico com absoluta neutralidade sobre questões de reforma social; (2) Proteção aos investimentos privados norte-americanos; (3) Demonstrar nenhuma preferência, através de ajuda ou outros meios, para instituições democráticas representativas, e (4) oposição ao comunismo.¹¹⁰

Os pontos apontados por Mann deram preferência à manutenção do *status quo* no continente latino-americano, evitando o confronto com as elites locais. Mas ao mesmo tempo em que consolidavam o apoio às elites, o governo norte-americano consolidou sua posição na região, como indicam os pontos (2) e (4), já o ponto (1) deixava a cargo dos governos locais a maneira como estes conduziram a solução dos problemas sociais. Como não houve o atendimento às demandas da população, principalmente no que se refere à

¹¹⁰ “(1) Promotion of economic growth with absolutely neutrality on questions of social reform, (2) protection of U.S. private investments, (3) display of no preference, through aid or other means, for representative democratic institutions, and (4) opposition to communism.” Peter H. Smith, op. cit., p. 156.

reforma agrária, visto que a maioria dos países latino-americanos tinha, naquele momento, como base econômica às atividades agrário-exportadoras. O terreno para a revolução foi sendo pacientemente pavimentado.¹¹¹

A omissão do governo norte-americano adquiriu peso político fundamental no estabelecimento da radicalização do confronto entre os grupos políticos na América Central, favorecendo àqueles que tinham afinidade com a política anticomunista dos Estados Unidos para a América Latina, e excluindo do processo político os grupos à esquerda, lançados na ilegalidade e sem espaço para disputas políticas no interior do Estado.¹¹²

Embora procurasse se desvencilhar das facções de extrema-direita, os norte-americanos, não estavam dispostos a adotar posições que ampliassem o diálogo, com mudanças no *status quo*. Para os norte-americanos, os movimentos comunistas deveriam renunciar aos seus objetivos políticos e aceitar, sem condições, as regras da política liberal. Ao manter sua posição, o governo dos Estados Unidos contribuiu para ampliar as atividades dos grupos paramilitares da extrema-direita, e por outro lado, o aumento das atividades guerrilheiras.

Com o acirramento dos problemas no Vietnã, levando a uma participação cada vez maior de forças norte-americanas, os Estados Unidos se viram obrigados a ampliar as possibilidades de diálogo com a União Soviética. Paradoxalmente, enquanto que em escala global, os Estados Unidos viam sua hegemonia sofrer alguns reveses, como no campo econômico – ascensão das economias européia e japonesa - e políticas – impasse no Vietnã e Oriente Médio. Na América Latina, os Estados Unidos incentivaram golpes na Bolívia (1971), Chile

¹¹¹ Um exemplo contundente desta realidade foi El Salvador. Cf. Mario Salazar Valente. In: Pablo Gonzáles Casanova (org.). *América Latina – História de meio século*. Brasília: Editora da UnB, p. 153.

¹¹² A dura realidade das sociedades centro-americanas era ilustrada pela ausência de uma sociedade civil minimamente organizada, ou mesmo de um Estado organizado nos moldes liberais, isto é, com grupos que tivessem representação política em seu interior. Ela estava, também, dividida em classes muito distintas, a “espanhola branca”, detentora da maior parte das riquezas dos países, e associada aos interesses norte-americanos, e que correspondia a uma parcela mínima da população, e do outro lado, uma massa de pobres e miseráveis, em sua maioria de origem indígena, vítimas de violências praticadas por órgãos de repressão policial ou através dos esquadrões da morte, que impunham sua lei.

(1973), Argentina (1976) e Uruguai (1976).¹¹³ Estas ações foram motivadas pelo temor da concretização da *Teoria dos Dominós* em território latino-americano.

Os anos sessenta estavam chegando ao fim, e os problemas no Sudeste Asiático crescendo. A ofensiva do Tet¹¹⁴ (janeiro de 1968) demonstrou para os norte-americanos e para o mundo, a impossibilidade da vitória militar dos Estados Unidos, causando apreensão nos círculos militares e políticos de Washington, quanto aos possíveis resultados posteriores, como a expansão comunista, e indicando que o caminho, o único possível¹¹⁵, eram as negociações para pôr o fim da guerra.

Internamente, o Conflito do Vietnã expôs as divisões na sociedade norte-americana, já que uma parte se opôs à guerra, realizando grandes manifestações pacifistas nas principais cidades norte-americanas. Ao mesmo tempo que ocorriam as manifestações contra a guerra, negros e hispânicos pressionavam por maior ampliação dos direitos civis¹¹⁶, colocando em xeque a ideologia liberal (particularmente identificada com os democratas). Os problemas no Vietnã cresceram a tal ponto, que Lyndon Johnson optou por não concorrer a reeleição, em 1968.

Externamente, além da guerra do Vietnã, a situação na América Latina tornou-se mais complexa, após algumas reviravoltas políticas. Em 1968, no Peru, o golpe de Estado desfechado pelos militares, acabou por transformar-se em um novo problema para os Estados Unidos. Embora parecesse mais uma ação política anti-comunista, os militares

¹¹³ Luis Fernando Ayerbe, op. cit., p. 158-165.

¹¹⁴ A Ofensiva do Tet foi a operação militar conjunta de norte-vietnamitas e guerrilheiros sul-vietnamitas, com o objetivo de atacar simultaneamente as várias bases militares norte-americanas no Vietnã do Sul, e demonstrar a incapacidade dos Estados Unidos em controlar o país. Militarmente, a ofensiva produziu poucos danos, mas psicologicamente, abalou a confiança norte-americana. A partir desse momento, Washington percebeu que a única saída para o conflito era a negociação com Hanói, e buscar caminhos para uma "retirada vitoriosa" o que equivale a não assumir a derrota.

¹¹⁵ Outra hipótese seria o lançamento de uma grande ofensiva, ampliando o conflito estendendo-o ao território norte-vietnamita. O problema dessa opção reside no risco de envolvimento direto de chineses e soviéticos, transformando o conflito de regional em global.

¹¹⁶ O principal questionamento feito pelas lideranças negras baseava-se na estatística populacional. Ao lutar pelos direitos, eles observavam que entre os combatentes norte-americanos no Vietnã, os negros representavam um índice de 25% do número total de soldados, enquanto que no total da população dos Estados Unidos, o índice não alcançava 10% do total da população. A opção dos negros pelas forças armadas, não se baseava em sentimentos patrióticos, mas na possibilidade de empregos e salários garantidos.

peruanos iniciaram um amplo programa de nacionalização da economia, além de instituir reformas de base que atingiam diretamente os interesses norte-americanos no país.¹¹⁷ As suspeitas aumentaram com os contatos estabelecidos entre os peruanos e diplomatas soviéticos, na década de setenta, para o fornecimento de tecnologia e armas, aumentando a capacidade militar do país.

No Cone Sul, a situação que apresentava o quadro mais complicado era, sem dúvida, o brasileiro. As cisões no interior das forças armadas, entre os militares *linha-dura* e o grupo conhecido como *Sorbonne*¹¹⁸. Essa cisão foi resultado da forma de condução política do país e as percepções acerca dos limites institucionais do Estado.¹¹⁹ Mas o episódio mais dramático, como lembrou o memorando da CIA, datado de 1969,¹²⁰ foi o seqüestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, por membros da Aliança Nacional Libertadora (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8)¹²¹.

Essa ação que foi marcada também pelos desencontros entre os órgãos de informação militares, quanto a maneira de proceder na captura dos guerrilheiros. Além do seqüestro do embaixador, o endurecimento da política brasileira com a instalação do AI-5, em dezembro de 1968, transformou o país definitivamente numa ditadura, e o Congresso norte-americano pressionou o governo Nixon a tomar medidas mais duras contra os brasileiros. As pressões só começaram a apresentar resultados no final do governo Médici, no Brasil, e logo após a renúncia de Richard Nixon, nos Estados Unidos.

¹¹⁷ "Entre 1968 e 1975, período em que Velasco Alvarado permanece na presidência do país, a participação do Estado nos investimentos passa de 13% para 23%, a parte do capital estrangeiro diminui de 31% a 21% e a do capital privado nacional se mantém estável em 56%". Alan G. P. DiFranco *apud* Luis Fernando Ayerbe, op. cit., p. 170-171.

¹¹⁸ O grupo dos *linha-dura* tinha como representantes Costa e Silva, Médici, Sílvio Frota e Orlando Geisel. Esse grupo era favorável a manutenção dos militares no poder, além do período necessário à "operação de limpeza" no país, pois eles não confiavam nos civis exercendo o poder político. O grupo da *Sorbonne* contava em suas fileiras com Golbery do Couto e Silva, Ernesto Geisel e Castello Branco, advogavam a idéia de intervenção limitada, ou seja, o poder deveria ser devolvido aos civis, tão logo a "ameaça comunista" tivesse sido eliminada.

¹¹⁹ Maria Celina D'Araújo Celso Castro (org.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

¹²⁰ Central Intelligence Agency. *The situation in Brazil - National Intelligence Estimative, number 93-69*. Washington, 13 de fevereiro de 1969.

¹²¹ Jacob Gorender. *Combate nas trevas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 181-186.

Os anos setenta se iniciaram com a troca de comando nos Estados Unidos. Sai de cena Lyndon B. Johnson, e assume o republicano e representante do conservadorismo, Richard Nixon (1969-1974). Nixon ganhou as eleições prometendo retirar, gradualmente, as tropas estacionadas no Vietnã. Promessa cumprida somente a partir de 1973¹²², no processo conhecido como *vietnamização*, ou seja, a passagem da responsabilidade de defesa para as forças sul-vietnamitas.

Richard Nixon procurou estabelecer novo ritmo na política externa norte-americana, na defensiva desde meados da década anterior. No âmbito externo, Nixon estreitou as relações diplomáticas com a União Soviética, ampliando a *détente*, ao mesmo tempo em que procurou isolá-la ainda mais, principalmente a partir da iniciativa de aproximação com a China, em 1972.¹²³ Nixon e seu conselheiro de segurança nacional, Henry Kissinger, propuseram uma nova forma de equilibrar as forças político-militares no mundo. O plano era abandonar o bilateralismo da Guerra Fria, já que interferências nas respectivas zonas de influência não eram, ainda, cogitadas, e adotar o projeto do multilateralismo, onde os Estados Unidos dividiriam a tarefa de liderança e resolução dos problemas globais com a União Soviética, China, Japão e Europa Ocidental.¹²⁴

O conflito árabe-israelense de 1973, a Guerra do Yom Kippur, contribuiu para reorientar a política externa norte-americana. O apoio incondicional dado pelos Estados Unidos a Israel, foi substituído por uma postura, pelo menos na superfície, de neutralidade, exatamente para não empurrar de vez os países árabes para o lado soviético. A postura norte-americana não obteve o efeito esperado, e o resultado foi a crise do petróleo de 1973, que abalou a economia mundial, mas com efeitos particularmente perversos nos Estados Unidos¹²⁵, com

¹²² A retirada total das tropas norte-americanas do Vietnã do Sul ocorreu em 1975, quando forças norte-vietnamitas e vietcongues entraram em Saigon, dando fim ao conflito iniciado no início dos anos sessenta.

¹²³ As relações sino-soviéticas já se encontravam estremecidas desde 1968, quando a guerra entre os dois países mostrou as divergências no interior do bloco comunista.

¹²⁴ Luis Fernando Ayerbe, op. cit., p. 160.

¹²⁵ O choque do petróleo, além de provocar forte crise econômica nos países ricos, teve também efeitos devastadores nos países pobres, já que a crise fez secar a fonte de dinheiro abundante e barato, que irrigava os projetos de legitimação dos governos autoritários do Terceiro Mundo. Legitimidade construída sobre as bases do

alta da inflação, aumento do desemprego (com taxas superiores as da crise de 29), e forte redução dos investimentos internos.

Na América Latina, o acontecimento mais dramático foi o golpe de Estado no Chile, em 1973. Golpe que contou com o apoio dos Estados Unidos e arquitetado pela CIA, em associação com setores da sociedade chilena e os militares. Embora a CIA negue seu envolvimento no planejamento e apoio logístico às forças golpistas, documentos informam que além do envolvimento da Agência, o presidente Nixon e Kissinger estavam preocupados com a “continuada fragmentação das forças políticas conservadoras e moderadas”¹²⁶ no Chile. Temiam, com a vitória eleitoral de Allende, o surgimento de uma “nova Cuba”. E se o apoio às forças opositoras ao governo falhasse, os Estados Unidos recorreriam ao “estrangulamento econômico”, como o realizado contra Cuba.

A chegada de Richard Nixon à presidência, marcou a virada conservadora no poder político norte-americano. Após décadas de hegemonia política dos liberais, o Estado norte-americano enfrentou momentos de crise política (Guerra do Vietnã) e crise econômica (inflação e desemprego crescentes), gerando descontentamentos no interior da sociedade, especialmente os setores médios¹²⁷, de um lado, e os grupos étnicos minoritários, do outro.¹²⁸ Esse desgaste político-econômico contribuiu para que as forças políticas conservadoras¹²⁹ canalizassem o processo político em seu favor.

Estado de Segurança Nacional e crescimento econômico continuado. Sobre a ideologia de segurança nacional, cf. Joseph Comblin. *A ideologia da segurança nacional – o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹²⁶ “[...] continuing fragmentation by conservative and moderate political forces”. *CIA activities in Chile*. Washington, 18 de setembro de 2000.

¹²⁷ Os setores médio-urbanos da região conhecida como *Sunbelt* (Cinturão do Sol) tornaram-se os principais eleitores dos (neo)conservadores (republicanos). Sua insatisfação foi causada pelas políticas de bem-estar social, que através de programas de afirmação das minorias (negros e latinos) onerava a capacidade produtiva da nação. Tais políticas, para os neoconservadores e seus eleitores, contrastariam com a ideologia liberal-econômica de conquistas materiais através do próprio esforço.

¹²⁸ As pressões exercidas pelas minorias étnicas sobre o Estado resultaram da timidez do projeto de afirmação, assim considerado pelas principais lideranças dos movimentos sociais.

¹²⁹ As denominações *conservador* e *neoconservador* são utilizadas para designar grupos políticos que possuem filiação semelhante, mas não defendem uma mesma posição política. Os conservadores, ideologicamente, se colocam contra as formas capitalistas de produção e organização da sociedade, isso não significa que fossem simpatizantes do socialismo. Já os neoconservadores estabelecem um novo parâmetro em suas concepções

O discurso conservador era claro e objetivo. Ele indicava o inimigo interno, o Estado Liberal-democrata, e o inimigo externo, o comunismo e a União Soviética e seus satélites. Para muitos conservadores, principalmente os mais radicais, comunismo e liberalismo seriam a mesma coisa.¹³⁰ Nixon via na oportunidade, uma chance de diminuir o tamanho do Estado, cortando gastos sociais, reduzir os impostos, e incentivar a iniciativa privada, justamente para recuperar a economia, em dificuldades por causa da longa duração do conflito no Sudeste Asiático, e a crise no Oriente Médio.

Economicamente, os Estados Unidos viram-se ameaçados pela emergência de potências no interior do próprio bloco capitalista (na Europa Ocidental, Alemanha e França, na Ásia, o Japão). Com o sucesso, momentâneo, das medidas tomadas, os conservadores ganharam novo impulso, consolidando cada vez mais sua posição no seio da sociedade norte-americana.¹³¹

As propostas de Richard Nixon, para construção da *responsabilidade compartilhada*, não resultaram em ganhos político-econômicos duradouros para os Estados Unidos. A hegemonia norte-americana estava de tal forma comprometida, que o surgimento de importantes processos revolucionários, e o início de processos de transição política, ocorridos em vários países do Terceiro Mundo¹³², fortaleceram a convicção da necessidade de uma radical virada política na Casa Branca.

ideológicas, abraçando uma modalidade mais radical do capitalismo, discursando em favor da cada vez menor interferência do Estado na economia e na sociedade, lançando as bases do que se convencionou, anos mais tarde, chamar de *neoliberalismo*.

¹³⁰ Para os neoconservadores, o Estado de Bem-Estar Social, herança dos anos Roosevelt, paralisa as forças vitais do país, impedindo o pleno desenvolvimento do mercado e contribuindo para o clima de insegurança que levaria o capitalismo à derrota, através do gradual enfraquecimento dos Estados Unidos, e deixando aberto o caminho para a vitória do comunismo.

¹³¹ Atílio Boron localiza o avanço dos neoconservadores a partir da segunda metade dos anos setenta, quando as bases do Estado liberal encontravam-se suficientemente minadas. Particularmente, localizo o processo ainda no final dos anos sessenta, no momento em que a ideologia liberal-democrata conheceu seu momento de auge. Cf. Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

¹³² Processo de Distensão no Brasil (1974-1979), governo Perón (Argentina, 1974-1976), movimentos de libertação nacional, de inspiração marxista, na África portuguesa (Angola, 1961-1975; e Moçambique, 1964-1975), e os movimentos guerrilheiros em El Salvador (1968-1985), Nicarágua (1961-1979) e Guatemala (1962-1981).

Além do fato de que vários dos problemas citados estavam em curso na América Latina, e que a *responsabilidade compartilhada* possuía limites consideráveis, expondo a fragilidade da política externa norte-americana em controlar os eventos no “Quintal” latino-americano, davam mostras que os norte-americanos estiveram demasiado preocupados com outras regiões.

Se o contexto político externo apresentava quadros nada promissores, internamente, a situação se agravou com o escândalo Watergate e a conseqüente renúncia de Richard Nixon, em 9 de agosto de 1974. Embora as instituições políticas norte-americanas tenham saído do episódio quase intactas da crise¹³³, foi exatamente essa crise que acelerou o declínio da hegemonia política norte-americana, apresentando dois resultados importantes: o primeiro, a posse sob desconfiança e maior controle do Congresso¹³⁴ de Gerald Ford (1974-1977), que se transformou em duro golpe na estratégia conservadora de manutenção do poder; e o segundo, o revigoramento da ideologia liberal-democrata, na defensiva desde o final dos anos sessenta.

Gerald Ford assumiu a vice-presidência dos Estados Unidos, nomeado por Richard Nixon, após a renúncia de Spiro Agnew, sob pressão desde o escândalo Watergate¹³⁵. E após a renúncia de Richard Nixon, Ford assume a presidência. Arthur Schlesinger Jr. comenta sobre Gerald Ford, que ele e seu vice, Nelson Rockefeller foram os primeiros mandatários do país a assumirem os cargos sem terem sido eleitos.¹³⁶

No período em que esteve à frente da presidência, Ford tentou resolver os problemas herdados do governo Nixon, como taxas crescentes de inflação e desemprego. Elas foram

¹³³ Robert Divine; T. H. Breen et. al. *América: Passado e Presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992, p. 674-695.

¹³⁴ O Congresso norte-americano aprovou leis que limitavam as ações do presidente, particularmente a *War Powers Resolution*, de 1973, além da *Freedom Information Act*. Cf. Arthur Schlesinger Jr. *Os ciclos da história americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p. 319.

¹³⁵ Invasão da sede do partido democrata, edifício Watergate, em Washington por homens a serviço da Casa Branca, em junho de 1972.

¹³⁶ Arthur Schlesinger Jr., op. cit., p. 396.

marcas de um período muito pouco conhecido da presidência norte-americana, ao contrário do governo anterior e do governo Carter, que veio a seguir.

Os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que se preparavam para a comemoração do bicentenário de independência, os norte-americanos assistiam, atônitos, o declínio do poder norte-americano e o crescimento dos desafios à manutenção desse poder. O mais importante desses desafios foi, sem dúvida, a vitória dos norte-vietnamitas e vietcongues na Guerra do Vietnã (1975), o que pareceu ser o sinal mais evidente, para os conservadores, da expansão do comunismo, primeiro no Sudeste Asiático, e depois para o restante do continente. Tudo isso atemorizava Washington, mesmo que o fim da guerra, significasse também o fim das mortes de soldados norte-americanos.¹³⁷

A postura de Gerald Ford, nos assuntos de política externa, recebeu críticas dos dois partidos. Republicanos e democratas acusavam Ford, cada um a sua maneira, de conduzir equivocadamente os destinos do país no âmbito externo. Os republicanos o faziam porque o presidente não agiu com pulso firme para conter o avanço comunista¹³⁸. Já os democratas criticavam o presidente pela manutenção dos laços com as ditaduras que sistematicamente desrespeitavam os direitos humanos.

Ford foi inábil na condução da política externa e interna, pois como vimos, não conseguiu ampliar, e nem mesmo manter, a hegemonia norte-americana. Economicamente, o país enfrentou os problemas herdados do governo Nixon, como a competição cada vez maior por parte dos aliados, além da diminuição da produção industrial, aumento do desemprego e da inflação. Problemas que foram abrindo o caminho para o retorno dos democratas ao poder em 1976.

¹³⁷ Aproximadamente 58 mil soldados norte-americanos perderam a vida durante os 13 anos de conflito. As baixas vietnamitas podem ter ultrapassado a cifra de 2 milhões de mortos, embora os dados não sejam muito confiáveis.

¹³⁸ *Diccionario de Historia y Política del Siglo XX*. Madrid: Editoria Tecnos, 2001, p. 271.

As forças guerrilheiras, identificadas com projetos de libertação nacional, eram em sua maioria identificados com o socialismo¹³⁹, tornaram-se cada vez mais atuantes. Esses movimentos conquistaram considerável base de apoio junto à população. Suas propostas de transformação política e econômica estavam associadas ao fim da exploração e desigualdades sociais, e estavam dando vantagem às forças de esquerda ou populares (ver nota 40), além do aumento da postura crítica de setores sociais nos países latino-americanos, quanto a presença norte-americana na área, eram as principais preocupações do governo Ford, pois o apoio político, tão necessário, esvaziava-se cada vez mais.

Neste quadro, os ganhos políticos foram poucos, a compensação para o governo foi o Acordo de Limitação de Armas Estratégicas (SALT – sigla em inglês para *Strategic Arms Limitation Treaty*), assinado com a União Soviética, em 1975, dando continuidade à política de Détente do governo Nixon, e coroando o esforço do secretário de Estado, Henry Kissinger.¹⁴⁰

A despeito de todos esses problemas, Gerald Ford tentou a reeleição no pleito de 1976. Mas, além dos problemas, Ford teve que enfrentar não só a oposição dos republicanos, embora ele pertencesse ao partido, como a oposição democrata, que concorria com Jimmy Carter. Ford perdeu as eleições por razões internas e externas. Externamente, a imagem dos Estados Unidos como superpotência estava seriamente comprometida. O avanço do antiamericanismo pelo mundo, expôs perigosamente seus limites, especialmente após a derrota, não admitida, no Vietnã.

Internamente, a crescente impopularidade do governo Ford, como resultado dos problemas econômicos – o aumento do desemprego e da inflação –, além dos problemas políticos, com a crescente hostilidade do Congresso, que encontrou nos eventos Watergate e após, uma

¹³⁹ Eric J Hobsbawm. *Nações e nacionalismos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 159-194.

¹⁴⁰ Ao mesmo tempo em que negociava com os soviéticos, Henry Kissinger lamentava a vitória das forças da MPLA – Movimento Para a Libertação de Angola, de orientação marxista, pois acreditava que a apatia norte-americana era consequência dos traumas do Vietnã. Cf. *América: Passado e Presente*, op. cit., p. 712.

oportunidade para reduzir os poderes presidenciais, obrigando-o a consultar sempre que fosse necessário tomar decisões na área de política externa.

Embora em muitos aspectos políticos, os anos Ford tenham sido mornos, ideologicamente revigorou o embate entre (neo)conservadores¹⁴¹ e liberais, e foi exatamente isso o que significou a vitória de Jimmy Carter, o triunfo da ideologia liberal, mas por pouco tempo.

Jimmy Carter, candidato democrata, ex-governador da Geórgia, venceu as eleições de novembro de 1976 com ampla margem, aproximadamente 70% dos votos populares. Com a ascensão de Carter à presidência, a política externa conheceria uma reviravolta. Embora mantivesse a política de Détente, o relacionamento dos Estados Unidos com seus aliados latino-americanos seria diferente.

O endurecimento do discurso em favor dos direitos humanos levou a duas situações: a primeira atendia aos interesses dos democratas em mudar a imagem dos Estados Unidos, associando-os à democracia e à liberdade, mesmo que representasse concessões políticas importantes que talvez colocassem em risco “a segurança dos Estados Unidos”; a segunda, a desconfiança de republicanos e o desconforto dos aliados latino-americanos, preocupados com a segurança nacional, com o condicionamento da ajuda econômica à uma política de liberalização política. O temor dos republicanos era de que a política do presidente colocasse em risco os interesses nacionais e privados dos Estados Unidos na América Latina.¹⁴²

Em escala global, a perda da hegemonia. O ano de 1979 significou o período mais agudo desse processo de perda hegemônica. A revolução iraniana indicou que a ascensão do fundamentalismo muçulmano colocava-o como um novo inimigo para os Estados Unidos, ao lado do comunismo. Como se não bastasse a União Soviética, o Islã despontava, agora,

¹⁴¹ Agora os conservadores serão identificados como *neoconservadores*, para identificar o grupo que ascendeu ao poder com a chegada de Reagan à presidência, em 1981.

¹⁴² A preocupação com segurança nacional foi a tônica das plataformas políticas que conduziram Ronald Reagan à presidência.

como uma nova ameaça, pois as zonas produtoras de petróleo do Oriente Médio estariam sob o constante perigo de que novas revoluções inspiradas no modelo iraniano irrompessem na região, colocando em risco o fornecimento do petróleo e podendo afetar ainda mais a economia ocidental, ainda traumatizada com o choque de 1973.¹⁴³

1.2 – A Rota da Esquerda: de Sandino à Manágua

Inicialmente, ao mesmo tempo em que aponto o surgimento da FSLN, deve-se trazer à luz da história a trajetória do homem que serviu de inspiração ao movimento guerrilheiro, que foi batizado em sua homenagem, inspirado em seus ideais. E este movimento que chegou à capital da Nicarágua, em julho de 1979, concretizando o projeto nascido nas montanhas nicaragüenses décadas antes. Seu nome, Augusto César Sandino.

Sandino apresenta trajetória similar a outros líderes revolucionários latino-americanos¹⁴⁴. Assistiu o país ser invadido e ocupado por forças estrangeiras, e como essas forças impuseram um modelo econômico responsável pela manutenção dos índices sociais muito abaixo dos aceitáveis e além da instalação da ditadura (Somoza) que atuou como guardião dos interesses dos Estados Unidos, e que governou o país com mão de ferro, até que os herdeiros políticos do Sandinismo a retirassem do poder décadas mais tarde.

Sandino compreendia a necessidade do povo conhecer sua própria história, para empreender o processo revolucionário. Neste sentido, as palavras do romancista

¹⁴³ A Guerra Irã-Iraque iniciada em 1980, começada pelos iraquianos, deu uma trégua necessária para as potências ocidentais e também a União Soviética, pois refrrearia, mesmo que momentaneamente, o avanço fundamentalista pelo Oriente Médio.

¹⁴⁴ As maiores dificuldades pelos revolucionários latino-americanos, especialmente aqueles não-filiados aos partidos comunistas, foi o isolamento que estes colocaram todos os que não adotavam a ortodoxia presente nas resoluções do Comintern.

colombiano Gabriel García Márquez são fundamentais, e permite a comparação da situação do povo de Macondo com os nicaragüenses.

[...] a consciência histórica é condição necessária para a sobrevivência e desenvolvimentos autônomos de toda a sociedade.¹⁴⁵

Assim, como observado por Gabriel García Márquez, Sandino entendia que o processo revolucionário nicaragüense, ou de qualquer outro país centro-americano, deveria considerar seu passado, não o passado colonial espanhol, mas aquele que remetesse ao passado indígena, herança histórica comum aos povos da região, e confrontá-lo com o período colonial, exatamente para lançar as bases de uma sociedade futura. Desta forma, Sandino estaria naquele pequeno grupo,

[...] de intelectuais que começaram a olhar para o distante passado indígena, e redescobrir a *identidade histórica da nação*, e transcender a hispanicidade estreita, que freqüentemente ignorava a política nacional, o pensamento, a literatura, e geralmente, as massas.¹⁴⁶

A primeira vista, a proposta seguida por Sandino, rompe com o esquema tradicional do marxismo no continente, que apostava somente na análise de conjuntura, mas que abandonava ou não contemplava, os processos históricos anteriores à colonização. Os comunistas tradicionais, ainda presos à ortodoxia, desconsideraram a capacidade revolucionária das populações indígenas, mantendo como objetivo o levante do proletariado urbano. Como Mariátegui, Sandino inverte essa equação. Ele propõe um trabalho de conscientização das massas rurais e urbanas através de um substancial trabalho de educação histórica.

Sandino não acreditava, como os comunistas, no processo revolucionário caracteristicamente etapista, onde a burguesia faria sua revolução, destruindo as bases da

¹⁴⁵ Gabriel García Márquez. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

¹⁴⁶ "Only then could a few intellectuals begin to look toward their distant indigenous past to rediscover their nation's historic identity and thus transcend the narrow Hispanicism that had often constrained national politics, thought, and literature and the masses generally." Harry Vanden & Gary Prevost. *Democracy and Socialism in Sandinista Nicaragua*. London: Lynne Rienner Publishers, 1993, p. 24.

economia agrária,¹⁴⁷ e lançar as bases do capitalismo. O problema residia no fato da burguesia nicaragüense não demonstrar nenhum interesse em “realizar as mudanças necessárias para o desenvolvimento de um ‘moderno sistema capitalista nacionalista’”.¹⁴⁸

Mesmo sendo contemporâneos, Sandino e Gramsci, as concepções deste último influenciaram as estratégias da FSLN quanto as formas de mobilização das massas. Já Sandino, colocou em prática aquilo que Gramsci apontava como sumamente necessário nos *Cadernos do Cárcere*, que esclarece a maneira de como os intelectuais e o povo devem proceder:

Passagem do saber ao compreender, ao sentir, e, vice-versa, do sentir ao compreender, ao saber. O elemento popular “sente”, mas nem sempre compreende ou sabe: o intelectual “sabe”, mas nem sempre compreende e, sobretudo, “sente”. [...] O erro do intelectual consiste [em acreditar] que seja possível saber sem compreender e, sobretudo, sem sentir e ser apaixonado [...] explicando-as e justificando-as na situação histórica determinada, ligando-as dialeticamente às leis da História, a uma superior concepção do mundo, cientificamente e coerentemente elaborada, o “saber”; não se faz política-história sem esta paixão, ou seja, sem esta conexão sentimental entre intelectuais e povo-nação.¹⁴⁹

As palavras de Gramsci indicam a necessidade de um novo tipo de intelectual, o *intelectual orgânico*, elemento responsável por dar coesão, sistematização e transformar as aspirações populares em projeto político e em ideologia proletária. Neste percurso, Sandino enxergou a urgência de realizar a tarefa de conciliar os elementos que compunham o “saber” e o “sentimento” popular com o “saber” intelectual. Para o nicaragüense, a realidade histórica das populações indígenas remete à tragédia do país como um todo.¹⁵⁰ Sem recorrer a fórmulas mirabolantes, Sandino, como seu colega sardo, sabia que o primeiro obstáculo a ser transposto era o *senso comum*, a ideologia em sentido negativo, que naturalizava as

¹⁴⁷ Como se houvesse alguma dicotomia entre a burguesia urbana e as elites agrárias, principalmente quanto aos interesses de classes.

¹⁴⁸ “(...) achieve the changes necessary to develop a modern nationalist capitalist system.” Ibidem, p. 24.

¹⁴⁹ Antonio Gramsci *apud* Patrícia Piozzi. “Sensibilidade e Razão: Gramsci e o ‘espírito popular criativo’.” In: *Marxismo e ciências humanas*. São Paulo: Xamã/Cemarx, 2003, p. 180.

¹⁵⁰ Augusto Cesar Sandino. *Manifiesto Político*. Nueva Segovia, Nicarágua, 1 de julho de 1927. e *Luz y Verdad*. El Chipotón, Nicaragua, 15 de fevereiro de 1931.

desigualdades e que atua paralisando a ação política emancipatória, garantindo, dessa maneira, a continuidade da dominação.¹⁵¹

O movimento de Sandino tinha por característica ser amplo, aglutinando vários grupos sociais, em sentido oposto daquilo que propunham os comunistas após a III Internacional, o que levou Sandino ser chamado de traidor pelo Partido Comunista Mexicano.¹⁵² Este foi o modelo adotado pela Frente Sandinista nos anos sessenta e setenta, conseguindo inclusive, agrupar sob o guarda-chuva da Frente, tendências diferentes congregando até setores mais moderados da sociedade.

Antes do surgimento da Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), a oposição ao governo Somoza (Anastásio Somoza García, 1936-1956) era feita pelo Partido Socialista Nicaragüense (PSN), de orientação soviética, e, como tal, organizado¹⁵³. Para este partido, o processo revolucionário deveria passar, necessariamente, pela revolução burguesa e depois desse passo, viria a revolução do proletariado, quando as condições subjetivas e objetivas estivessem suficientemente maduras, ou seja, o pleno desenvolvimento do modo de produção capitalista e os sinais visíveis de sua crise pudessem ser percebidos.

A análise da realidade nicaragüense, realizada pelo PSN, adquiriu caráter explicitamente mecanicista. Percepção essa que o levou a se associar, com freqüência, aos “tradicionais

¹⁵¹ A repressão exercida pelo Estado e seus agentes, combinada com a influência exercida pelo catolicismo conservador, eram responsáveis pela “passividade” da população. Com a quase totalidade da população nicaragüense professando o catolicismo, a Igreja constituía-se como um poderoso elemento político, principalmente por fazer um discurso apolítico. Sua hegemonia somente seria colocada à prova com o advento da Teologia da Libertação e o trabalho pastoral realizado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

¹⁵² “[Sandino] as a traitor to the cause of world anti-imperialism.” Harry E. Vanden & Gary Prevost, *op. cit.*, p. 28.

¹⁵³ Com rígida estrutura hierárquica e ferrenha devoção dos membros, além de se manter atrelado a uma interpretação dogmática do marxismo, fortemente influenciados pelas orientações do PCUS, e as determinações constantes na orientação dada aos partidos comunistas após a III Internacional Comunista (1919-1943). A observação de Georg Lukács sobre o marxismo se faz necessária para ilustrar o problema do dogmatismo, já que o “marxismo não implica na aceitação a-crítica dos resultados das investigações de Marx. Não é a crença nesta ou naquela tese, nem a exegese do livro ‘sagrado’. Muito pelo contrário, a ortodoxia refere-se ao método”. Georg Lukács *apud* Harry Vanden e Gary Prevost, *op. cit.*, p. 2.

políticos burgueses” e com os “sindicatos, estes controlados por Somoza”, pondo de lado os trabalhadores.¹⁵⁴

A cisão entre os membros do PSN e a parcela descontente com as propostas reformistas desse partido, levou a criação, em 1961, da “Frente Sandinista de Liberación Nacional” (FSLN) com o propósito de dar continuidade do projeto revolucionário de Augusto Sandino, e efetuar uma oposição mais decidida contra a dinastia Somoza (1936-1979)¹⁵⁵. A inspiração para a recém-criada FSLN foi o movimento que dois anos antes chegava ao poder em Cuba, o *Movimiento Revolucionário 26 de Julio* (MR-26), que como seu par nicaragüense, também teve problemas com o dogmatismo paralisante do partido comunista cubano.

A FSLN, como o MR-26, estabeleceu novos conceitos para a teoria revolucionária. O marxismo deveria se adequar à realidade latino-americana¹⁵⁶, significando a ruptura definitiva com os partidos comunistas locais, e suas concepções etapistas. A FSLN buscou ampliar os laços com as massas, a partir da teoria revolucionária mais adequada a situação do campesinato nicaragüense, “sentindo” (no sentido gramsciano) suas necessidades, atuando como verdadeiro “intelectual orgânico”, ao intermediar os anseios do povo com o projeto revolucionário.

A ruptura com o PSN, e o novo momento que se constituiu no relacionamento com as massas, representou a fase em que eles,

[...] se voltaram para o marxista peruano José Carlos Mariátegui e para o italiano Antonio Gramsci, artífices de uma filosofia baseada na ação revolucionária, onde enfatizaram a importância do fator subjetivo no processo revolucionário, e o *papel da ideologia na motivação das massas*. Mariátegui acreditava que o revolucionário era motivado pelo “mito” e não por qualquer interesse mais estreito – um tema que freqüentemente aparecia nos discursos de Che e Fidel. Mariátegui também acreditava que o

¹⁵⁴ “[...] often collaborated with traditional bourgeois politicians and Somoza-controlled unions, at the workers’ expense”. Ibidem, p. 31.

¹⁵⁵ Anastasio Somoza García (1936-1956), Luís Somoza, seu filho (1956-1963), e Anastasio Somoza Debayle, irmão de Luís Somoza (1963-1979).

¹⁵⁶ Como Mariátegui havia feito décadas antes, no Peru.

mito poderia ser transformado em ação revolucionária, *através de cuidadosa educação política de amplos segmentos do povo.* (grifos do autor)¹⁵⁷

A FSLN, no começo dos anos setenta se dividiu em três tendências, que possuíam estratégias diferentes, mas que buscavam o mesmo resultado final, a retirada de Somoza do poder, e mesmo tendo orientações diferentes, não houve a rivalidade característica, coisa comum em movimentos revolucionários.¹⁵⁸

A primeira que advogava a teoria da *Guerra Popular Prolongada*¹⁵⁹, e era liderada por Ricardo Morales e Tomás Borge, de inspiração maoísta e castrista, cuja ação era direcionada para o campesinato através da educação política, com destaque para a cuidadosa preparação do revolucionário, onde o elo de ligação entre os revolucionários e o campesinato é o foco guerrilheiro (*foquismo*).¹⁶⁰

A segunda, conhecida como os *Proletários*, cujos líderes eram Luis Carrión e Jaime Wheelock, adotava uma linha mais tradicional dentro pensamento revolucionário, procurando aplicar o processo de mobilização das massas, via consciência de classe, para atingir os objetivos revolucionários. Seu método não diferia muito dos partidos comunistas tradicionais, já que a base do processo revolucionário são os elementos urbanos, como a própria denominação indica. Eles se aproximavam da idéia de *partido de vanguarda leninista*, ou seja, seriam eles os *revolucionários profissionais*.¹⁶¹

¹⁵⁷ “They turned to the Peruvian Marxist José Carlos Mariátegui and to the Italian Antonio Gramsci to craft a philosophy based on revolutionary action, the importance of the subjective factor in making revolution, and the role of ideology in motivating the masses. Mariátegui believed that the revolutionary was motivated by a ‘myth’ and not any narrow personal interest – a theme echoed often in the speeches of Ché and Fidel. Mariátegui also believed that myth could be turned into revolutionary action through careful political education of a broad segment of the people”. Harry E. Vanden & Gary Prevost, op. cit., p. 35.

¹⁵⁸ Talvez o caso mais famoso seja o ocorrido durante a Guerra Civil Espanhola, quando comunistas e anarquistas não se entenderam, e que culminou com a derrota dos legalistas na guerra. É sabido do interesse de Stálin em desarticular o movimento anarquista, exatamente por este se opor veementemente ao projeto de partido único, como era no caso o dos comunistas.

¹⁵⁹ Cf. John Pimlott. *Guerrilla warfare*. London: Bison Books Ltd. 1985, p. 32-33, sobre a *Guerra Popular Prolongada*, e na mesma obra, nas páginas 104-112, sobre a *Teoria do Foco Guerrilheiro*.

¹⁶⁰ Os limites presentes na estratégia dos adeptos dessa teoria foi o afastamento em relação aos elementos urbanos, o que levou esta tendência a se isolar durante o processo revolucionário, embora a concepção estivesse perfeitamente adequada à realidade nicaraguense.

¹⁶¹ A concepção de revolucionários profissionais ganhou destaque entre os marxistas a partir da II e III Internacionais, onde foram discutidas as formas de atuação dos partidos comunistas. O maior problema com a vanguarda é o afastamento destes em relação à maioria dos simpatizantes do movimento. Geralmente tem-se

A terceira, os *Terceristas*, seria o meio caminho entre os adeptos da GPP (Guerra Popular Prolongada) e os *Proletários*. São dessa tendência os dois principais líderes da FSLN, Daniel e Humberto Ortega. Para os *terceristas* as ações no campo e na cidade possuem grau de importância equivalente, portanto a ênfase do esforço revolucionário consiste na busca de alianças que possibilitassem a vitória contra a ditadura.

Isso explica a frente de oposição que se formou, congregando atores políticos de diversas matrizes ideológicas. Eles foram influenciados pelas concepções do MR-26 e de Augusto Sandino. Tinham clara a necessidade de retirar Somoza do poder, mas a teoria marxista não estava muito nítida, o que não significou que ela não fosse um componente no processo revolucionário. Eram politicamente moderados e procuravam estabelecer um governo mais próximo da Social-Democracia¹⁶².

É importante perceber que o marxismo-leninismo funcionou como ótima contrapartida para a ideologia liberal, dominante na América Latina¹⁶³ e fortemente identificado com a opressão política, exercida pelos governos locais, e opressão econômica, como, por exemplo, a ingerência norte-americana nos assuntos internos dos países da região. Começou a se configurar numa ação caracteristicamente imperialista, o que foi rapidamente explorado pelos movimentos revolucionários, transformando o crescente imperialismo norte-americano, e suas mazelas, em bandeira de luta com forte apelo popular.

No mesmo sentido de confronto com o *status quo*, mas adotando uma estratégia diferente, ganham espaço as teses religiosas de orientação social, onde o exemplo mais importante

revelado fatal quando as vanguardas ignoram o apoio popular a causa, embora a construção de bases de apoio nas cidades seja a sua principal tarefa.

¹⁶² Peter H. Smith, op. cit., p. 193.

¹⁶³ O conceito *liberalismo* é freqüentemente associado ao pensamento lockeano, que aborda os temas da *representação política e individualismo*, onde o sujeito possui direitos políticos que contrastam com as idéias de *súdito e servidão*, presentes nos escritos de Robert Filmer (*O Patriarca*). As idéias de Locke são a base da estrutura política dos países anglo-saxões, e aplicados timidamente nos demais países, especialmente os da América Latina. O liberalismo na América Latina é um conceito utilizado para designar grupos políticos, especialmente os que seriam a oposição aos *conservadores*, devendo ser entendido mais como uma designação que propriamente como sinal característico de sua ideologia. Cf. John Locke. *Dois Tratados sobre o Governo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; Louis Hartz. *The liberal tradition in America*. New York: Harvest/HBJ Books, 1991; e Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 686-705.

foi, sem dúvida, a Teologia da Libertação. A partir da Conferência Episcopal Latino Americana, realizada em Medellín - Colômbia, em 1968, setores mais progressistas da Igreja Católica iniciam uma mudança quanto as suas posições sociais. Ela faz a opção pelos pobres, rompendo com a concepção corrente de que a religião deve ser vista como elemento de conforto para as angústias do espírito e não se envolver nas polêmicas políticas e/ou manifestações sociais.

A importância da Teologia da Libertação no contexto latino-americano é levantada pelo fato de que os religiosos que foram seus adeptos, organizados em torno das Comunidades Eclesiais de Base, participaram não só do esforço revolucionário, como também, no caso da Nicarágua, fizeram parte do governo sandinista. As CEB's adquiriram importância na medida em que participaram mais ativamente do processo revolucionário, atuando mesmo como elemento difusor da ideologia revolucionária. Contudo, a hierarquia católica não aprovou este envolvimento mais intenso:

As CEB's nasceram durante o processo revolucionário, ao ver o seu trabalho pastoral como o único autêntico, e necessário, para conseguir o apoio [da população] para a transformação da sociedade nicaragüense. Os bispos, entretanto, enxergavam nesta adesão, sem garantias, um desafio à autoridade eclesiástica. (grifos do autor)¹⁶⁴

A participação dos padres no processo revolucionário é apontada por Michael Dodson:

Os padres guerrilheiros fizeram sua espetacular aparição em vários países, e os movimentos radicais, com a participação dos padres, desafiaram os governos autoritários e a hierarquia conservadora da Igreja Católica, atraindo muita publicidade através da América Latina, entre os anos de 1966 e 1974.¹⁶⁵

A participação de padres nos movimentos revolucionários levou o Vaticano a tomar uma postura de crítica a essas atitudes. Adotando um viés claramente conservador, o Vaticano

¹⁶⁴ "CEBs *born in the revolutionary process see their pastoral work as authentic only if it takes account of and seeks to support the transformation of Nicaraguan society.* The bishops, however, see this unwarranted partisanship, a *challenge to hierarchical authority, and a rupture in Church unity*". Dodson, Michael. Nicaragua: the struggle for the Church. In: *Religion and Political conflict in Latin America*, p. 96-97.

¹⁶⁵ "Guerrilla Priests made dramatic appearances in several countries, and radical movements by priests challenged authoritarian governments and conservative hierarchies, attracting much publicity throughout Latin America between 1966 and 1974". Ibidem, p. 80-81.

instou os religiosos que participavam do governo nicaragüense a renunciar aos seus cargos, criando assim, uma situação de conflito, entre a alta hierarquia da Igreja Católica e os padres, sendo estes últimos, freqüentemente ameaçados de excomunhão caso permanecessem no governo.

Este foi o front interno contra o qual os sandinistas tiveram de enfrentar. Reagan fez várias referências ao caráter anti-Cristão do regime nicaragüense¹⁶⁶, apostando na religiosidade do povo, e também na capacidade de influência da autoridade papal sobre o clero local para que muitos deixassem de apoiar o governo nicaragüense.

No embate da Guerra Fria, a religião, encarada como ópio das massas pelos marxistas ortodoxos, conquistou importante espaço nas disputas de poder que se desenrolaram na Nicarágua. O confronto entre duas correntes no seio da Igreja Católica revelou as tensões existentes.

De um lado, os religiosos adeptos da Teologia da Libertação, que a partir de uma concepção que aproximava intimamente religião e política, questionavam as desigualdades sociais abandonando o tradicional conformismo que levava as massas a aceitar passivamente sua situação sócio-econômica. De outro, a hierarquia da Igreja apoiada em uma visão puramente religiosa da situação que se inaugurou, optou pelo distanciamento e aconselhou seus membros a não participarem do governo nicaragüense. Eles freqüentemente acusaram os Sandinistas de desrespeitar as opções religiosas de cada indivíduo, este discurso foi prontamente adotado por Reagan¹⁶⁷, como podemos constatar neste trecho,

¹⁶⁶ Comentário de Ronald Reagan sobre a situação na Nicarágua: "In Central America Communist-inspired revolution still spreads terror and instability, but it's no match for the *much greater force of faith that runs so deep among the people*. We saw this during Pope John Paul II's recent visit there. As he conducted a Mass in Nicaragua, *state police jeered and led organized heckling by Sandinista supporters*." Ronald Reagan. *Radio Address to the Nation on the Observance of Easter and Passover*, 2 de abril de 1983.

¹⁶⁷ "The symbol of good prevailed. In contrast, everywhere else the Holy Father went the region, spreading a *message that only love can build*, he was met by throngs of enthusiastic believers, eager for Papal guidance and blessing". Ibidem.

Este conflito (entre o arcebispado e o governo sandinista) é obviamente, mais que um choque de vontades. *É um choque de teologias e de estratégias das pastorais, que pressionaram a autoridade tradicional.* Suas raízes repousam na experiência democrática de esforço popular que deu aos diversos grupos no interior da Igreja, um maior raio de ação para desenvolver suas próprias opções pastorais. *O envolvimento dos padres no esforço de criar uma forte identificação com a FSLN, nas bases populares e promovendo uma autêntica opção pelos pobres, ação esta desenvolvida pelas pastorais.* (grifos do autor)¹⁶⁸

O conflito entre o bispado e o governo sandinista foi explorado pelo presidente Reagan, com o intuito de fortalecer seu plano de pressionar os sandinistas até retirá-los do poder. Para isso, contou com o importante apoio do papa João Paulo II, que através de sua visita à Nicarágua, em 1983, contribuiu para aumentar a pressão sobre o governo nicaraguense, apostando na fé e na influência exercida pela Igreja Católica sobre a população.

Os maiores obstáculos a esse esforço foram o apoio popular ao governo, que efetivamente estava tomando medidas que melhoraram sensivelmente a vida da população, diminuindo as taxas de mortalidade infantil, desnutrição e analfabetismo¹⁶⁹, e o trabalho das CEBs, decisivo naquele período, pois mudou a perspectiva da religião cristã, passando das preocupações exclusivamente espirituais para uma postura mais voltada a transformação das vidas dos homens aqui na terra.

Mesmo com a visita do papa e as investidas de Reagan, através de pronunciamentos, as tentativas de enfraquecer moralmente os sandinistas revelaram-se inicialmente infrutíferas. Reagan, em 2 de abril de 1983, em mensagem sobre a Páscoa¹⁷⁰, comparou o esforço dos primeiros cristãos, e dos judeus, na busca pela paz e pela liberdade, duas coisas que ele não enxergava na Nicarágua sob governo sandinista, e assim, procurou exortar os cristãos nicaraguenses a fazer o mesmo.

¹⁶⁸ "This conflict (between bishops and Sandinista government) is obviously more than a clash of wills. *It is a clash of theologies and of pastoral strategies that has put pressure on traditional authority.* Its roots lie in the democratizing experience of popular struggle that gave diverse groups within the church great latitude to develop their own pastoral options. *The involvement of priests in the struggle nurtured a strong identification with the FSLN at the grass roots and helped to authenticate a pastoral option for the poor*". Michael Dodson, op. cit., p. 98-99.

¹⁶⁹ E. Bradford Burns. *Latin America – A concise interpretative History*. 6ª ed. New Jersey: Prentice Hall, 1994, p. 288-292.

¹⁷⁰ Ronald Reagan. *Radio address to the Nation on the observance of Easter and Passover*. 2 de abril de 1983.

O presidente norte-americano procurou transpor os obstáculos domésticos à sua política para a América Central, visto que a posição do Congresso norte-americano não era favorável à adoção de políticas de caráter intervencionista e de apoio a grupos, como os *Contras*, por exemplo, que lutavam contra um regime legitimado pela população nicaragüense, e que angariava simpatia em vários países, Estados Unidos inclusive, como resultado de seus programas de assistência social.¹⁷¹

Também no campo das ideologias, a Guerra Fria contribuiu para o acirramento principalmente na América Latina, o *Antiamericanismo*. Esta ideologia surgiu como uma resposta local aos problemas enfrentados pela população: ditaduras violentas; esquadrões da morte a “caçar” simpatizantes, ou suspeitos, da guerrilha; economia de rapina praticada pelos mais ricos; empobrecimento paulatino e inevitável; dentre outras mazelas que assolavam os centro-americanos. Os revolucionários identificavam como fonte de todos esses problemas a ingerência dos Estados Unidos na região. Diante desse quadro, observa-se que:

Por extensão, os movimentos revolucionários na América Latina possuíam uma *proposta nacionalista e antiimperialista*. Necessariamente eles se opunham aos Estados Unidos, *o que foi especialmente verdadeiro em Cuba e na Nicarágua, países que sofreram uma longa e dolorosa experiência sob a dominação norte-americana* (de fato, os Sandinistas, cujo hino orgulhosamente proclamava sua determinação na luta contra “o ianque, inimigo da humanidade”). A oposição aos Estados Unidos tem *profundas raízes históricas. E que também, os movimentos revolucionários latino-americanos seguiam a ideologia marxista-leninista, obrigando-os a buscar apoio e solidariedade no interior do bloco comunista*. Quase inevitavelmente, *antiamericanismo e pró-marxismo* traduziram-se em aprovação pela União Soviética. *Sob pressão da Guerra Fria, Fidelistas e Sandinistas tiveram que compartilhar o auxílio dado pelo inimigo de seus inimigos.* (grifos do autor)¹⁷²

¹⁷¹ O governo sandinista foi considerado modelo pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a partir dos resultados obtidos através das políticas públicas de saúde. O governo norte-americano, em sua paranóia anticomunista, não estava interessado no reconhecimento internacional, obtido pelo governo nicaragüense, feito por um organismo das Nações Unidas. Sua postura, naquele momento, lembra a mesma adotada pelo presidente George W. Bush, em desconsiderar as resoluções da ONU e invadir o Iraque, em março de 2003.

¹⁷² “To the extent that revolutionary movements in Latin America had a *nationalist and anti-imperialist purpose*, they were necessarily opposed to the United States; this was especially true in Cuba and Nicaragua, which had suffered long and painful experiences of U.S. domination. (In fact, the Sandinista party anthem proudly proclaimed its determination to struggle against “*el yanqui, enemigo de la humanidad*”) Opposition to the United States had deep historical roots. And extent that revolutionary movements in Latin America followed Marxist ideology, they were bound to seek support and solidarity within the communist bloc. Almost inevitably, anti-

Exatamente vinte anos após a Revolução Cubana, que foi a primeira revolução no continente latino-americano a alcançar o poder no período da Guerra Fria, outra revolução que alcançou a vitória, a Revolução Sandinista. Os seguidores de Augusto Sandino numa ampla frente que incluía setores diversos da sociedade nicaragüense derrubaram a ditadura de Anastasio Somoza Debayle, que à frente do governo conseguiu desagradar até aos setores mais moderados da sociedade, inclusive sua elite, naquilo que James D. Cockcroft classificou de *regime cleptocrático*¹⁷³.

Entre 1972 e 1979, os combates entre os guerrilheiros da FSLN (Frente Sandinista de Liberación Nacional) e a Guarda Nacional, transformaram o país da América Central em um campo de batalha, com pesadas perdas para a população civil.

O impacto e a repercussão da revolução nicaragüense, devem-se ao fato de que ela foi mais uma revolução ocorrida no “Quintal” dos Estados Unidos. Isto influenciou nas orientações que a Casa Branca e o Departamento de Estado norte-americano tomaram nos anos seguintes. Apoiar decididamente os governos da região, tornando-se um mecanismo eficaz para evitar a queda de outros países da América Central, ante o avanço das forças guerrilheiras¹⁷⁴.

1.3 – A Rota da Direita: Origens e Desenvolvimentos dos *Contras*

Os problemas do governo Sandinista começaram no momento em que foram oficializadas as renúncias de Alfonso Robelo e Violeta Chamorro, da Junta Governativa, em 1980, por não concordarem com os rumos tomados pela revolução. O governo nicaragüense ficou sob

Americanism and pro-Marxist translated into approval for the Soviet Union. Under pressure of the Cold War, Fidelistas and Sandinistas had shared incentives to befriend the enemy of their enemy’. Peter H. Smith, op. cit., p. 194.

¹⁷³ James D. Cockcroft. *Latin America – History, Politics, and U.S. Policy*. Chicago: Nelson-Hall, 1996, p. 208-210.

¹⁷⁴ Reagan adaptou para a América Central a Teoria dos Dominós, do Presidente Eisenhower, onde este denunciava a ameaça comunista no Sudeste Asiático, informando que se um dos países da região caísse sob o domínio dos comunistas, os demais países também cairiam. Ela foi mencionada durante uma entrevista do presidente Eisenhower a Robert Richards da Copley Press, em 7 de abril de 1954.

o comando de membros das forças sandinistas e de membros da ala progressista da Igreja Católica.

Para o governo norte-americano e setores da sociedade nicaragüense, a cubanização e sovietação do regime de Manágua significava graves riscos aos interesses desses grupos, pois os planos de reforma agrária e o estabelecimento de uma economia nos moldes do socialismo, não eram bem vistos. Paralelo aos esforços dos sandinistas de iniciar o processo de reconstrução do país, ao norte e ao sul, irromperam as forças rebeldes contra-revolucionárias, ou simplesmente *Contras*. Estes eram compostos por indivíduos oriundos das próprias fileiras sandinistas, como Édén Pastora, o *Comandante Zero*, e ex-membros da Guarda Nacional.

Os *Contras* eram formados por vários grupos, os principais eram: Alianza Revolucionaria Democrática (ARDE); Frente Revolucionaria Sandino (FRS), esses operando de bases na Costa Rica; e a Fuerza Democrática Nicaragüense (FDN), que operava a partir de bases em Honduras. Esta última era composta por antigos membros da Guarda Nacional¹⁷⁵.

As forças contra-revolucionárias receberam substanciais ajudas econômico-militares do governo norte-americano, até 1982, quando uma emenda, a primeira do senador Edward Boland, do estado de Massachusetts, proibia o envio desse auxílio¹⁷⁶, obrigando Reagan a buscar novos mecanismos de convencimento da opinião pública, e dos políticos norte-americanos, especialmente a oposição democrata. É neste momento que os discursos passam a cumprir uma função vital, sobre a iminente ameaça representada pela Nicarágua sandinista à *Segurança Nacional* dos Estados Unidos e à estabilidade política da América Central¹⁷⁷. O governo Reagan enfrentaria novamente a resistência do Congresso em maio

¹⁷⁵ Allegations of Connections between CIA and the Contras in Cocaine Trafficking to the United States (96-0143-IG) – Volume I: The California Story, October 8, 1998. Disponível no endereço <<http://www.odci.gov/cia/reports/cocaine/report/background.html>>. Acessado em 23 de dezembro de 2002.

¹⁷⁶ A Emenda Boland foi aprovada em dezembro de 1982.

¹⁷⁷ A partir de 1983 os discursos ficaram mais duros, para convencer o público e os políticos a respeito da ameaça.

de 1984, quando novamente Edward Boland fez passar na Casa uma nova emenda proibindo o envio de ajuda aos Contras.

A despeito de tais proibições, as atividades dos Contras cresceram significativamente nos anos que se seguiram. Embora tenha havido um incremento nas ações, o estrago causado às forças armadas sandinistas pode ser considerado mínimo. As ações militares afetaram a muito combatida infra-estrutura nicaragüense e atingindo elementos civis, encarregados das áreas de saúde e educação, promovendo o pânico entre a população¹⁷⁸.

Em 1985, houve uma tentativa de unir as duas frentes dos Contras, sendo denominada de *Oposición Nicaragüense Unida* (ONU), mas as divergências ideológicas e de estratégia política, apenas contribuíram para aumentar ainda mais a desvantagem frente ao exército nicaragüense, a esta altura, equipado com armamentos mais sofisticados.

O envolvimento da CIA com os Contras começa ainda em 1981, ano da posse de Ronald Reagan. A formalização do envolvimento se deu com a criação, em março de 1981, da Força Tarefa da América Central (*Central America Task Force – CATF*), que foi assinado:

[...] pelo presidente Reagan, em dezembro de 1981, a Agência estava autorizada para operações secretas e paramilitares, facilitada por governos amistosos (Costa Rica e Honduras) contra alvos cubanos e sandinistas, transportando armas para os insurgentes da América Central. (grifos do autor)¹⁷⁹

A etapa inicial, no valor de US\$ 19 milhões, serviu para treinamento e equipamento das forças contra-revolucionárias. A primeira base de operações foi montada em Honduras em

¹⁷⁸ “although the Sandinista military was larger and better equipped, the FDN and ARDE posed a serious threat to the Sandinista Government because of the economic damage they caused to the Nicaraguan infrastructure”. Volume I: The California Story, op. cit.

¹⁷⁹ “Signed by President Reagan in December 1981, authorized Agency covert and paramilitary operations, facilitated through friendly governments (Costa Rica and Honduras), against Cuban and Sandinista targets involved in arms trafficking to insurgents in Central America”. Ibidem.

janeiro de 1982. As primeiras lideranças dos *Contras* a manter contato com agentes da CIA foram Enrique Bermudez e Adolfo Calero¹⁸⁰

1.4 – Descendo Mais Para o Centro da Terra

As diferenças entre os governos Carter (1977-1981) e Reagan (1981-1989) são explícitas. Enquanto que o governo Carter pressionava os governos centro-americanos por uma política de respeito aos direitos humanos, condicionando o fornecimento de qualquer tipo de ajuda ao cumprimento dessa meta, Reagan optou por combater a guerrilha salvadorenha e o exército sandinista, e sua base de apoio, mesmo que isso implicasse na violação dos direitos humanos, e o impacto negativo que poderia causar na opinião pública doméstica e internacional.¹⁸¹

O triunfo da revolução sandinista deu aos conservadores os argumentos necessários para continuar atacando o governo Carter. A expansão do comunismo na América Central e a perda da hegemonia norte-americana na região, além da existência de outra Cuba, significou que a política externa norte-americana precisava mudar, adotando uma posição mais dura contra o propalado expansionismo soviético, ou a segurança interna dos Estados Unidos estaria, a partir daquele momento, seriamente ameaçada.

Foi neste ambiente que os neoconservadores operaram conquistando cada vez mais espaço político. Suas publicações sempre alertavam sobre o “perigo vermelho”. Atilio Boron¹⁸² lista as publicações neoconservadoras que difundiam sua ideologia, sendo as mais importantes a *Commentary*, dirigida por Norman Podhoretz, *Basic Books*, de Midget Decter, além das *The Public Interest*, *Encounter*, *The New Leader*, *American Scholar*, *Public Opinion*

¹⁸⁰ Ambos foram citados no processo que envolveu a CIA no tráfico de drogas para os Estados Unidos. A denúncia foi feita em artigo publicado com o título *Dark Alliance: The Story Behind the Crack Explosion*. Publicado no jornal *San Jose Mercury News*, em 18 de agosto de 1996, a partir de um relatório do Departamento de Justiça sobre o tráfico de drogas durante as operações na América Central.

¹⁸¹ É neste ponto que se encontra uma das chaves para o entendimento da importância dos discursos. Pois a necessidade de convencer a opinião pública norte-americana da ameaça representada pelo comunismo à segurança nacional, deveria ser levado a sério.

¹⁸² Atilio Boron, op. cit., p. 162.

e *Foreign Policy*. Além disso, publicavam artigos em jornais e revistas de circulação nacional, com *Times* e *Newsweek*.

O objetivo destas publicações foi cerrar fileiras em torno do projeto neoconservador e indicar os dois principais inimigos dos Estados Unidos, o comunismo e o liberalismo, este último identificado com os democratas e seu posicionamento excessivamente permissivo quando o assunto era a contenção do expansionismo soviético.

O resgate da hegemonia e a manutenção da segurança dos Estados Unidos, somente poderiam ser alcançados se fosse adotada uma política de contenção mais dura.¹⁸³ Apesar da suavidade das palavras de Reagan em seu discurso de posse, o recado é bem claro, não seriam feitas concessões àqueles que tramam contra o seu país, embora não muito explícito. A virulência do presidente norte-americano cresceu nos discursos seguintes, atingindo o paroxismo após 1983, e que indica o núcleo duro de sua ideologia, como se pode constatar nesta passagem:

Os adversários da liberdade alocaram enormes recursos para promover seu sistema brutal e propagar suas flagrantes mentiras. Mas nós, nas democracias, em comparação, investimos muito pouco para oferecer ao mundo nossa mensagem de democracia, direitos humanos e verdade. (grifos do autor)¹⁸⁴

Na primeira parte, Reagan distingue os Estados Unidos de outros países, especialmente os socialistas, deixando claro que para ele, as democracias são o melhor sistema de governo. No discurso, o presidente norte-americano afirma que a mentira é prática comum entre os governos socialistas, preocupados em enganar a opinião pública.

Na segunda parte o discurso pela liberdade, característico das democracias, e as dificuldades de dizer a verdade. Devido aos limites impostos aos governos “democráticos”

¹⁸³ Os neoconservadores sempre acreditaram que a política de direitos humanos de Carter favorecia mais aos comunistas em detrimento dos aliados no esforço anticomunista. Essa postura era considerada demasiado frouxa por setores mais duros.

¹⁸⁴ “The adversaries of freedom allocate enormous resources to promote their brutal systems and propagate blatant lies. But we in the democracies, in comparison, have spent far too little to offer the world our message of democracy, human rights, and truth.” Ronald Reagan. *Remarks on signing the Bill of Rights Day and Human Rights Day and Week Proclamation*. Washington, 9 de dezembro de 1983.

pelas instituições políticas e sociedade. Nota-se que o presidente norte-americano ao declarar as dificuldades de “oferecer uma mensagem de liberdade” ao mundo, enxerga um criticismo muito grande, por parte da população em assuntos internos, e total ingenuidade ao aceitar as “mentiras” vindas do exterior.

O discurso de posse de Reagan, em 20 de janeiro de 1981, Estabeleceu uma nova fase nas relações internacionais, retomando a política de contenção e enfrentamento com a União Soviética e seus dois “aliados” na América Central, Cuba e Nicarágua. Essa nova postura tornou-se realidade não muito depois de sua posse, já que os *Contras* iniciaram suas operações contra o governo nicaragüense.¹⁸⁵

Reagan também atacou o gigantismo do Estado, herdado do governo Carter. Ele criticava o tamanho do Estado como responsável pela crescente crise que punia os cidadãos norte-americanos. Desemprego e inflação atormentavam a população, o presidente adotou medidas¹⁸⁶ para recuperar a confiança perdida no país. A recuperação dessa confiança deveria ser acompanhada na recuperação da auto-estima nacional, em baixa desde as crises do Vietnã e Watergate. E somente uma vitória incontestada na América Central poderia devolvê-la.

Isto seria acompanhado, também pelo resgate e valorização da família e da religião, aquilo que Reagan apontava como ausências numa sociedade comunista. Tal posição conquistou importante apoio no seio da sociedade norte-americana, que estaria cansada da liberalização dos costumes, em curso desde o final da década de sessenta.¹⁸⁷ Reagan simbolizava o retorno aos valores do *American Way of Life*, que para os neoconservadores e republicanos, bem como para uma parcela do eleitorado, estava desaparecendo gradativamente sob os governos liberal-democratas. E foi essa associação que contribuiu

¹⁸⁵ Ronald Reagan. *Presidential Findings on Central America*. Washington, 9 de março de 1981.

¹⁸⁶ Redução nos impostos e aumento nos gastos com defesa foram as principais medidas adotadas por Reagan para a recuperação econômica norte-americana.

¹⁸⁷ Richard Hofstadter & Wood Gray, op. cit., p. 368.

para a eleição esmagadora de Reagan no pleito presidencial de novembro de 1980, quando derrotou o candidato à reeleição, o presidente Jimmy Carter.¹⁸⁸

Após a vitória nas eleições, algumas das primeiras medidas de Ronald Reagan como presidente da república foi resgatar a Política de Contenção, de Truman, e a Teoria dos Dominós, de Eisenhower. Se no primeiro momento,

Enquanto procuravam evitar as conquistas da ideologia comunista, para além daquelas já conseguidas na Europa, os Estados Unidos também respondiam aos desafios em vários outros lugares.¹⁸⁹

Reagan passou a enxergar a realidade política global nos moldes ideológicos da Guerra Fria, dicotomizando a situação política e aproveitando os últimos acontecimentos para expor a população norte-americana as razões de seu projeto político externo, que era derrotar o comunismo. As respostas aos desafios deveriam ser rápidas. Assim que tomou posse, uma de suas primeiras providências, ao lado do recém-empossado secretário de Estado, Alexander Haig, foi retirar todos os funcionários que haviam servido no governo Carter, procurando impor uma marca pessoal, e demonstrando a estratégia de linha-dura que seria adotada dali por diante.

Se o avanço do comunismo nos anos Truman e Eisenhower estava concentrado nos continentes europeu (expansão do controle soviético sobre a Europa oriental e o avanço eleitoral dos comunistas em países como França e Itália) e asiático (guerras da Coreia e do Vietnã, além das ameaças no Camboja e Tailândia). Para o governo Reagan, a ameaça comunista estava agora localizada na América Central. Ameaça esta colocada com o avanço das guerrilhas no continente, ou mesmo de forças populares em anos anteriores (a chegada da Allende ao poder em 1970, contribuiu para a percepção da ameaça, por parte dos Estados Unidos).

¹⁸⁸ Reagan ganhou em 44 estados, de um total de 50 e obteve 51% do voto popular, Jimmy Carter ganhou nos outros seis e obteve 41% do voto popular.

¹⁸⁹ "While seeking to prevent communist ideology gaining further adherents in Europe, the United States also responded to challenges elsewhere". Ibidem, p. 286.

Reagan explorou as agruras do governo Carter para consolidar seu projeto. Para isso contou com os recentes eventos que, naquele momento colocaram a hegemonia norte-americana em xeque, como a invasão do Afeganistão, por tropas soviéticas em dezembro de 1979.¹⁹⁰ Significava, para os estrategistas de Washington, também o aumento da zona de influência soviética, que se aproximava perigosamente do subcontinente indiano, alcançando assim, uma posição estratégica favorável.¹⁹¹

Com a construção de várias justificativas possíveis, Reagan e seus assessores estavam prontos para a cartada política mais importante de seu governo naquele momento, expulsar os sandinistas do poder na Nicarágua e garantir a supremacia dos interesses norte-americanos na região, além de erradicar as guerrilhas em El Salvador, e mais à frente pressionar pelo fim do regime cubano. Nas palavras de Ronald Reagan: “Quando for necessária uma ação para preservar nossa segurança nacional, nós agiremos”.¹⁹²

2 – Admirando os matizes da lava¹⁹³

Tall palms were linked by a network of inextricable creepers, a carpet of moss covering the ground and the leaves were colorless, everything having a brownish hue.¹⁹⁴

Os conceitos que serão analisados neste capítulo: *Liberdade* e *Nação* assumiram um status semelhante ao carpete de musgos encontrados pelos exploradores na obra de Julio Verne. A proximidade entre os conceitos é uma das mais importantes características presentes nos pronunciamentos de Ronald Reagan, que os utilizou politicamente, e, portanto, não estava interessado no rigor conceitual, e sim, nas referências que deles serviria para compor o quadro de afirmações contra a Nicarágua e o Comunismo.

¹⁹⁰ A operação militar soviética funcionou como ação preventiva, pois as repúblicas soviéticas situadas ao sul possuem uma maioria de população islâmica, não muito satisfeitas com o domínio soviético, considerado tão desprovida de valores éticos e morais como a sociedade e cultura ocidentais.

¹⁹¹ Eric J Hobsbawm. *Era dos extremos*. op. cit., p. 243.

¹⁹² Ronald Reagan. *Inaugural Address*. Washington, 20 de Janeiro de 1981.

¹⁹³ Os conceitos neste capítulo se matizam como as tonalidades da lava nas paredes do túnel. Os pronunciamentos de Ronald Reagan se assemelham à viagem ao centro da Terra, pois os conceitos permitem a compreensão dos caminhos do pensamento neoconservador, que orientou o presidente norte-americano nos dois mandatos.

¹⁹⁴ Julio Verne. *Viagem ao centro da Terra*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 227.

Algumas passagens ilustram, por exemplo, a importância da concepção de nação como contraponto ao comunismo, e que aparece diversas vezes ao longo dos seis anos de pronunciamentos analisados. A nação adquire, no discurso reaganiano, características de elemento aglutinador, aquilo que possibilita a coesão das aspirações das pessoas e procura explicar o *ethos* norte-americano, ou seja, sua vocação pela liberdade.¹⁹⁵ Por outro lado, o comunismo, ainda entendido como uma ideologia que propõe o internacionalismo, atacaria justamente os “pilares” da nação.¹⁹⁶

Seria possível analisar os conceitos num único conjunto, dada a interpenetração deles, como, por exemplo, *Democracia e Liberdade*, já que para muitas pessoas estes dois conceitos podem ser considerados como sinônimos. Também os conceitos de Nação e Segurança Nacional se aproximam, pois a segurança nacional foi uma doutrina formulada exatamente para defender os elementos constitutivos da nação.¹⁹⁷

A opção pela análise, em separado, de cada um dos conceitos obedecerá aos graus de importância e amplitude presentes nos pronunciamentos de Ronald Reagan (1-*Liberdade*; 2-*Nação*; 3- *Democracia* e 4-*Totalitarismo*), e possibilitará o aprofundamento necessário para o entendimento dos debates existentes, especialmente sobre o conceito de Nação,¹⁹⁸ e a inserção destes conceitos, bem como sua utilização como instrumento da ideologia neoconservadora, nos pronunciamentos.

¹⁹⁵ Jean-Pierre Fichou. *A civilização americana*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 19-21.

¹⁹⁶ E como afirmou Atílio A. Boron, as bases morais da sociedade norte-americana, de origem puritana, e que os próprios neoconservadores entendiam como base da civilização ocidental. Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 166-174.

¹⁹⁷ Analisando através da Doutrina de Segurança Nacional, a Nação é definida pela existência dos seguintes componentes: território, governo, população, tradição, aspirações e interesses comuns. É evidente que esta definição apresenta uma única faceta do conceito, portanto, não se deve considerar tal definição como a definitiva do conceito.

¹⁹⁸ Os conceitos de Nação, ou pelo menos as tentativas de definição, passam pela perspectiva mais comum, como a descrita na nota anterior, passando pela “modernista” de Ernst Gellner e a “cultural-historicista” de Anthony D. Smith. Além das análises realizadas no interior do marxismo, como em Eric Hobsbawm e Horace Davis. E presentes em Montserrat Guibernau e Natividad Gutiérrez Chong.

Os conceitos ganham maior importância se considerarmos o contexto histórico em questão. Neste caso, os últimos anos da Guerra Fria (1981-1989)¹⁹⁹, que no governo Reagan adquiriu matizes próprios, começando com a retomada da política de contenção (*containment*) e terminando em uma nova *détente* com a União Soviética, chegando mesmo a propor a cooperação entre as superpotências, algo impensável nos três primeiros anos de mandato do presidente norte-americano.²⁰⁰

A intensidade com que os conceitos foram utilizados variou de acordo com os anos. Alguns apareceram com maior frequência na primeira fase dos pronunciamentos (1981-1984), como por exemplo, *direitos humanos* e *ditadura*, e gradualmente declinam na segunda fase (1985-1986), embora não desaparecendo completamente (isto também se aplica aos demais conceitos que serão analisados no próximo capítulo)²⁰¹, enquanto *totalitário*, *terrorismo/terrorista* e *comunismo/comunista* como adjetivos do governo nicaraguense, crescem em número de citações.

Outro fenômeno que merece ser observado foi a utilização de conceitos correlatos – *segurança nacional* e *defesa nacional*, *liberdade* e *direitos humanos*. É necessário observar também a ambivalência dos termos em inglês, o idioma dos pronunciamentos. Liberdade aparece como *freedom* ou *liberty*.²⁰² Na utilização do conceito *Nation* (nação), Reagan

¹⁹⁹ A Guerra Fria se situa no período entre 1947-1989.

²⁰⁰ A retórica da “velha Guerra Fria” marcou os pronunciamentos do presidente norte-americano entre os anos de 1981 e 1983.

²⁰¹ A opção por essa divisão se deu pela proximidade dos conceitos no interior dos pronunciamentos.

²⁰² A língua inglesa oferece dois substantivos para a palavra liberdade, *freedom* e *liberty*. O primeiro é empregado com maior ênfase, pois apresenta uma amplitude que contempla o âmbito político. No verbete da palavra *freedom* pesquisado, foi possível perceber que esse substantivo aproxima-se, significativamente, do cerne do liberalismo, ao afirmar que é “o direito de fazer ou dizer o que você quer sem ninguém interrompê-lo”. Nele estão incluídos os direitos de: fala, pensamento, expressão e crença. E é exatamente o que Reagan transformou em cavalo de batalha contra os sandinistas. Já a definição de *liberty* apresenta limitações, especialmente de conteúdo político. O aspecto político reside na possibilidade de escolher como se deve viver “sem interferências ou restrições de governo ou autoridade”. Neste sentido, *liberty* se aproxima ao caráter propagandístico fornecido por *freedom* nos diversos pronunciamentos. Mesmo assim, o termo estaria voltado para situações específicas, onde o estado do indivíduo é percebido, principalmente através da contraposição liberto-cativo. Em resumo, *liberty* não possui a mesma força de *freedom*, como instrumento no discurso político. Cf. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. New York: Oxford University Press, 2003, p. 537 e 772.

também faz uso de *country* (país) e *people* (normalmente traduzido por povo) que também significa *country* ou *race* (raça).²⁰³

Estas definições apareceram com freqüência nos pronunciamentos e permitem uma melhor compreensão de suas aplicações políticas. Por exemplo, quando Reagan busca referências para compreender o significado de uma comunidade mais ampla e com base no conceito mais usual de nação, ele utiliza a palavra *Nation*.²⁰⁴

Ao definir determinadas particularidades, que comumente são chamadas de “nacionais”, as palavras utilizadas são *country* e *people*. Os três exemplos a seguir mostram suas aplicações (a citação será em inglês para ilustrar a diferença na utilização dos termos).

We are a *nation* under God, and I believe God intended for us to be free.
(grifos do autor)²⁰⁵

The Central American and Caribbean *countries* differ widely in culture, personality, and needs. Like American itself, the Caribbean Basin is an extraordinary mosaic of Hispanics, Africans, Asians, and Europeans, as well as native Americans. (grifos do autor)²⁰⁶

I believe that it must be the policy of the United States to support free *peoples* who are resisting attempted subjugation by armed minorities or by *outside* pressures. (grifos do autor)²⁰⁷

Estes exemplos ilustram como diferentes temas terminam por possuir um mesmo significado. Outras aproximações aparecem na utilização dos conceitos de *Liberdade*, *Democracia* e *Mercado*, sendo mais comum quando, para os neoconservadores, *Democracia* e *Mercado* adquirem semelhante significado.²⁰⁸ Essa operação possui conotação ideológica, pois se encontra no cerne do pensamento neoconservador, e

²⁰³ Longman. *Dictionary of contemporary English – the living dictionary*. Nimrod, UK: Longman, 2003, p. 378, 1093, 1217-1218.

²⁰⁴ Ibidem, p. 1093.

²⁰⁵ “Nós somos uma nação sob Deus, e eu creio que Deus quis que sejamos livres”. Ronald Reagan. *Inaugural address*. Washington, 20 de Janeiro de 1981.

²⁰⁶ “Os países centro-americanos e do Caribe diferem completamente em cultura, personalidade e necessidades. Como a América, ela mesma, a Bacia do Caribe é um extraordinário mosaico de hispânicos, africanos, asiáticos e europeus, bem como de nativos americanos”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

²⁰⁷ “Eu acredito que isto deva ser a política dos Estados Unidos em apoiar os povos livres que resistem as tentativas de subjugação por minorias armadas ou por pressões estrangeiras”. Ronald Reagan. *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*. Washington, 27 de abril de 1983.

²⁰⁸ Friedrich von Hayek. *Os fundamentos da liberdade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983, p. 74-85.

freqüentemente é utilizado para se contrapor ao *Welfare State* e à economia planificada socialista, que Reagan afirmava ser o caso da economia nicaragüense.

Sobre a associação *democracia – mercado*, Ronald Reagan tornou-a explícita no pronunciamento de 8 de maio de 1985:

Nossos ideais de *liberdade e democracia*, e nosso *sistema econômico* têm provado sua *habilidade em satisfazer as necessidades* de nosso povo. Nossos adversários somente podem oferecer ao seu povo *estagnação econômica* e a mão corrupta de um Estado e burocracia partidária que ultimamente não satisfaz, *nem as necessidades materiais e nem as espirituais*. (grifos do autor)²⁰⁹

A própria idéia de mercado tem sua definição ampliada, pois passa a abranger desde as atividades puramente econômicas, como a produção e troca de mercadorias, passando pelo social, na forma de organização dessa produção, chegando ao político, com a subordinação, em alguns casos, do Estado à economia ou às forças econômicas – as corporações transnacionais.²¹⁰ Essa supremacia do mercado é um dos principais componentes do discurso neoconservador e neoliberal.

Para ilustrar essa associação, um bom exemplo pode ser encontrado no pronunciamento de Ronald Reagan, realizado em 24 de fevereiro de 1982, *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*, a versão

²⁰⁹ “Our ideals of freedom and democracy and our economic system have proven their ability to meet the needs of our people. Our adversaries can offer their people only economic stagnation and the corrupt hand of a state and party bureaucracy which ultimately satisfy neither material nor spiritual needs”. Ronald Reagan. *Address to a special session of the European Parliament in Strasbourg, France*. Strasbourg, 8 de maio de 1985.

²¹⁰ O mercado que era “local”, com o avanço do capitalismo tornou-se cada vez mais “global” (não confundir mercado com capitalismo, pois senão teremos um “eterno” capitalismo). A economia tornou-se cada vez mais globalizada, ela “internacionalizou-se em suas dinâmicas básicas, é dominada por forças de mercado incontroláveis e tem como seus principais atores econômicos e agentes de troca verdadeiras corporações transnacionais que não devem lealdade a Estado-nação algum e se estabelecem em qualquer parte do mundo em que a vantagem do mercado impere”. Esta afirmação é falsa e verdadeira ao mesmo tempo. Essa tese, inclusive, também se aplica aos países capitalistas centrais. Se considerarmos os países capitalistas periféricos, nada é mais verdadeiro. Em que pese o caráter ideológico da afirmação, o mais importante é perceber a vontade dessas forças econômicas em dominar a política, para justamente diminuir o tamanho e a importância do Estado, como espaço “democrático” nas diversas sociedades, particularmente aquelas onde o grau de conquistas político-sociais é mais elevado e a tradição político-democrática encontra-se melhor enraizada. Cf. Paul Hirst e Grahame Thompson. *Globalização em questão*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 13.

reaganiana da *Aliança para o Progresso*, do governo John Kennedy (1961-1963),²¹¹ como ilustra esta passagem:

Como eu mostrei então, quase todos os *países* que tiveram sucesso em seu desenvolvimento durante os últimos 30 anos, conseguiram isso em virtude de *políticas orientadas para o mercado* e participação vigorosa na economia internacional. (grifos do autor)²¹²

No *Caribbean Basin Initiative*, o Mercado também aparece como o melhor caminho para a construção da democracia na América Central, o que demonstra que a estabilidade política, crescimento econômico e erradicação da pobreza, no discurso neoconservador, somente seriam possíveis através do mercado auto-regulado, como defendiam os autores liberais-econômicos clássicos, principalmente Adam Smith²¹³, os “arquitetos” do neoliberalismo, Milton Friedman²¹⁴ e Friedrich Hayek²¹⁵, e os intelectuais neoconservadores como Zbigniew Brzezinski²¹⁶, Herman Khan²¹⁷ e Daniel Bell²¹⁸.

Retomando as breves considerações sobre os conceitos deste capítulo, e especialmente o conceito de nação, é possível afirmar que este conceito é o que apresenta as interpretações mais diversas. Geralmente, as análises são feitas a partir de problemas concretos, o que explica as tendências em defender esta ou aquela definição. Portanto, o debate acadêmico é perpassado a todo o momento por questões de ordem política, demonstrando que um dos principais componentes para a análise é a nacionalidade dos intelectuais envolvidos nas discussões.²¹⁹

²¹¹ Peter H. Smith. *Talons of the eagle – dynamics of U.S. – Latin America relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 147-149.

²¹² “As I pointed out then, nearly all of the countries that have succeeded in their development over the past 30 years have done so on the strength of market-oriented policies and vigorous participation in the international economy”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

²¹³ Adam Smith. *A riqueza das Nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

²¹⁴ Milton Friedman. *Capitalismo e liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

²¹⁵ Friedrich Hayek. *O caminho da servidão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

²¹⁶ Zbigniew Brzezinski. *O grande fracasso: o nascimento e morte do comunismo no século XX*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

²¹⁷ Herman Kahn. *A prosperidade está próxima*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

²¹⁸ Daniel Bell. *O fim da ideologia*. Brasília: Editora da UnB, 1980.

²¹⁹ Para citar dois exemplos: Montserrat Guibernau. *Nacionalismos – o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Nesta obra a autora aborda a possibilidade dos

2.1 – Liberdade

A liberdade é o conceito mais proclamado pelos norte-americanos. Foi também o conceito mais empregado por Ronald Reagan para efetuar sua contraposição ao comunismo, considerado como a negação da liberdade. Liberdade é também o conceito com um grande número de associações, sendo que nos pronunciamentos do presidente norte-americano, o termo aparece associado a “direitos humanos”.²²⁰ A “propriedade”, na concepção norte-americana, também é outro conceito associado à liberdade, pois a propriedade seria a realização plena do direito do homem à liberdade.²²¹

Em termos de associação política, liberdade e seus derivados foram, freqüentemente, utilizados para designar os grupos pró-Estados Unidos que lutavam contra os regimes comunistas. A denominação dada a esses grupos foi *freedom fighters* ou guerreiros da liberdade. Desses, dois se destacaram no interior da definição por sua importância política, os *mujahedeen* afegãos e os *contra-revolucionários* nicaraguenses, ou simplesmente *contras*.²²²

Ronald Reagan utilizou a denominação *freedom fighters* em oposição às guerrilhas comunistas, que também reivindicavam o título de guerreiros da liberdade ou *forças de libertação nacional*.²²³ Essas apropriações demonstram que o conceito de liberdade possui valor universal, e mais que qualquer outro, apresenta uma ampla utilização ideológica.²²⁴

nacionalismos basco e catalão. E, Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad de México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001.

²²⁰ Direitos que englobam as liberdades de expressão, opinião e religião.

²²¹ Propriedade privada, no marxismo designa o meio de produção destinado à extração de mais-valia. O termo suscita muitas confusões, pois comumente é associado àquilo que o indivíduo possui. Assim, sempre que o termo aparecer no texto será para designar “propriedade privada” a partir do marxismo.

²²² Ronald Reagan. *Question and answer session with reporters on domestic and foreign policy issues*. Washington, 4 de maio de 1983.

²²³ Eric J. Hobsbawm. *Era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 340.

²²⁴ Partindo das premissas da análise de discurso, *Liberdade* é um signo, e como tal não pode estar dissociado da realidade, ou “formas de intercâmbio social”. Esse signo adquire força pela capacidade de ser entendido como uma expressão ampla das ações humanas, com poucas variações no interior dos diferentes espectros políticos. Cf. Terry Eagleton. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 172.

Essa utilização do conceito de liberdade e as denominações *freedom fighters*, revelaram as disputas do contexto da Guerra Fria. O termo *freedom fighters* surgiu com as guerrilhas comunistas, identificadas com os processos de libertação nacional das décadas de 50 a 70.²²⁵ O termo também ganhou forte impulso, durante as ondas revolucionárias na América Latina, continente caracterizado por forte autoritarismo e profundas desigualdades sociais.

Os guerrilheiros identificaram, como as principais causas dos problemas latino-americanos, o capitalismo e a associação deste com a potência, que desde o século XIX, interferia nos assuntos internos do continente latino-americano, os Estados Unidos.²²⁶

Ronald Reagan, por sua vez, retrucou afirmando que os verdadeiros guerreiros da liberdade foram aqueles que lutaram pela liberdade nos países comunistas.²²⁷ Para o presidente norte-americano, o termo era inadequado para definir as guerrilhas comunistas, pois elas eram aquelas minorias armadas que tentavam impor sua vontade e instalar regimes totalitários que oprimiriam os povos livres do mundo, como aparece explicitamente nas palavras de Harry Truman (Ronald Reagan fez um pronunciamento se utilizando das palavras de Truman)²²⁸.

O argumento de Reagan repousava em comparações que revelaram as premissas do neoconservadorismo, e com os seguintes questionamentos: como pode um sistema, o comunista, defender as causas da liberdade, se mantém extenso aparato estatal? Como pode defender a libertação humana, se oprime seus cidadãos, desrespeitando os direitos humanos fundamentais, como liberdade de imprensa, expressão, associação e religião? E o mais importante, em conformidade com o neoconservadorismo, como pode pregar a liberdade, se proíbe a existência da propriedade privada?

²²⁵ Eric J. Hobsbawm, op. cit., p. 355.

²²⁶ Michael Kryzanek. *U.S. – Latin American relations*. Westport: Praeger, 1996, p. 44-66.

²²⁷ “We must draw strenght from the actions of the millions of freedom fighters in Communist-occupied countries”. Ronald Reagan. 16 de julho de 1984. E, “E os *freedom fighters* compartilham nossos objetivos pela democracia”. 8 de julho de 1985.

²²⁸ Walter LaFeber. *America, Russia, and the Cold War: 1945-1990*. 6ª ed. New York: McGrall Hill, 1991, p. 55.

Para uma melhor compreensão do conceito de liberdade, farei uso de referências que apresentam definições bem próximas. A referência filosófica do conceito de liberdade foi tomada a partir de dois autores, John Locke²²⁹ e Thomas Hobbes²³⁰. É possível perceber que estes dois autores, de matrizes teóricas distintas, encontram sua síntese no pensamento político neoconservador, como veremos ao longo do texto (dando maior destaque a Hobbes, pela concepção do “contrato”). Um outro quadro de referências se encontra no político, que sistematiza outro importante conceito derivado de liberdade, o *liberalismo*.²³¹

O Liberalismo subdivide-se em dois, o político e o econômico. O liberalismo político trata da representatividade dos cidadãos, através dos partidos políticos, o que levanta restrições à participação política direta, marca da democracia liberal burguesa. Liberalismo que Ronald Reagan afirmou ser o melhor modelo para a América Central.²³²

Ainda de acordo com o pensamento liberal lockeano, e que influenciou em graus variados os políticos liberais, aparece o direito de resistência contra um governo considerado tirânico ou ineficiente na condução dos negócios públicos. Argumento que Ronald Reagan utilizou nos discursos contra a Nicarágua, ao acusar o governo sandinista de se afastar dos propósitos “originais” da revolução de 1979. Assim, evocou o “direito de resistência” para justificar a ação dos *contras*.

Em contraste, os *contras*, os *freedom fighters* na Nicarágua, têm oferecido depor suas armas e tomar parte nas eleições democráticas, mas o *governo comunista dos sandinistas recusou*. Por isso, os Estados Unidos devem

²²⁹ John Locke. *Dois tratados sobre o governo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

²³⁰ Thomas Hobbes. *Leviatã – ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

²³¹ Nicola Matteucci. Liberalismo. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 686-705.

²³² “A maneira comum de consegui-lo [organização da democracia] consiste em *limitar o caráter democrático da representação mediante sufrágio mais ou menos restrito*”. John Stuart Mill. *O governo representativo*. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1995, p. 88.

apoiar ambos, o governo eleito de El Salvador e as aspirações democráticas do povo nicaraguense. (grifos do autor)²³³

Por razões morais e estratégicas, nós devemos continuar a apoiar esta busca pela democracia na Nicarágua. [...] Eu estarei pedindo ao Congresso para o provimento dos *freedom fighters* nicaraguenses, com apoio moral e material que eles requerem para continuar e expandir sua luta.²³⁴

Por outro lado, quando os marxistas trabalham com o conceito de liberdade, este aparece como sinônimo de democracia. No marxismo clássico, a democracia representativa é identificada como uma forma de dominação burguesa, opinião desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels em seus primeiros escritos.²³⁵ Marx optou pela definição de democracia direta, como a forma mais apropriada da democracia. Ela aparece também a partir de críticas que diferenciam as duas democracias – uma direta e uma indireta – como no trabalho de Ernest Mandel²³⁶. Entendido sob a ótica do marxismo, o regime nicaraguense se colocou como um regime capaz de promover a liberdade de seus cidadãos.²³⁷

Para Marx a organização política da sociedade burguesa, baseada na democracia representativa, não eliminaria os componentes que mantêm os homens “prisioneiros” de suas condições econômicas, por exemplo, a alienação e a propriedade privada. Assim, uma concepção de liberdade, baseada na democracia burguesa somente pode soar como uma idéia falsa.²³⁸

O liberalismo político surgiu como resposta teórica ao absolutismo da Inglaterra dos Stuarts, no século XVII. Diferente daquilo que normalmente se pensa, a obra de John Locke, *Os dois*

²³³ “By contrast, the contrast, the freedom fighters in Nicaragua, have offered to lay down their weapons and take part in democratic elections, but there the Communist Sandinistas government has refused. That’s why the United States must support both the elected government of El Salvador and the democratic aspirations of the Nicaraguan people”. Ronald Reagan. *Address to the nation on United States policy in Central America*. Washington, 9 de maio de 1984.

²³⁴ “For moral and strategic reasons, we must continue to support those seeking democracy in Nicaragua. [...] I will be asking the Congress to provide the Nicaraguan freedom fighters with the moral and material support they require to continue and expand their struggle”. Ronald Reagan. *Message to the Congress on America’s Agenda for the future*. Washington, 6 de fevereiro de 1986.

²³⁵ Karl Marx e Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

²³⁶ “Talvez uma outra razão para estas ilusões democráticas é que a superioridade da democracia direta soviética sobre a democracia representativa burguesa, nunca tenha sido convincentemente demonstrada aos olhos dos trabalhadores – em propaganda ou na prática”. (grifos do autor) Ernest Mandel. *Revolutionary marxism today*. London: NLB, 1979, p. 19.

²³⁷ No marxismo a liberdade é traduzida como *liberdade econômica*, ou seja, o fim da dominação de classe baseada na existência da propriedade privada.

²³⁸ Karl Marx e Friedrich Engels, op. cit., p. 5.

tratados sobre o governo civil, não é uma resposta ao *Leviatã*, de Thomas Hobbes, mas ao *O Patriarca*, de Robert Filmer.²³⁹

A partir de uma rápida exposição do pensamento de Filmer, pode-se entender, não somente a resposta de John Locke, mas como suas concepções do liberalismo político influenciaram, decisivamente, o pensamento político norte-americano. Filmer defendeu a tese de linhagem direta dos monarcas a partir de Adão.²⁴⁰ Esta tese serviu de justificativa para o excessivo poder dos reis absolutos, já que estariam, apenas, cumprindo com as determinações das leis divinas, contra as quais não haveria argumentação possível. Os homens, nesta concepção, não poderiam em nenhuma hipótese se revoltar contra a tirania monárquica.

Locke, por sua vez, fundamentado na tradição política inglesa, condenou o absolutismo como uma atitude que contrariava o próprio poder.²⁴¹ Na Inglaterra, desde o século XII, a monarquia teve seu poder limitado por uma constituição. Como defendem os norte-americanos, ao considerar a sua constituição como um exemplo a ser seguido, e ainda a mantém como referência para todos os povos²⁴².

Num exercício de continuidade entre o pensamento de Locke e o pensamento neoconservador norte-americano, ambos combatem duas formas daquilo que pode ser entendido como “absolutismos”. Para Locke, o absolutismo dos Stuarts. Para os neoconservadores, o gigantismo do Estado que teria a capacidade de interferir na vida dos cidadãos, fosse ele o *Welfare State* ou o Estado socialista. Em ambos, uma crítica comum às duas formas de “absolutismo”, a ameaça à propriedade privada.

²³⁹ John Locke. *Dois Tratados sobre o Governo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 203.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 210-211.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 500-502.

²⁴² É esclarecedora a análise de David A. J. Richards, sobre essa “visão” da Constituição norte-americana. “Dois traços notáveis da tradição constitucional americana são que os Fundadores aspiraram a este tipo de longa durabilidade e que *gerações de americanos a consideraram como produto do senso comum*. É óbvio que não se trata de nada disso”. (grifos do autor) David A. J. Richards. A intenção dos Fundadores e a interpretação constitucional. In: Leslie Berlowitz, Denis Donoghue, Louis Menand (orgs.). *A América em teoria*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993, p. 24.

Ronald Reagan defendeu, em seus pronunciamentos, a propriedade privada. O presidente norte-americano aliou a defesa da propriedade à defesa da liberdade, transformando-a em instrumento político no combate ao comunismo, modo de produção, que colocou na propriedade coletiva dos meios de produção, uma das bases de sua teoria.²⁴³

Os pronunciamentos de Ronald Reagan inseriram no tema liberdade, a defesa da propriedade privada como um dos “direitos humanos fundamentais”. Essa defesa apareceu nos seguintes momentos.

[...] nós trabalharemos duro para apoiar as reformas, *direitos humanos* e a *democracia* em El Salvador. Na última quinta-feira, o governo salvadorenho ampliou o programa de *reforma agrária*, o qual já distribuiu 20% de todas as terras aráveis do país, e transformando mais de 65 mil *trabalhadores rurais* em *proprietários rurais*. (grifos do autor)²⁴⁴

Nós sabemos o que temos que fazer para manter esse relacionamento. Compartilhamos pontos de vista similares sobre a *necessidade de defender a democracia*, sobre a *superioridade das instituições democráticas*, e sobre a *força do empreendimento privado*. (grifos do autor)²⁴⁵

Em ambos os casos a liberdade e seu substrato político, o liberalismo, são entendidos como suportes para a institucionalização política, e que por sua vez, transformou a propriedade em instituto garantido pela lei.²⁴⁶ Ela apareceu na primeira citação, no papel desempenhado pela reforma agrária, que geraria uma classe de pequenos proprietários, como defendeu Jefferson,²⁴⁷ e que através desse processo criaria uma incipiente classe média.²⁴⁸

²⁴³ Karl Marx. *O Capital – crítica da economia política*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

²⁴⁴ “[...] we will work hard to support reform, human rights, and democracy in El Salvador. Last Thursday, the Salvadoran government extended the land reform program which has already distributed 20 percent of all the arable land in the country and transformed more than 65,000 farm workers in farm owners”. Ronald Reagan. *Remarks on Central America and El Salvador at the Annual Meeting of the National Association of Manufacturers*. Washington, 10 de março de 1983.

²⁴⁵ “We know what we have to do to maintain this close relationship. We share similar views on the need to defend democracy, on the superiority to democratic institutions, and on the strength of private enterprise”. Ronald Reagan. *Written Responses to Questions Submitted by Caribbean Journalists*. Washington, 18 de fevereiro de 1986.

²⁴⁶ Jean-Pierre Fichou. *A civilização americana*. Campinas: Papirus, 1990, p. 95.

²⁴⁷ Na concepção de Thomas Jefferson: “*Cultivators of the earth are the most valuable citizens. They are the most vigorous, the most independent, the most virtuous, and they are tied to their country, and wedded to its liberty and interests, by the most lasting bonds*”. (grifos do autor) Saul K. Padover (ed.). *Thomas Jefferson – on democracy*. New York: Pelican Books, 1946, p. 68.

²⁴⁸ Sobre o papel político da classe média, Marx e Engels a encaravam como elementos de tendências conservadoras na sociedade, portanto, não passíveis de participação em processos revolucionários. Outros autores encararam a classe média de maneira semelhante. Mas um dos principais problemas encontrados na

A reforma agrária que poderia aparecer como um modelo de “socialização”, nos moldes do neoconservadorismo, das economias centro-americanas, e também como sinal de liberdade para as populações locais, não cumpriria seu papel declarado. Ela funcionaria como mecanismo apropriado para possibilitar um maior controle econômico desses países pelos Estados Unidos. Pois, se na retórica houve uma guinada em direção ao maior respeito aos direitos humanos, baseado na concepção liberal de *liberdade*, na prática ela ocultaria o aspecto mais cruel desse mecanismo, a futura perda da propriedade para grandes proprietários por “incapacidade” de competir no mercado, retomando o ciclo, agora devidamente legitimado, de exploração.²⁴⁹

Enquanto os países da América Central exportavam para os Estados Unidos *commodities* agrícolas e matéria-prima, de baixo valor agregado, esses países, por sua vez importavam produtos manufaturados norte-americanos, mantendo a balança comercial favorável para os Estados Unidos. Naquele momento, os déficits comerciais dos Estados Unidos eram enormes com os demais países industrializados, e um aumento no superávit norte-americano comercial com os centro-americanos não mudaria muita coisa.

Mas a manutenção da dominação econômica garantiria a dominação política. Portanto, para o governo norte-americano, o *Caribbean Basin Initiative*, era a aposta, ao lado das eleições em El Salvador e o isolamento da Nicarágua, para manter afastado o fantasma da revolução.

A liberdade, como foi observado, se apóia no pensamento neoconservador sobre existência da propriedade privada. Mas, o que é a *liberdade* e como ela se ajusta no projeto político de

definição da classe média consiste na sua composição, pois engloba vários tipos de sujeitos, desde trabalhadores mais qualificados até os pequenos proprietários, alvos de nossa análise e que possibilitam confirmar a perspectiva de Marx.

²⁴⁹ Outro aspecto crucial neste projeto, e observando as propostas do *Caribbean Basin Initiative*, residia na força dada ao mercado, ou seja, estes pequenos produtores seriam obrigados a competir com os latifúndios exportadores, tanto para o abastecimento do mercado interno, como para a exportação. Portanto, o preço de seus produtos estaria condicionado pelo mercado internacional e as flutuações desse mercado poderiam levar os produtores à ruína econômica e obrigá-los a vender suas propriedades por preços mais baixos para os grandes proprietários, e esses se tornariam mão de obra nas grandes fazendas.

Ronald Reagan para a América Central? A liberdade deve ser percebida como “ausência de restrições às ações humanas”, e esse aspecto permite que se encaminhe desde a desobediência a um governo, até, e principalmente, a manutenção da propriedade privada. Ela possui também um caráter ético-moral, pois condena e se opõe à opressão.²⁵⁰ Este é o seu caráter de universalidade, porque liberais e marxistas enxergam o regime de um e do outro como opressores.

O conceito de liberdade remete também a outras questões. A primeira situa a liberdade na possibilidade de escolha entre alternativas prováveis. Aqui, a liberdade assume seu papel no interior da filosofia política, pois a escolha pode ser entendida entre as opções ético-morais e as de ordem político-ideológicas.²⁵¹ É isso que aparece no pronunciamento de Ronald Reagan, ao citar o ex-presidente Harry Truman, onde aborda a existência de dois sistemas sócio-políticos antagônicos e que as questões éticas e morais também estão envolvidas.

Neste presente momento da história mundial, aproximadamente todas as nações do mundo *devem escolher entre alternados modos de vida*. A escolha *não é*, tão freqüentemente, *livre*. Um modo de vida é baseado na *vontade da maioria* e se distingue pelas *instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de expressão e religião, e livres de opressão política*. O segundo modo de vida é baseado na *vontade de uma minoria imposta sobre a maioria*. Eles dependem do terror e da *opressão, imprensa e rádio controlados, eleições restritas e a supressão das liberdades pessoais*. (grifos do autor)²⁵²

Percebida dessa maneira, a liberdade de escolha é condicionada por fatores que escapam ao controle dos indivíduos. Portanto, a escolha é feita por outros, como ficou evidente no pronunciamento, restando apenas referendar essas escolhas.²⁵³ Neste sentido, o juízo de

²⁵⁰ Felix E Oppenheim. Liberdade. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 708.

²⁵¹ Slavoj Žižek. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 14.

²⁵² “At the present moment in world history, nearly every nation must choose between alternate ways of life. The choose is not to often a free one. One way of life is based upon the will of majority and is distinguished by free institutions, representative governments, free elections, guarantees of individual liberty, freedom of speech, and religion, and freedom from political oppression. The second way of life is based upon the will of a minority forcibly imposed upon the majority. It relies upon terror and oppression, a controlled press and radio, fixed elections, and the suppression of personnel freedoms”. Ronald Reagan. *Address Before a Joint Session of the Congress on Central America*. Washington, 27 de abril de 1983.

²⁵³ Nicola Abbagnano. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 611.

valor assume importante papel na definição do sentido e aplicação da “liberdade”, pois define o que é uma “boa” escolha de uma “má” escolha.

Para demonstrar os limites da liberdade, observar o que afirma Nicola Abbagnano.

Em sociedade, a Liberdade consiste na possibilidade de escolhas *delimitadas* por *leis estabelecidas* por um *poder* para isso designado pelo consenso dos cidadãos. Em outros termos, a Liberdade política supõe duas condições: 1ª *existência de normas* que circunscrevam *as possibilidades de escolha dos cidadãos*; 2ª *possibilidade de os próprios cidadãos fiscalizarem*, em determinada medida, o estabelecimento dessas medidas. (grifos do autor)²⁵⁴

A liberdade, assim compreendida, opera, no interior do liberalismo político, os limites à atuação dos cidadãos são institucionais, daí a ênfase que alguns autores dão ao tema da institucionalização da política, para garantir a liberdade, como, por exemplo, Samuel Huntington.²⁵⁵ É, por essa razão que, quando Ronald Reagan fala em liberdade não está pensando, como nenhum outro pensador ou político, à exceção dos anarquistas, em liberdade sem restrições. Pois o presidente norte-americano entendeu, como os demais neoconservadores, que o “excesso de liberdade” torna-se uma ameaça para a liberdade e a democracia.²⁵⁶

Os limites institucionais da liberdade funcionam, como o principal motivo que levou Ronald Reagan a defender as eleições presidenciais em El Salvador, como a solução mais adequada para os problemas político-econômicos salvadorenhos, e como o exemplo que deveria ser seguido pelos demais países centro-americanos. O exercício da “liberdade” consistiria no comparecimento às urnas, o que ocorreu em março de 1984.²⁵⁷ E Ronald Reagan aproveitou para efetuar comparações com a Nicarágua que realizaria suas eleições

²⁵⁴ Ibidem, p. 611.

²⁵⁵ Samuel Huntington. *Political order in changing societies*. New Haven: Yale University Press, 1977.

²⁵⁶ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 170.

²⁵⁷ O processo eleitoral em El Salvador foi a maior aposta na influência norte-americana na região. As eleições foram disputadas por dois candidatos, José Napoleón Duarte, democrata-cristão e abertamente apoiado pelos Estados Unidos, apesar das declarações de neutralidade norte-americanas, e a “alternativa” da extrema-direita salvadorenha, o coronel da reserva e líder da *Alianza Renovadora Nacional* (ARENA), Roberto D’Aubuisson.

em novembro de 1984, mas que de antemão, o presidente norte-americano afirmou que estas não seriam “livres”.

Este direito de escolha não é algo que é comum em toda a América Central. Por exemplo, contrasta nitidamente com a Nicarágua, onde os Sandinistas organizaram uma revolução em 1979, prometendo *eleições livres, liberdade de imprensa, liberdade religiosa*. Apesar dessas promessas, os Sandinistas tem constantemente quebrado suas promessas, e as eleições que anunciaram para novembro, *parecem ter sido planejadas apenas para consolidar seu controle*. (grifos do autor)²⁵⁸

O que começa a aparecer no conteúdo dos pronunciamentos – também na citação de Abbagnano – é a idéia de *contrato*. Contrato formalizado na concepção de um Estado, instituição política, como garantia da liberdade. Essas características contratualistas não são aquelas baseadas em Locke, como seria de supor, mas em Hobbes, como veremos mais adiante.

Eleição e liberdade política significam, para os neoconservadores, a recuperação e a manutenção do poder estatal.²⁵⁹ Tal poder encontrava-se combalido pelos escândalos no governo Richard Nixon, e nas hesitações da política externa, no governo Jimmy Carter.²⁶⁰ Em El Salvador, o poder estatal foi perdendo força ante o ataque combinado do caos social, ação da extrema-direita através dos esquadrões da morte e, na avaliação do Departamento de Estado norte-americano, o crescimento das atividades guerrilheiras da – *Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional* – FMLN.²⁶¹

²⁵⁸ “This right of choice is not something that is common in all of Central America. It contrasts sharply, for example, with Nicaragua, where the Sandinistas staged a revolution in 1979 promising free elections, freedom of the press, freedom of religion. Despite these promises, the Sandinistas have consistently broken their word, and the elections that they've announced for November seemed designed only to consolidate their control”. Ronald Reagan. *Radio address to the Nation on Central America*. Washington, 24 de março de 1984.

²⁵⁹ A retomada do poder estatal pode ser encarado como o processo de “fascistização” da sociedade norte-americana, situação que guinou os neoconservadores ao poder, em 1980. Cf. Atilio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 151.

²⁶⁰ Luís Fernando Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 193.

²⁶¹ Pelo menos essa era a visão de Ronald Reagan, pois a “ofensiva final” da guerrilha salvadorenha foi interrompida em janeiro de 1981. Cf. William M. LeoGrande. *Our own backyard – the United States in Central America, 1977-1992*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998, p. 81.

Ronald Reagan acreditou que se forçasse os sandinistas a realizarem eleições, e elas estavam de fato marcadas para novembro de 1984, as mesmas serviriam para tirá-los do poder.

A liberdade do povo salvadorenho para escolher seu próprio líder é nossa preocupação básica. [...] nós seremos neutros e respeitaremos os resultados de quaisquer eleições livres e justas, nas quais o povo expresse seus pontos de vista. (grifos do autor)²⁶²

Mas o novo regime não se tornou uma democracia, mas sim, uma ditadura. O comunismo foi abraçado e a Nicarágua se moveu para a órbita soviética. (grifos de autor)²⁶³

Em ambas as situações, o processo de escolha foi definido como os caminhos possíveis para o “pleno” exercício da democracia e da liberdade, e ambos excluem a possibilidade do socialismo se tornar uma alternativa. Portanto, nos dois casos, a “melhor” alternativa tornou-se a única alternativa, a democracia-liberal. A escolha do povo salvadorenho não poderia ir além de José Napoleón Duarte, o “candidato norte-americano”.²⁶⁴

Na Nicarágua, a situação era a mesma. A opção também foi àquela apresentada pelo governo norte-americano, neste caso, o abandono do projeto revolucionário e a passagem do poder para os setores “liberais” da revolução. A “opção” apresentada aos nicaraguenses se deu por uma razão, que dada às circunstâncias, é muito simples. O governo “ilegítimo” sandinista tornou-se “comunista”, portanto, seria possível reivindicar o “direito de resistência” e, de acordo com o neoconservadorismo, o sandinismo tornou-se uma escolha “não-possível” entre as “alternativas possíveis”.

Os problemas expostos acima aparecem em três momentos dos pronunciamentos. E contribuem para enfatizar a maneira como Ronald Reagan concebeu suas defesas e críticas

²⁶² “The freedom of the Salvadoran people to choose their own leader is our basic concern. [...] we are neutral and will respect the results of any free and fair election in which the people express their views”. Ronald Reagan. *Written responses to questions submitted by Le Monde of France*. Washington, 19 de março de 1984.

²⁶³ “But the new regime became not a democracy but a dictatorship. Communism was embraced, and the Nicaragua moved into the Soviet orbit”. Ronald Reagan. *Remarks at the Fundraising Dinner for the Nicaraguan refugee fund*. Washington, 15 de abril de 1985.

²⁶⁴ Inicialmente, o Estados Unidos não estavam interessados numa possível vitória de Napoleón Duarte, pois, apesar de moderado, não era simpático ao setor privado. Diante da falta de alternativas e a possibilidade de uma radicalização no país, o candidato democrata-cristão emergiu como a melhor das candidaturas. William M. LeoGrande, op. cit., p. 247.

a partir de diferentes concepções de liberdade. Primeiro a defesa institucionalizada e neoconservadora, da liberdade. Depois, a crítica, por esta não pertencer à perspectiva institucionalizada da política.

Na crise atual, o governo *não é a solução para os nossos problemas; o governo é o problema*. De tempos em tempos, somos tentados a acreditar que a sociedade tem sido muito complexa para ser administrada por ela mesma, e *que um governo da elite é superior ao governo para, por e do povo*. (grifos do autor)²⁶⁵

Apesar dos incríveis obstáculos, o *centro-democrático* está resistindo em El Salvador, enquanto implementa a *reforma agrária* e trabalhando para *substituir as políticas de morte* por uma *democracia da vida*. (grifos do autor)²⁶⁶

Para estes ditadores, nós dizemos, “*provem para o mundo que seu sistema é legítimo. Prove que vocês não estão aterrorizando seu próprio povo. Deixe-os votar*”. (grifos do autor)²⁶⁷

Em todas as três situações, o tema da liberdade passa, necessariamente, por governos institucionalmente fortes, ou por governos, de alguma forma legitimados pela democracia representativa. O único processo aceito, pelos Estados Unidos, para definir um governo é aquele que se baseia na estrutura política do liberalismo. Dessa maneira, colocaram todo governo que chegou ao poder por uma “via” alternativa, que não a liberal, em situação de ilegitimidade. Este mecanismo funciona no sentido, de manter a dominação sócio-política e econômica dos indivíduos. A liberdade torna-se, dessa maneira, uma figura de retórica discursiva, pois não amplia os espaços de participação política, que o próprio liberalismo julga defender.

Esse caminho conduz ao reforço do poder estatal. Embora, em discurso, o neoconservadorismo defenda a redução do poder governamental. Atílio A. Boron argumenta

²⁶⁵ “In this present crisis, government is not the solution to our problems; government is the problem. From time to time, we’ve been tempted to believe that society has become too complex to be managed by self-rule, that government by an elite group is superior to government for, by, and of the people”. Ronald Reagan. *Inaugural address*. Washington, 20 de janeiro de 1981.

²⁶⁶ “Despite incredible obstacles, the democratic center is holding in El Salvador, implementing land reform and working to replace the politics of death with a life of democracy”. Ronald Reagan. *Remarks on Central America and El Salvador at the Annual Meeting of the National Association of Manufacturers*. Washington, 10 de março de 1983.

²⁶⁷ “To those dictators, we say, ‘Prove to the world what your system is legitimate. Prove you’re not afraid of your own people. Let them vote’”. Ronald Reagan. *Remarks at a California Republican Party fundraising dinner in Long Beach*. Long Beach, California, 30 de junho de 1983.

que essa recuperação é necessária para reverter a diluição resultante dos excessos do liberalismo-democrata.²⁶⁸ Mas, como defender a redução do Estado ao mesmo tempo em que defende o aumento do poder governamental? Os neoconservadores, como os neoliberais, defendem a diminuição da participação do Estado na economia e a redução dos gastos sociais, o que eles chamam de “racionalização do Estado de bem-estar e não a sua eliminação”²⁶⁹.

O reforço do poder governamental é a premissa fundamental, desde os *contratualistas*, como Hobbes e Locke, até os neoconservadores e alguns socialistas, para manutenção da liberdade. Na ausência deste poder, toda a sociedade mergulhará na crise. Esse foi o diagnóstico dos neoconservadores sobre os Estados Unidos, que enfrentaram uma crise “moral” desde os governos Kennedy e Johnson até o governo Carter. Crise que se traduziu em perda de legitimidade. Assim, para os neoconservadores, a crise do governo norte-americano apareceu nas palavras de Ronald Reagan, “o problema é o governo”.

O presidente norte-americano revelou diversas ambigüidades em suas declarações. No mesmo momento em que defendeu a institucionalização da política, através do fortalecimento do governo. Atacava o “gigantismo” do Estado, particularmente o Estado resultante do *New Deal*, do governo Roosevelt (1933-1945), e suas comparações, politicamente direcionadas, com os Estados socialistas. Ataque que por razões óbvias, também era direcionado ao Estado nicaraguense, identificado como comunista.

Para a recuperação da legitimidade, garantia da liberdade, o *remédio* passa por Hobbes. Essa será possível a partir do momento em que ocorrer uma transformação nas relações Estado × sociedade civil, deixando de ser uma relação simétrica, ou com pequena assimetria em favor da sociedade civil, para uma assimetria totalmente favorável ao Estado.

²⁶⁸ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 171. E sobre a posições diferenciadas entre neoconservadores e democratas, cf. George C. Edwards III, Martin P. Wattenberg, Robert L. Lineberry. *Government in America – brief version*. 3ª ed. New York: Longman, 1997, p. 89.

²⁶⁹ Atílio A. Boron, op. cit., p. 172.

O Estado torna-se, a partir daí, na principal figura política no contexto da sociedade norte-americana. Pois se reveste da responsabilidade de recuperar as instituições que dão sustentação à liberdade, no ideário neoconservador, a *moral e a cultura*.²⁷⁰

É nesse momento que Boron utiliza a denominação “espectro hobbesiano”, onde um “governo com autoridade é condição para o contínuo exercício da liberdade”.²⁷¹ E segue mais além quando:

O espectro de Hobbes ressurgiu nitidamente para reivindicar a validade de sua premissa fundamental: *a submissão da sociedade civil às imposições do Estado*, fetichizado como garante necessário e exclusivo da *ordem*. É óbvio que os neoconservadores não podem formular explicitamente uma proposta tão antagônica ao “credo americano”, *que simplesmente renega a própria essência da tradição liberal*. (grifos do autor)²⁷²

Embora pareça excessivamente radical, a afirmação de Boron é precisa. Os Estados Unidos atravessavam um processo de crise “cultural” que durava mais de uma década. Essa crise cultural teve, para os neoconservadores, reflexos morais, com a sociedade se tornando mais pessimista, fenômeno que afetou o país interna e externamente.²⁷³

A crescente perda da legitimidade, para os neoconservadores, significava a perda da liberdade. Portanto, a sociedade norte-americana precisaria optar entre a continuidade do projeto político liberal-democrata, com a ampliação constante da participação político-econômica dos setores subalternos da sociedade, projeto este denominado de “*Great Society*”, do presidente Lyndon Johnson²⁷⁴, ou apoiar a redução dessa participação,

²⁷⁰ A inserção da cultura como importante componente da manutenção da dominação, ganhou espaço em Gramsci. Ele, diferente de outros marxistas, percebeu que a cultura aparece como uma das manifestações ideológicas, e não apenas como reflexo desta, ou seja, aparece ao lado da ideologia no processo de hegemonia da classe burguesa. Cf. Antonio Gramsci. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

²⁷¹ Thomas Hobbes. *Leviatã – ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

²⁷² Atílio A. Boron, op. cit., p. 171.

²⁷³ Sem dúvida, um dos fatores que mais contribuíram para essa crise foi a Guerra do Vietnã. Internamente, as turbulências sociais dos anos 60 assustaram os mais conservadores, que anos mais tarde formaram a base que elegeu Ronald Reagan presidente. Cf. Robert A. Divine (org.). *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992, p. 718.

²⁷⁴ Richard Hofstadter e Wood Gray (orgs.). *An outline of American history*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 306-308.

trazendo o Estado e a sociedade norte-americana de volta aos princípios do “agrarianismo” adaptado aos novos tempos, como defendiam os neoconservadores.²⁷⁵

Esse é, então, o espectro hobbesiano apontado por Boron. Para recuperar a liberdade, que os neoconservadores acreditavam estar em perigo, a sociedade norte-americana se viu na necessidade de assinar um novo “contrato”, traduzido na eleição de Ronald Reagan, e o projeto neoconservador. Pois de acordo com o pensamento de Thomas Hobbes, a sociedade “assina” um contrato para evitar a “guerra de todos contra todos” o que poria toda a comunidade em risco. E os germes dessa “guerra” eram o que os setores mais à direita da sociedade norte-americana e os neoconservadores enxergavam nos projetos político-sociais dos governos democratas (Kennedy e Johnson).²⁷⁶

A ampliação dos programas de afirmação social, na visão dos neoconservadores, sufocava o dinamismo da sociedade, e abria caminho para que setores que estavam sendo integrados, como negros e hispânicos, questionassem o maior “símbolo da liberdade” norte-americana, a propriedade privada. E era isso que Ronald Reagan enxergou na Nicarágua, afirmando que os sandinistas não respeitavam a propriedade privada, apesar dos próprios sandinistas, em nenhum momento, proporem algo semelhante.²⁷⁷

Eram os temas ligados aos riscos para a manutenção do “contrato”, fosse na sociedade norte-americana, fosse em outras sociedades, que assumiram uma posição privilegiada nos pronunciamentos de Ronald Reagan. Essa preocupação revelou os aspectos mais hobbesianos do neoconservadorismo.²⁷⁸ Essa era também, a base das acusações contra os

²⁷⁵ O “agrarianismo” tem por base os pequenos proprietários rurais. A sua adaptação pelos neoconservadores atendia aos interesses do grande capital, visto que Thomas Jefferson não encarava, positivamente, a burguesia industrial. Jean-Pierre Fichou. *A civilização americana*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 18.

²⁷⁶ Alguns analistas afirmam ainda, que uma parte dos problemas econômicos enfrentados pelo governo de Richard Nixon resultou das políticas de afirmação social. Estas, aliadas ao processo de estagnação econômica e a crise do petróleo, serviram de pretexto para a argumentação neoconservadora sobre a necessidade de reformular a economia dos Estados Unidos. Cf. Mancur Olson. *The rise and decline of nations – economic growth, stagflation, and social rigidities*. New Haven: Yale University Press, 1982, p. 181-237.

²⁷⁷ Jean-Pierre Fichou, op. cit., p. 94-95.

²⁷⁸ Hobbes comenta sobre a transferência de direitos, primeiro como um ato voluntário. Depois, como algo que almeja o próprio benefício. Cf. Thomas Hobbes. *Leviatã – ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 115.

sandinistas, acusados de “quebrar o contrato” com a sociedade nicaragüense, como apareceu freqüentemente nos pronunciamentos, e dos quais selecionei estas passagens.

Os sandinistas *prometeram* à Organização dos Estados Americanos que *manteriam* eleições e *garantiriam* todos os *direitos humanos* que vêm com a democracia. Em resumo, eles literalmente fizeram um *contrato* para estabelecer uma verdadeira democracia. (grifos do autor)²⁷⁹

Negociações serão nossa melhor e, possivelmente, a última oportunidade para conduzir os comunistas sandinistas para longe de seu atual curso brutal, e retornar para as *democráticas e pacíficas promessas da revolução*. (grifos do autor)²⁸⁰

Nesses dois momentos, a vinculação entre os temas que apontam para a liberdade, no entendimento dos neoconservadores – democracia, eleições e direitos humanos – aparecem como as promessas que os Sandinistas fizeram, ou seja, assinaram o contrato, e não o cumpriram. Este não cumprimento do “contrato” forneceu a justificativa – moral – para o apoio norte-americano aos *contras*. A partir dessa situação, observar o que Ronald Reagan argumentou sobre o “dever moral” para apoiar a *Resistência Democrática Nicaragüense*, outra denominação dada, pelo governo norte-americano, aos *contras*.

Em primeiro de março, líderes nicaragüenses exilados, representando um amplo *movimento pró-democracia*, se encontraram em San José, Costa Rica, e fizeram esta oferta: Os *freedom fighters*, na Nicarágua, negociarão o cessar-fogo se o regime comunista negociar, permitindo *eleições livres e genuína democracia*. [...] O apoio norte-americano é *moralmente correto* e intimamente ligado com a *nossa segurança*. (grifos do autor)²⁸¹

Como nas duas citações anteriores, esta também fez referências aos temas centrais da liberdade, no interior do pensamento liberal direitos humanos e eleições livres, estando fundamentado no consenso sobre o governo (Locke), ou se apresenta como construção

²⁷⁹ “The Sandinistas had promised the Organization of American States that they would hold elections and grant all human rights that go with a democracy. In short, they literally made a contract to establish a true democracy”. Ronald Reagan. *Remarks at the Quadrennial Convention of the International Longshoremen’s Association in Hollywood, Florida*. Hollywood, Fl., 18 de julho de 1983.

²⁸⁰ “Negotiations would be our best and possibly last opportunity to steer the Sandinistas Communist away from their present brutal course and back toward the democratic and peaceful promises of their revolution”. Ronald Reagan. *Radio address to the nation on the Central American Peace Proposal*. Camp David, Md, 20 de abril de 1985.

²⁸¹ “On March 1st, exiled Nicaraguan leaders, representing a broad pro-democracy movement, met in San Jose, Costa Rica, and made this offer: The Freedom Fighters in Nicaragua would agree to a cease-fire if the Communist regime will negotiate, permit free elections and genuine democracy. [...] U.S. support for the freedom fighters is morally right and intimately linked to our security”. Ronald Reagan. *Radio address to the nation on the situation in Central America*. Washington, 30 de março de 1985.

moral, que como tal, adquire caráter valorativo. Por caráter valorativo a possibilidade de realizar aquilo que *devemos* querer, como aparece em Montesquieu, ou como bem definiu Oppenheim:

A democracia exige que as “Liberdades civis” sejam protegidas por direitos legalmente definidos e por deveres a eles correspondentes, que acabam implicando limitações da Liberdade. [...] Por analogia, muitas vezes, afirma-se que uma pessoa é livre, *não quando age livremente ou desenvolve suas capacidades*, e sim quando *realiza “o melhor” ou o “essencial”* de si mesma. (grifos do autor)²⁸²

A afirmação de Oppenheim retoma o tema inicial da liberdade, e que foi explorado politicamente por Ronald Reagan. A alternativa foi a liberal-democracia, de modelo norte-americano, surgindo como a melhor opção entre as opções “possíveis”. E a liberdade no neoconservadorismo pressupõe a liberdade individual. Mas não a liberdade *lato sensu*, mas uma liberdade voltada para a capacidade do indivíduo em satisfazer as próprias necessidades, sem a presença do Estado, como instrumento de intermediação na satisfação dessas necessidades. Portanto, essa concepção de liberdade não é compatível com a existência dos Estados de bem-estar e o socialista.²⁸³

Assim sendo, a assinatura do “contrato” seria a melhor maneira de prevenir a “guerra de todos contra todos”, ou como também concebem os contratualistas, evitar o “retorno do homem ao estado de natureza”. A aceitação do contrato visa o (re)estabelecimento da paz. Isto aparece no discurso reaganiano, tanto para reforçar a hegemonia do neoconservadorismo, como para direcionar seus ataques verbais à Nicarágua.

Ronald Reagan considerava o capitalismo um modo de produção mais avançado que o comunismo. Aplicando os preceitos do progresso e desenvolvimento. Portanto, o comunismo, de acordo com essa visão seria, além de incompatível com a civilização

²⁸² Felix E Oppenheim. Liberdade. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 710 e 712.

²⁸³ A afirmação de Olson corresponde a essa visão e aponta para os limites de crescimento econômico resultante. “coalizões distributivas também incrementam a regulação, burocracia, e intervenção política nos mercados”, que devem na visão do autor, serem deixados a própria auto-regulação. Cf. Mancur Olson. *The rise and decline of nations – economic growth, stagflation, and social rigidities*. New Haven: Yale University Press, 1982, p. 75.

ocidental (lembrar sempre a dicotomia empregada no conflito leste-oeste), também representaria um estágio anterior no desenvolvimento das sociedades humanas. Aquele na qual o “contrato” ainda não havia sido assinado e, assim, os direitos dos homens não eram respeitados.

Observar os adjetivos empregados para definir o governo nicaragüense e os demais governos comunistas.

Uma determinada campanha de propaganda tem procurado confundir muitos na Europa, e certamente, muitos nos Estados Unidos, sobre a verdadeira natureza do conflito em El Salvador. Muito simplesmente, guerrilhas, armadas e apoiadas por e através de Cuba, tem tentado impor uma ditadura marxista-leninista sobre o povo de El Salvador como parte de um grande plano imperialista. (grifos do autor)²⁸⁴

[...] Nicarágua como a base para, recentemente espalhar a violência na Guatemala, Honduras, Costa Rica [...] A matança crescerá e aí, então, ameaçará o Panamá, o canal e, por último, o México. (grifos do autor)²⁸⁵

Na primeira citação os comunistas são considerados mentirosos, e Ronald Reagan opõe *mentira* (valor negativo) à *verdade* (valor positivo). A base para sua afirmação é a moral, razão pela qual pode, e deve, ser percebida como um valor marcado pelas influências sociais, e históricas. Aparece também, na mesma citação, um caráter paranóico que o governo norte-americano procurou infundir entre os demais países americanos. Mensagem que também chegaria à população norte-americana, dada a gravidade da situação, pois a ameaça à liberdade encontrava-se a poucas centenas de quilômetros das fronteiras dos Estados Unidos.

Na segunda citação, o destaque fica por conta da Nicarágua como foco de violência, o que contrastaria com os princípios da civilização. Essa situação indica a posição da Nicarágua

²⁸⁴ “A determined propaganda campaign has sought to mislead many in Europe and certainly many in the United States as to the true nature of the conflict in El Salvador. Very simply, guerrillas, armed and supported by and through Cuba, are attempting to impose a Marxist-leninist dictatorship on the people of El Salvador as part of a larger imperialistic plan”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

²⁸⁵ “[...] Nicaragua as a base for spreading fresh violence to Guatemala, Honduras, Costa Rica [...] The killing will increase and so will the threat to Panama, the canal and, ultimately, Mexico”. Ronald Reagan. *Remarks on Central America and El Salvador at the Annual Meeting of the National Association of Manufacturers*. Washington, 10 de março de 1983.

em oposição à organização social baseada na representação política, anterior à assinatura do contrato. Característica que não se encontra presente no “estado de natureza”, onde não existem leis. Essa referência ao “estado de natureza”, presente nos contratualistas, não possui um lugar no tempo, e nenhum deles estava preocupado em identificar qual seria o período no qual esse estado de natureza vigorou.

Nos pronunciamentos, como foi possível observar, o “estado de natureza” corresponde ao “comunismo” (coloco entre aspas, pois nenhum país foi efetivamente comunista)²⁸⁶. Mas, é importante também observar que o marxismo considera, ou pelo menos considerava, esse mesmo comunismo, como o estágio superior no desenvolvimento histórico das sociedades humanas e a passagem do “reino da necessidade” para o “reino da liberdade”. E como o marco principal dessa nova sociedade e concepção de liberdade, o desaparecimento daqueles componentes, que os neoconservadores consideravam como os pilares de sua “liberdade”, a propriedade privada e o Estado.

2.2 – Nação e Nacionalismo

Dois dos principais conceitos presentes nos pronunciamentos de Ronald Reagan, a Nação e o nacionalismo merecem cuidadosa análise, em virtude das diferentes interpretações de um dos mais importantes fenômenos sócio-políticos dos séculos XIX e XX.²⁸⁷

Ao contrário de outros conceitos, o conceito de nação não sofre modificações de significado no interior dos pronunciamentos, nestes seis anos. O que existe é a inter-relação entre *nação, país e povo*, que por diversas vezes permitem definir uma mesma coisa.

²⁸⁶ O socialismo “autêntico” se diferencia daquele que vigorou em várias partes do globo, pois em “todos eles, encontramos sistemas políticos unipartidários com estruturas de autoridade altamente centralizadas; verdade cultural e intelectual oficialmente promulgada, determinada pela autoridade política; economias centrais planejadas pelo Estado”. Eric J. Hobsbawm. *Era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p 385.

²⁸⁷ Sun Yat-sen citado por Horace Davis: “[...] que o nacionalismo é um dos três grandes movimentos de nossa época (juntamente com a democracia e o socialismo)”. Horace Davis. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979, p. 11.

O conceito de nação, nos pronunciamentos de Ronald Reagan, transita entre a concepção política de Ernst Gellner e as concepções culturalistas de Johann Herder e Anthony D. Smith. A nação em Gellner é resultado do esforço do Estado moderno em construir sua legitimidade perante os habitantes de determinado território. A nação seria, então, a conversão de culturas preexistentes transformadas em nacionais por aqueles que ocupam postos de comando nas estruturas do Estado.²⁸⁸ Eric J. Hobsbawm denomina este aspecto das culturas preexistentes e de sua apropriação por parte do aparato estatal de “protonacionalismo popular”. Hobsbawm observa também as dificuldades em transformá-la em uma cultura nacional, considerando como o maior desafio ao Estado, justamente pela existência de outras culturas que coabitam o mesmo território.²⁸⁹

A importância da visão de Gellner é que, encontramos em passagens dos pronunciamentos de Ronald Reagan, a interconexão entre a “industrialização, a divisão do trabalho e a mobilidade ocupacional”.²⁹⁰ Em suma, o desenvolvimento da nação está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Esta noção implicaria, assim, na ruptura com as formas de organização sócio-políticas tradicionais, que de certa maneira, o aproxima da teoria de Samuel Huntington.²⁹¹ E remete, diretamente, às concepções de nação e nacionalismo do século XIX.

Para Huntington, institucionalização política está ligada ao crescimento econômico,²⁹² e de acordo com a variação política do nacionalismo, estes dois elementos são indissociáveis. Este caminho foi seguido por Ronald Reagan, ao propor o programa de crescimento econômico da Bacia do Caribe – o *Caribbean Basin Initiative* – como a maneira mais segura

²⁸⁸ Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad de México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001, p. 39.

²⁸⁹ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 71.

²⁹⁰ Natividad Gutiérrez Chong, op. cit., p. 38.

²⁹¹ Samuel Huntington. *Political order in changing societies*. New Haven: Yale University Press, 1977, p. 43-44.

²⁹² “O grande problema na América Latina, como George Lodge apontou, é que ‘lá é relativamente pequena a organização social no mesmo sentido em que conhecemos nos Estados Unidos’. O resultado é um ‘vácuo motivacional-organizacional’ que faz com que a democracia se desenvolva com dificuldade e o crescimento econômico seja lento”. (grifos meus) Ibidem, p. 31.

para inserir os países da América Central no mercado do continente americano. Mas para que o progresso econômico fosse alcançado, os países deveriam seguir a doutrina neoliberal presente no programa.²⁹³

A tese de Huntington aponta para a idéia da territorialidade, pois o que está em jogo é a soberania, e o mais importante, se pensado nos termos do liberalismo, a ampliação dos mercados de trabalho e consumidor, com a formação de uma classe média mais ampla. Embora não tivessem grande importância, neste contexto, a ampliação dos direitos políticos, como ocorreu na Europa do século XIX.

Ao discursar sobre a importância do crescimento econômico nos países da América Central, Reagan defendeu, pelo menos em tese, a ampliação das instituições democráticas nesses países, principalmente através da realização de eleições em El Salvador. Embora, a realidade indicasse, claramente, que a ampliação de tais instituições estivesse condicionada pelas circunstâncias políticas, como a existência de governos autoritários e o combate ao comunismo, que transformou tais governos em importantes aliados dos Estados Unidos.²⁹⁴

Mas, de qualquer maneira, o que mais preocupou o presidente norte-americano era a falta de legitimidade dos governos centro-americanos. A legitimidade somente poderia ser conseguido através da democratização política e crescimento econômico, mesmo que tais mudanças não fossem comparáveis aos modelos norte-americano e europeu. Mesmo que não fornecessem motivos de sobra para o surgimento de movimentos guerrilheiros nos países centro-americanos.²⁹⁵

²⁹³ “Saúde econômica é uma das chaves para um futuro seguro em nossa Bacia do Caribe e os nossos vizinhos. [...] Este desastre econômico consome o dinheiro de nossos vizinhos, reservas e créditos, forçando milhares de pessoas fugir para outros países, para os Estados Unidos, freqüentemente ilegais, e sacudindo até mesmo as mais estáveis democracias”. (grifos do autor) Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

²⁹⁴ Peter H. Smith. *The talons of the Eagle: dynamics of U.S. –Latin American relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 188-214.

²⁹⁵ O problema da legitimidade política associada a rápida democratização política, em curso na Europa desde 1870, foi uma das chaves para o avanço do nacionalismo no continente europeu. Esse modelo, em parte, se aplicaria à realidade latino-americana, pois alguns governos procuraram construir sua base de legitimidade

A associação entre Estado, nação e economia foi a temática central do *Caribbean Basin Initiative*, como é possível observar nesta passagem.

Gradualmente, entretanto, as nações desse hemisfério *desenvolveram* um jogo de princípios e *instituições* comuns que provêem a base para a *proteção mútua*. [...] “*progresso econômico* e justiça social podem ser melhor alcançadas por homens livres trabalhando no interior das estruturas das *instituições democráticas*”. (grifos do autor)²⁹⁶

Neste trecho encontramos os matizes da concepção política de nação, com os elementos presentes na teoria de Huntington. A institucionalização política, e as bases do pensamento liberal, de representatividade política e do incentivo às atividades econômicas sem a intervenção do Estado. Mostrando cada uma delas, é perceptível, por exemplo, a noção de soberania, através da manutenção da integridade territorial (proteção mútua), da territorialidade. O fator principal para a manutenção destes pontos, passa pela existência do Estado-nação (segundo sugestão de Eric Hobsbawm, a equação *Estado=Nação=Povo*, o Estado é o elemento principal).²⁹⁷

Um segundo item remete para a importância do progresso econômico como fator de desenvolvimento do nacionalismo. Este aparece intimamente ligado ao pensamento liberal, que defende a territorialidade e o mercado, como constitutivos da nação.²⁹⁸ Promoveu também profundas transformações sociais, eliminando as relações em nível de aldeia e tornando mais complexas tais relações. O Estado substituiu as autoridades locais nas relações com a população, tornando impessoais, tais relações.

política e, principalmente, devido ao caráter liberal-político do projeto de nação, com a criação ou manutenção de instituições políticas liberais nos países europeus. Cf. Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 35.

²⁹⁶ “Gradually, however, the nations of this hemisphere developed a set of common principles and institutions that provide the basis for mutual protection. [...] ‘economic progress and social justice can best be achieved by free men working within a framework of democratic institutions’”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

²⁹⁷ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 35.

²⁹⁸ “A evolução do sistema de produção, provocada pela Revolução Industrial, criou mercados de dimensões ‘nacionais’, ampliou conseqüentemente os horizontes da vida cotidiana de camadas cada vez mais amplas da população e ligou ao Estado um conjunto de comportamentos econômicos, políticos, administrativos, jurídicos que, na fase anterior, eram totalmente independentes”. Francesco Rossillo. Nação. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 798.

Ao tratar os países centro-americanos como nações, Ronald Reagan, se aproximou do princípio wilsoniano – de autodeterminação dos povos (Wilson pensou, através dessa doutrina, enfraquecer os países europeus, reduzindo-os ao tamanho que permitisse aos Estados Unidos obter vantagens nas mesas de negociação) –, princípio também desenvolvido por Lênin, que apostou na autodeterminação dos povos nos moldes da Revolução Francesa, e como resposta ao imperialismo.²⁹⁹

As duas concepções se afastavam, como também Reagan, do “Princípio do Ponto Crítico”, no qual seus defensores, os intelectuais e economistas liberais europeus do século XIX, particularmente franceses, ingleses e alemães, afirmavam que para ser considerado como uma nação, um país deveria “cumprir” algumas exigências, como por exemplo, grande extensão territorial, numerosa população e recursos naturais que permitissem ampla atividade econômica e industrial. Assim, os países deveriam ser economicamente viáveis.³⁰⁰ Isto não poderia se aplicar aos países centro-americanos, que possuem pequenas extensões territoriais e uma população que não atinge, muitas vezes, a casa dos dez milhões de habitantes.³⁰¹

E como os conteúdos sobre nação e nacionalismo são trabalhados nos pronunciamentos de Ronald Reagan? Foi definido que Reagan opera através de três termos centrais: Nação (*Nation*), País (*country*) e Povo (*people*). Esses termos são carregados de significados quando, por exemplo, Reagan se refere a um espaço territorial definido, dotado de estruturas político-administrativa e econômica, além de contar com meios de defesa da soberania territorial (a Costa Rica é um caso raro de país que não possui um exército).³⁰²

²⁹⁹ Eric J. Hobsbawm, op. cit., p. 52.

³⁰⁰ Ibidem, p. 52.

³⁰¹ Os dados populacionais são de 1989, mas permitem uma análise do contingente populacional dos países da América Central diretamente envolvidos nas ações norte-americanas contra a Nicarágua. Costa Rica, 2,7 milhões; El Salvador, 5,1 milhões; Guatemala, 8,9 milhões; Honduras, 5,0 milhões; e Nicarágua, 3,7 milhões. Thomas E. Skidmore, Peter H. Smith. *Modern Latin America*. 3ª ed. New York: Oxford University Press, 1992, p. 407.

³⁰² Tema que mantém estreita vinculação com a segurança nacional.

As divisões políticas dos países centro-americanos obedecem a forma de organização político e territorial, centrada no Estado-nação, não estando baseada em distribuição étnico-lingüística. Portanto, o modelo que prevalece, neste momento, é aquele defendido por Ernst Gellner, a “nação política”.

Sobre a utilização do conceito país nos discursos, destaco três momentos distintos que permitiram esclarecer as observações realizadas.

O que acontece em qualquer lugar nas Américas, afeta-nos neste *país* [os Estados Unidos]. (grifos do autor)³⁰³

Todo presidente, desde que este *país* assumiu responsabilidades globais, soube que tais responsabilidades podem apenas ser encontradas se nós perseguirmos uma *política externa* bipartidária. (grifos do autor)³⁰⁴

E, finalmente, aqui está um assunto que enfrentaremos nos próximos meses, nos qual tocam em nossos ideais como um *povo livre* e a *segurança de nosso país*. (grifos do autor)³⁰⁵

As três citações remetem ao entendimento do país como organização política, delimitada por fronteiras com outras organizações políticas, com as quais mantém relações que visam a manutenção de sua soberania, ou a associação com outros países para a manutenção de suas respectivas soberanias.³⁰⁶ Neste sentido, a noção de Estado soberano torna-se sinônimo de Estado-nação. E Reagan se utiliza dessa noção para demonstrar o perigo que representa para a soberania dos países centro-americanos, a permanência de Nicarágua e Cuba, como apareceu na primeira citação.

Então, o que caracteriza, em primeiro lugar, o Estado-nação, na concepção de Ronald Reagan, é a inviolabilidade da integridade territorial. Mas, ao mesmo tempo em que advoga a soberania dos países da região, Reagan argumenta que diante da dificuldade dos países

³⁰³ “What happens anywhere in the Americas affects us in this country”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

³⁰⁴ “Every president since this country assumed global responsibilities has known that this responsibilities could only be met if we pursued a bipartisan foreign policy”. Ronald Reagan. *Address before a Joint Session of the Congress on Central America*. Washington, 27 de abril de 1983.

³⁰⁵ “And finally, there’s one issue we will facing in coming months which touches on both our ideals as free people and the security of our country”. Ronald Reagan. *Remarks at the Reagan Administration Executive Forum*. Washington, 6 de fevereiro de 1986.

³⁰⁶ Neste caso temos, por exemplo, a OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte.

centro-americanos em se defender de uma possível agressão comunista, os Estados Unidos tem o dever de agir em favor das “democracias” centro-americanas. O que se define como *imperialismo*, para o presidente norte-americano, é a defesa dos interesses comuns dos países centro-americanos.³⁰⁷

Reagan, ao trabalhar o termo *país* como unidade político-territorial, ou mesmo Estado soberano, se situa na perspectiva apontada por Anthony Giddens³⁰⁸, que argumenta ser a nação resultante da operação que exige um Estado que possua “um alcance administrativo unificado sobre o *território* no qual sua *soberania* é proclamada”.³⁰⁹

Este tipo de análise encontra sua crítica nas palavras de Natividad Gutiérrez Chong, que por sua vez afirma:

Estas teorías discuten en especial los diversos factores que participan en la configuración de las naciones en Europa y en el nacimiento del Estado-nación en Asia y África después de la segunda Guerra Mundial. [...] así como con el predominio de *teorías eurocentristas* que continúan dejando de lado con frecuencia el nacionalismo en América Latina. (grifos do autor)³¹⁰

A primeira parte da citação de Gutiérrez Chong esclarece algumas considerações sobre a nação e o nacionalismo. A autora afirma, acertadamente, que o processo de formação nacional na Ásia e África está intimamente associado aos movimentos de descolonização, levados adiante, em grande parte, pelas guerrilhas comunistas. Fenômeno que demonstrou uma importante transformação nas concepções dos socialistas e marxistas, que abandonaram as posições internacionalistas ou antinacionalistas da Segunda e da Terceira

³⁰⁷ “Com o aprofundamento do envolvimento norte-americano, cresceu a tensão entre o instinto de muitos *policymakers* norte-americanos para preservar a tradicional hegemonia de Washington na região, e o desejo dos centro-americanos em controlar seus próprios destinos”. William M. LeoGrande. *Our own backyard – the United States in Central America 1977-1992*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p. IX.

³⁰⁸ Anthony Giddens. *O Estado-nação e violência*. São Paulo: Edusp, 2001.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 144.

³¹⁰ Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad del México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001, p. 35.

Internacionais.³¹¹ Com os socialistas adotando posições decididamente nacionalistas, tanto nos países centrais como também nas (ex)colônias europeias na Ásia e África.³¹²

A “exclusão” da América Latina desse processo pode ser explicada de duas maneiras. A primeira remete às diferenças temporais entre os processos de descolonização. Na América Latina os movimentos de independência se situam no século XIX. Diferente dos países asiáticos e africanos, que ganharam maior destaque em virtude do contexto de Guerra Fria e, significou o embate entre as superpotências, através de disputas por melhores posições estratégicas que poderiam conferir vantagens significativas, no jogo de gato e rato, empreendido por ambos os lados.

Os países latino-americanos, no período compreendido entre guerras e a década de oitenta, possuíam – com raras exceções – governos, senão declaradamente pró-Estados Unidos, pelo menos poderiam ser considerados portadores de posições anticomunistas.³¹³

A segunda se situa no campo eminentemente político, pois as colônias tornaram-se, pelo menos em definição, “democracias”. Definição apropriada, especialmente se extrairmos o conteúdo programático da Revolução Francesa e dos princípios de autodeterminação nacional de base leninista. A denominação “democracia popular” aparece por colocar o Estado-nação no centro da análise que, entre outras coisas, privilegia a soberania nacional – princípio de territorialidade –, “democratização política” e transformação social.³¹⁴

É importante perceber que com a exceção do movimento zapatista, os movimentos revolucionários latino-americanos enxergavam as transformações políticas e sociais com

³¹¹ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 174.

³¹² *Ibidem*, p. 176-177.

³¹³ “[...] as respostas dos países latino-americanos serão variadas, num quadro em que as pressões, por parte dos Estados Unidos, em favor do alinhamento incondicional aos ditames da guerra fria, delimitam um campo de ação com poucas alternativas”. Luís Fernando Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 77.

³¹⁴ Horace B. Davis. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 43.

base na vertente nacionalista do marxismo, dos anos 50.³¹⁵ O texto de Hobsbawm é muito útil para ilustrar essa situação.

[...] movimentos de libertação nacional no Terceiro Mundo foram teoricamente *modelados no nacionalismo do Ocidente*, na prática, os Estados que geralmente intentaram construir foram o oposto das entidades lingüística e etnicamente homogêneas que vieram a ser encaradas como a forma padrão do 'Estado-nação' no Ocidente. *Não obstante, mesmo nessas circunstâncias, eles foram de fato mais semelhantes ao nacionalismo ocidental da era liberal do que diferentes.* [...] foram tipicamente unificadores e emancipatórios. (grifos do autor)³¹⁶

É no segundo aspecto que se situa a crítica presente na segunda parte da citação, quando Gutiérrez Chong afirma que as teorias são eurocêntricas. Isso ocorre porque o nacionalismo apareceu, na maioria das vezes, como um recurso do Estado em legitimar as novas circunstâncias históricas, de consolidação das políticas liberais e a identificação destas com o progresso.³¹⁷

Portanto, como afirmou Hobsbawm, do ponto de vista do liberalismo “a causa da ‘nação’ estava no fato de esta representar um estágio no desenvolvimento histórico da sociedade humana”.³¹⁸ Ora, essa noção de progresso, partilhada no século XIX e parte do XX, por marxistas e liberais, pressupõe a superposição de estruturas políticas e econômicas no sentido de “melhorias” ou avanços. E este tema aparece nas dificuldades de inserção das sociedades tradicionais no processo, pois ele se revela traumático e, muitas vezes, de difícil aceitação pelas sociedades envolvidas. É essa versão que permeia todo o discurso de Ronald Reagan sobre o tema.

³¹⁵ Sobre essa interpretação, Horace Davis aponta para o equívoco de Kalman Silvert, em afirmar que vários países latino-americanos se encontravam próximos à “posição do Estado-nação”. Estes países seriam: Cuba, Uruguai, Argentina, Costa Rica e Chile. *Ibidem*, p. 205.

³¹⁶ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 196.

³¹⁷ Exceto as visões pessimistas acerca do progresso, ele é entendido como processo que afeta positivamente as sociedades humanas. Seus defensores se encontram tanto à direita como à esquerda, pois liberais e marxistas-leninistas, cada um a sua maneira, concebem o progresso como necessário e um fator decisivo para a libertação humana. Cf. Saffo Testoni. Progresso. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1009-1015.

³¹⁸ Eric J. Hobsbawm, *op. cit.*, p. 52.

Nação como resultado do progresso e da democracia, aparecem nas citações presentes nos seguintes pronunciamentos de Ronald Reagan.

Meu próprio país, também, sofreu com conflitos internos, incluindo uma trágica guerra civil. Nós conhecemos a miséria econômica, e uma vez tolerado a injustiça *racial* e social. [...] Estas experiências deixaram suas cicatrizes, mas elas também nos ajudam hoje a identificar-nos com o esforço para o *desenvolvimento político e econômico* em outros países deste hemisfério. (grifos do autor)³¹⁹

Ambos os presidentes [Reagan e Napoleón Duarte] proclamam que a *democracia*, justiça e o governo da lei, requerem a participação e o compromisso de todos os setores na corrente principal da *política e econômica* da nação. (grifos do autor)³²⁰

Nas duas citações, Reagan expõe sua visão de progresso. Noção que não se distancia daquelas presentes no pensamento neoconservador. E é possível observar que nas duas situações descritas, são feitas referências às transformações políticas – “desenvolvimento político”. O progresso é marcado pela implementação da democracia liberal, e esta é associada ao “desenvolvimento econômico”. Assim, a associação feita nos discursos é com o capitalismo. Porque no neoconservadorismo, o capitalismo representa o “avanço” político-econômico necessário para a transformação das “sociedades tradicionais”.³²¹

Em suma, quando Reagan defendeu o *Caribbean Basin Initiative*, ele defendeu a inserção das sociedades, que ele considerou como tradicionais, no projeto de nação herdeiro da tradição do século XIX.³²²

³¹⁹ “My own country, too, has suffered internal strife, including a tragic civil war. We have known economic misery, and once tolerated racial and social injustice. [...] These experiences have left their scars, but they also help us today to identify with the struggle for political and economic development in the other countries of this hemisphere”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

³²⁰ “Both Presidents proclaim that democracy, justice and the rule of law require the participation and commitment of all sectors in the political and economic mainstream of the nation”. Ronald Reagan. *Joint communiqué following discussions with President-elect José Napoleón Duarte of El Salvador*. Washington, 21 de maio de 1984.

³²¹ O termo “sociedades tradicionais” é a denominação utilizada por Samuel Huntington para indicar aquelas sociedades que representariam um estágio anterior no desenvolvimento político. O marxismo também considera os diferentes estágios de desenvolvimento das sociedades humanas a partir da forma como elas se organizam politicamente e para produzir.

³²² Montserrat Guibernau. *Nacionalismos – o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 73. E, Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad del México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001, p. 40.

À análise do conceito de nação no campo político e às críticas existentes à utilização dessa abordagem nos pronunciamentos de Ronald Reagan, segue-se a análise da nação como fenômeno cultural. Além de procurar compreender a maneira, como o presidente norte-americano, construiu os argumentos que formaram o contraponto ao que considerou como “ameaça comunista”.³²³

A nação pensada em termos culturais considera, como elementos fundamentais, a língua, a religião e a etnia. Traços que serviriam para distinguir as diferentes nações. Dois são os defensores dessa corrente, Anthony D. Smith e Johann G. von Herder.³²⁴ Ambos acreditam que a tradição histórica é essencial para a formação das nações.

Mas, existem os problemas em estabelecer como critério de nacionalidade os aspectos culturais, como uma tradição histórica comum, uma língua comum e, em alguns casos, uma religião comum.³²⁵ Nos discursos de Reagan, a definição de nação como “entidade cultural” aparece através da utilização do termo *people*, que permite identificar a unidade cultural, como se observa neste exemplo.

Diferente de muitos outros países, os quais encontram sua coesão nas *tradições culturais e sociais*, os cidadãos de nosso país encontram sua unidade e sua *herança* na liberdade que é compartilhada por pessoas com *antecedentes culturais diversos*. (grifos do autor)³²⁶

A última parte grifada é a mais importante para a concepção de nação, a partir da teoria culturalista, e de sua utilização por Reagan. Enquanto as referências históricas são importantes, e a referência do presidente norte-americano são os países europeus, uma nação “jovem” como os Estados Unidos, tem como principal fator de união – ou característica nacional – a liberdade. Esta se transformou no principal elo de identificação

³²³ Reagan se utilizou destes argumentos para fazer a distinção entre “nós” e “eles”.

³²⁴ Eric J. Hobsbawm. *nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 65, 74-75. E, Natividad Gutiérrez Chong, op. cit., p. 43.

³²⁵ Montserrat Guibernau, op. cit., p. 85-86.

³²⁶ “Unlike many other countries which find their cohesion in cultural and social traditions, the citizens of our country find their unity and their heritage in the liberty that is shared by people with diverse cultural backgrounds”. Ronald Reagan. *Remarks on signing the Bill of Rights Day and Human Rights Day and Week Proclamation*. Washington, 9 de dezembro de 1983.

entre os norte-americanos. Neste sentido, a *liberdade* é aquilo que Hegel denominou de *Volksgeist* – o caráter de uma nação.³²⁷

Na nação como entidade cultural, e dos componentes que assim a caracterizam, Ronald Reagan excluiu dois e que são importantes para a formação da nação cultural, a língua e a etnicidade. O caráter étnico não mereceu destaque nos pronunciamentos do presidente norte-americano, tanto que quando são feitas referências ao tema, essas são muito escassas. A opção se dá por uma razão concreta. A diversidade étnica que forma as “nações” americanas, não possibilitaria construir uma homogeneidade semelhante aquela que os defensores, como Herder, propuseram tornar realidade na Europa “nações etnicamente homogêneas”.³²⁸

Referências a etnicidade possuem um potencial político, particularmente explosivo, porque poderia suscitar determinadas preferências por esta ou aquela etnia, o que alimentaria sentimentos secessionistas nas populações indígenas nos países centro-americanos, o que para o projeto político norte-americano, resultaria em desastre.³²⁹ Ainda mais se essas populações indígenas optassem por engrossar as fileiras das guerrilhas de esquerda. Concretamente, o que também poderia ocorrer, seria o não reconhecimento, pelas comunidades indígenas, de um poder político central.

Outro problema, com referência à etnicidade, com alto grau desagregador, e portanto, anti-nacional seria o comportamento, muitas vezes racista, das elites centro-americanas, que seguramente, inviabilizaria toda e qualquer possibilidade de se pensar na construção da

³²⁷ Montserrat Guibernau, op. cit., p. 65.

³²⁸ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 79.

³²⁹ Sobre as dificuldades do estabelecimento de nações sobre bases étnicas, na América Latina e, particularmente no México. Cf. Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad del México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001, p. 35-50, particularmente, o subcapítulo que trata do mito de origem, p. 45-46.

nação. Daí a opção, feita por Ronald Reagan, por referências históricas – um passado colonial em comum – e culturais – como a religião cristã.³³⁰

Esta opção aparece nestas passagens, onde o presidente norte-americano faz uso das referências histórico-culturais, bem próximas às proposições de Johann Herder.

Nós, os povos das Américas temos muito mais em comum que a proximidade geográfica. Por mais de 400 anos, nossos povos têm *compartilhado os perigos e sonhos de construir um novo mundo. Do colonialismo à nacionalidade, nossa busca tem sido pela liberdade.* (grifos do autor)³³¹

A procura de um passado cultural, como modelo de identidade comum entre os americanos, foi o caminho mais seguro para Reagan construir a idéia de uma grande comunidade americana, já que a diversidade encontrada não permitiria a utilização, total, dos componentes do nacionalismo herderiano.³³² Como comunidade lingüística, nem os Estados Unidos poderiam ser considerados como uma nação. Embora a comunicação cotidiana entre os cidadãos e os representantes do Estado seja através do “idioma oficial”. Mas nas comunidades latino-americanas, os idiomas pátrios, ainda são amplamente utilizados. Isso sem contar com as comunidades indígenas norte-americanas, que ainda conservam muito de suas culturas.³³³

A situação se complica, ainda mais, quando se trata de se dirigir aos países centro-americanos, com alguns traços culturais bem distintos, um hispânico e outro indígena, mesmo em países de pequena extensão territorial. O problema aparece quando:

La difusión de una cultura institucional con el propósito de alcanzar los objetivos nacionalistas significa una *versión impuesta del nacionalismo*

³³⁰ “A religião é um antigo e experimentado método de estabelecer uma comunhão, através de uma prática comum e de uma irmandade, entre pessoas que de outro modo não teriam nada em comum”. Eric J. Hobsbawm, op. cit., p. 83.

³³¹ “We, the peoples of the Americas, have much more in common than geographically proximity. For over 400 years our peoples have shared the dangers and dreams of building a new world. From colonialism to nationhood, our common quest has been for freedom”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

³³² Anthony Giddens. *Estado-nação e violência*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 233-234.

³³³ Richard Hofstadter & Wood Gray (orgs.). *An outline of American History*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 325-326.

cultural, el que puede entrar en conflicto con las perspectivas étnicas de las “culturas vernáculas” reacias a asimilarse. (grifos do autor)³³⁴

Portanto, a partir do texto de Gutiérrez Chong, restou ao presidente norte-americano, evocar algo tão vago como a *liberdade* ou a *cultura ocidental*, que permitiria criar identificações seguras entre todos os americanos, e avançar na consolidação da hegemonia norte-americana, que Washington julgava abalada após a Revolução Sandinista. Mas, talvez, o fator que permitia a maior identificação entre os americanos foi a religiosidade, patente nos discursos de Ronald Reagan na celebração da Páscoa, como aparecem nestes exemplos.

Durante estes dias, pelo menos, *independente de nacionalidade, religião, raça, nós estamos unidos pela fé em Deus, e as barreiras entre nós, parecem menos importantes.* (grifos do autor)³³⁵

Na América Central a *revolução de inspiração comunista* continua espalhando terror e instabilidade, mas isso é *confrontado pela maior força da fé* que trabalha muito profundamente entre o povo. (grifos do autor)³³⁶

A opção de Ronald Reagan pela religião, não ocorreu somente pela identificação entre os povos americanos, e neste caso, o cristianismo. Como também não especifica as diferenças existentes entre católicos – quase a totalidade dos cristãos centro-americanos – e protestantes, que poderia resultar em divisões prejudiciais à tentativa de unificação dos povos americanos sob uma mesma bandeira, o anticomunismo.³³⁷

A religião foi, para Ronald Reagan, uma importante arma no combate ao comunismo. Ela assumiu posição de destaque na retórica reaganiana, exatamente por ser um dos principais componentes da ideologia neoconservadora, ao lado dos demais “núcleos tradicionais de socialização política como a família e a escola”.³³⁸ E quais seriam as razões que levaram Ronald Reagan a optar pela religião como característica de “seu” nacionalismo? A primeira

³³⁴ Natividad Gutiérrez Chong. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad del México: Editorial Plaza y Valdéz, 2001, p. 41.

³³⁵ “During these days, at least, regardless of nationality, religion, race, we are united by faith in God, and the barriers between us seem less significant”. Ronald Reagan. *Radio address to the Nation on the observance of Easter and Passover*. Santa Bárbara, Ca, 2 de abril de 1983.

³³⁶ “In Central America Communist-inspired revolution still spreads terror and instability, but it’s match for the much greater force of faith that runs so deep among the people”. *Ibidem*.

³³⁷ Setores da Igreja católica latino-americana já tinham adotado uma posição crítica em relação ao capitalismo. O Concílio Vaticano II e Puebla, foram os marcos do avanço da “opção pelos pobres”, e que caracterizou a Teologia da Libertação.

³³⁸ Atilio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 177.

resposta possível se encontra no apoio da direita religiosa – a *Moral Majority* – norte-americana³³⁹, ao então candidato à presidência Ronald Reagan, nas eleições de novembro de 1980.³⁴⁰

O apoio foi crucial. Reagan derrotou o candidato democrata à reeleição Jimmy Carter. Mas, Ronald Reagan derrotou, principalmente, aquilo que muitos norte-americanos acreditavam ser o principal problema dos Estados Unidos, a perda da moralidade.³⁴¹ O discurso de Reagan mesclou os anseios da *maioria moral* com questões de política externa, incorporando o tema do anticomunismo, como um dos componentes de sua cruzada moral. Pois, ao lado do liberalismo democrata, o outro responsável pela perda da “fé” no interior da sociedade norte-americana foi, sem dúvida, no discurso reaganiano, o comunismo.

O discurso também foi ao encontro do descontentamento de setores da sociedade norte-americana, e contra aquilo que tais setores, consideravam como os “reflexos perniciosos” do excesso de liberalismo. Como expresso nas palavras de Robert Divine.

A preocupação com a aceitação cada vez maior do homossexualismo na sociedade e as crescentes taxas de aborto e de divórcio, motivaram os grupos fundamentalistas religiosos, como a Maioria Moral, de Jerry Falwell, a participar da atividade política para *defender os valores tradicionais da família e o “modo de vida americano” (american way of life)*. (grifos do autor)³⁴²

Ronald Reagan, habilmente, lançou mão da “crise moral” que atemorizava os Estados Unidos, e aproveitou para denunciar a raiz de todo o “mal”, o comunismo. O discurso era claro. Os Estados Unidos estavam sitiados por “potências comunistas”, e estas tramavam a corrupção dos valores tradicionais da sociedade norte-americana, e assim, sua posterior dissolução. Desaparecendo a sociedade, desapareceria também, a nação.

³³⁹ Grupo fundamentalista religioso de Jerry Falwell.

³⁴⁰ Richard Hofstadter & Wood Gray (orgs.). *An outline of American History*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 367.

³⁴¹ Atílio A. Boron, op. cit., p. 173.

³⁴² Robert A. Divine et al. (org.). *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992, p. 718.

Somente uma “eficaz política externa”, baseada, naquilo que Arthur M. Schlesinger denominou de “absolutos morais” poderia deter o avanço do comunismo através, como Ronald Reagan freqüentemente se referia, do hemisfério ocidental.³⁴³

Ronald Reagan defendia, como convinha ao pensamento neoconservador, os valores da família e da religião.³⁴⁴ Sua defesa não encontrou eco somente nos Estados Unidos, mas avançou por todo o continente americano. Apoiado, sem dúvida, pelo clero conservador nos países latino-americanos e, pela resistência a determinados valores considerados imorais, por exemplo, o aborto.³⁴⁵ Esse tema é particularmente sensível em estruturas sociais caracterizadas, não só pelo conservadorismo, mas também por outros comportamentos, como o machismo, muito presente nas sociedades latino-americanas.

O aborto significa, para os conservadores e Igreja, duas situações potencialmente perigosas. Significa, em primeiro lugar, o descumprimento dos mandamentos de Deus (embora mesmo os setores progressistas da Igreja católica vissem o aborto com reservas). E na prática, essa violação somente poderia ser resultado da forte presença do liberalismo e, do ainda mais perigoso, o comunismo. É perceptível a unidade de pensamento de setores da sociedade norte-americana e latino-americana. Ronald Reagan fez referência ao aborto como algo que “trava” a nação, e que poderia abalar as estruturas familiares.

A questão do *aborto* prende nossa *nação*. Que o aborto é a tirar a vida humana ou não é. E se isso é – e o avanço tecnológico da medicina está cada vez mais mostrando que é – *isso deve ser interrompido*. (grifos do autor)³⁴⁶

O outro aspecto, e tão ou mais perigoso que o primeiro, era a liberação feminina. O tema da liberdade feminina estava em pauta na sociedade norte-americana desde os anos 60,

³⁴³ Arthur M. Schlesinger. *Os ciclos da história americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p. 77-96.

³⁴⁴ Robert A. Divine et al. (org.). *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992, p. 718. E, Afílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 167.

³⁴⁵ Um importante aliado dos Estados Unidos nessa política foi, sem dúvida alguma, o Vaticano. Cf. Ana Maria Ezcurra. *O Vaticano e o governo Reagan: convergências na América Central*. São Paulo: Cristãos pelos Direitos Humanos na América Latina, 1985.

³⁴⁶ “The question of abortion grips our nation. Abortion is either the taking of a human life or it isn’t. And if it is – and medical technology is increasingly showing it is – it must be stopped”. Ronald Reagan. *Address before a Joint Session of the Congress on the State of the Union*. Washington, 6 de fevereiro de 1985.

através do movimento feminista.³⁴⁷ Mas o seu conteúdo não se restringia apenas à libertação da mulher, mas à perspectiva da quebra das hierarquias sociais, que também aparecia como proposta nos programas teóricos socialistas e marxistas. Portanto, Ronald Reagan, procurou através da firme ação religiosa, convencer que o hemisfério e os valores da civilização ocidental, na visão neoconservadora, estariam correndo sério risco.³⁴⁸

A religião, embora possa parecer uma potencial competidora da nação, contribuiu para a consolidação dos projetos nacionais. Dada a associação Estado – Igreja, principalmente em muitos países latino-americanos. E naqueles, que, porventura, não fizeram tal associação, o Estado não esteve muito disposto a se chocar com o poder religioso, pois ele funcionou como um poderoso aliado sócio-político.³⁴⁹

A mais impressionante característica da utilização da religião por Ronald Reagan é, que ela serviu para forjar uma comunidade de interesses entre conservadores católicos, governos centro-americanos e neoconservadores, contra as forças revolucionárias comunistas e outro inimigo considerado perigoso, os setores progressistas da Igreja, representadas pela Teologia da Libertação, que faziam parte do governo nicaraguense, e tinham penetração nos setores mais pobres das sociedades centro-americanas.³⁵⁰ Diante dessa coalizão de forças conservadoras em torno do projeto reaganiano, não seria necessário reivindicar qualquer unidade através da etnia ou da língua.³⁵¹

A interpretação religiosa tem como principal característica, forjar a dicotomia entre o bem e o mal. E contrário à afirmação de Arthur Schlesinger de que “a política é um campo em que o

³⁴⁷ Eric J. Hobsbawm. *era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 305-306, 310-313.

³⁴⁸ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 173.

³⁴⁹ “Esta origem teológica revelada e fortalecida aproximam as ligações entre Igreja e Estado. Ressuscitada na era pós-colonial como freqüentemente tem sido, o código também guarneceu, uma devastadora crítica da teoria democrática. Em tempo, chefes políticos legitimariam, então, seu poder com base nos aspectos residuais da doutrina tradicional do catolicismo romano”. Thomas E. Skidmore e Peter H. Smith. *Modern Latin America*. 3ª ed. New York: Oxford University Press, 1992, p. 20.

³⁵⁰ Michael Dodson e Laura Nuzzi O’Shaughnessy. *Nicaragua’s other revolution – religious faith and political struggle*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.

³⁵¹ Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 63-100.

juízo pragmático e cauteloso deve ter prioridade sobre simples vereditos morais”,³⁵² é possível imaginar que, pelo menos em política externa, o discurso de Ronald Reagan apresentou sua característica ideológica mais explícita, ou seja, para os grupos religiosos que o apoiaram na eleição, o discurso defendia o ataque sem tréguas aos comunistas, que representavam a antítese ao cristianismo.³⁵³

Apesar da retórica que agradava aos fundamentalistas religiosos norte-americanos e mesmo alguns setores do governo dos Estados Unidos, Ronald Reagan não poderia encarar os países comunistas como simples “emissários do mal”. As palavras de Jean-Pierre Fichou ilustram muito bem a concepção religiosa da política externa e, comparando com o pragmatismo dessa mesma política, como também já havia apontado anteriormente Arthur Schlesinger, afirma:

O simbólico continua simplista, principalmente se nos referimos aos sermões mais negros dos pregadores puritanos ou vindos da *Moral Majority* atual: é preciso abater o Mal e fazer triunfar o Bem, como o roçador abate a floresta (que aparece como símbolo do mal, com sua obscuridade ameaçadora, enquanto a clareira aberta pelas mãos do homem é o lado claro do mundo).³⁵⁴

Ainda na perspectiva religiosa, a política externa norte-americana também teve como característica, o Evangelho da Democracia – *Gospel of Democracy*.³⁵⁵ O Evangelho da Democracia repousa em bases históricas norte-americanas e é tido como uma característica nacional dos Estados Unidos.³⁵⁶ O Evangelho justificou as ações intervencionistas norte-americanas em várias regiões. Sua base é o Destino Manifesto, que significa a “idéia definiu o propósito americano como uma busca da grandeza nacional e a promoção da democracia

³⁵² Arthur M. Schlesinger. *Os ciclos da história americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p. 80.

³⁵³ Entendendo a ideologia como um conjunto de “idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante” e “pensamento de identidade”. Cf. Terry Eagleton. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997, p. 15.

³⁵⁴ Jean-Pierre Fichou. *A civilização americana*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 87.

³⁵⁵ Peter H. Smith. *The talons of the Eagle: dynamics of U.S. –Latin American relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 40-64.

³⁵⁶ “Neste contexto do papel ideológico era para prover uma interpretação coesa do comportamento norte-americano, para imbuir dos mais altos propósitos, e para apresentar o tema à não satisfazer e condições que se servem”. *Ibidem*, p. 40-41.

política”.³⁵⁷ Além do Evangelho da Democracia, outro instrumento da política externa norte-americana, para a América Central, foi o Big Stick.

Enquanto o Evangelho pregou o desenvolvimento da democracia, pela via da política. O *Big Stick* se traduziu na intervenção militar direta. E nenhuma outra região conheceu a influência do “Big Stick” com mais freqüência que a América Latina, e mais intensamente, como a América Central.³⁵⁸

O discurso pregava que a intervenção norte-americana não era qualquer tipo de imperialismo, era o tipo “bom” de imperialismo. Bem de acordo com a visão européia sobre o “fardo do homem branco em levar a civilização para os povos atrasados”. O Evangelho da Democracia levou aos países centro-americanos os valores da nova “fé”, a democracia, como bem expressou Peter H. Smith, ao comentar sobre a “cruzada de conversão” empreendida pelos Estados Unidos na América Central.

Expansão da nação e difusão da democracia em “todo o continente” representa a *vontade de Deus* e, por isso, a *missão nacional*. A questão não era a aquisição de território, terra e recursos naturais; *ele era o cumprimento de um plano divino*. (grifos do autor)³⁵⁹

Portanto, a religião, como importante componente, mesmo com todos os problemas³⁶⁰, para a formação da consciência nacional, se aliou à política externa norte-americana permitindo que a “missão evangelizadora” tornasse possível duas situações: estabelecer laços mais

³⁵⁷ Ibidem, p. 42.

³⁵⁸ “Theodore Roosevelt continuou sua ‘ofensiva’ na América Latina, quando em mensagem ao Congresso, em 6 de dezembro de 1904, ele anunciou sua própria versão da Doutrina Monroe. Este discurso apropriadamente veio a ser conhecido como Corolário Roosevelt, e representou a mais forte declaração até este momento das intenções norte-americanas na América Latina. A fala do corolário é puro Roosevelt: arrogante, cáustico e repleto com a suprema confiança em nosso direito de controlar os destinos das nações latino-americanas. [...] Com o Corolário Roosevelt, os Estados Unidos foram além da Doutrina Monroe, que era largamente de natureza defensiva, e começou a assumir a responsabilidade de trazer ordem política e financeira para o hemisfério”. Michael J. Kryzanek. *U.S. – Latin American relations*. 3ª ed. Westport, Ct: Praeger, 1996, p. 47-48.

³⁵⁹ “Expansion of the nation and the diffusion of democracy over the ‘whole continent’ represented God’s will and therefore the national mission. At issue was not acquisition of territory, land, and natural resources; it was fulfillment of a divine plan”. Peter H. Smith, op. cit., p. 44.

³⁶⁰ “A religião é um dos componentes, ao lado da língua e etnia, na classificação muito útil de Hobsbawm, do “protonacionalismo popular”, ou o “nacionalismo” anterior aos Estados-nacionais. “Os liames entre consciência nacional e religião podem ser estreitos [...] De fato, a relação parece se estreitar mais ainda onde o nacionalismo se torna uma força de massa, à diferença de sua fase como movimento de uma minoria ideológica e ativista”. Eric J. Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 82.

eficazes no combate ao comunismo. Pois, contou com a importante adesão do Vaticano no esforço, não somente de procurar isolar e retirar o apoio aos movimentos revolucionários.³⁶¹ Também, como pensavam os membros do *Moral Majority*, comunismo e liberalismo eram a mesma coisa. A segunda situação diz respeito à eficácia da política de Ronald Reagan. Ao contrário das investidas anteriores, os Estados Unidos conseguiram manter sua influência político-econômica na região, isso sem o envio maciço de tropas, como acontecera na Coreia e no Vietnã, mas contribuiu para a existência de problemas agudos na Nicarágua, através das ações dos *contras*, que promoveram uma longa guerra civil, forçando a derrota eleitoral dos sandinistas em 1990.

3 – Qual o caminho original?

[...] which gently sloped until they reached the intersection of two roads. Without hesitation Professor Lidenbrook choose the eastern tunnel.³⁶²

3.1 – A Democracia

A liberdade é o eixo principal e a democracia a sua realização. Esta frase poderia ser proferida por quaisquer sujeitos, independentes de suas orientações ideológicas. A democracia pode ser direta – como defendem os marxistas, como também pode ser indireta ou representativa, como defendem os liberais. Em ambos os casos, estamos tratando do objetivo das forças políticas do século XX. Um aspecto crucial para o entendimento da democracia, é que as pessoas admitem ser anticapitalistas, anticomunistas, antiliberais, mas nunca antidemocráticos.

A democracia também possibilita a definição de governos ou as denominações dadas aos Estados (governos democráticos, socialismo democrático, democracias populares, democracia de mercado, etc.). Todas as definições cumprem, porém, uma determinada

³⁶¹ “Oposição religiosa a convulsão social que acompanha os movimentos revolucionários é comum e familiar”. Michael Dodson. Nicaragua: The struggle for the Church. In: Daniel H. Levine. *Religion and political conflict in Latin America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996, p. 80.

³⁶² Jules Verne. *Viagem ao Centro da Terra*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 122.

função. Diferenciar governos e movimentos políticos. Portanto, a democracia reveste-se da mais pura ideologia, pois ela faz parte dos mais diversos conteúdos programáticos.

Como bem explicitou Pablo González Casanova, a democracia é acossada pela falta de exatidão em sua definição, quando se referem à ela. E esta inexatidão no conceito, freqüentemente está associada ao entusiasmo que provoca no continente latino-americano. Pois a região, até bem pouco tempo, carecia de alguns dos mais básicos fundamentos da democracia, fosse ela direta ou indireta.³⁶³

González Casanova propõe a utilização de cinco categorias que considera fundamentais, e que permite entender melhor a democracia. A saber: “a repressão, a negociação, a representação, a participação e a mediação”.³⁶⁴

As categorias propostas por González Casanova, abre(m) o(s) caminho(s) para compreender este fenômeno na América Latina, sua diferença em relação ao modelo anglo-saxão, e que contribuirá decisivamente para entender sua articulação no interior dos pronunciamentos de Ronald Reagan. Essas cinco categorias estabelecem contrapontos entre a concepção norte-americana de democracia, e as necessidades das populações latino-americanas.

Além de permitir o diagnóstico, primeiro de sua oposição ao comunismo, e como associação entre a liberal-democracia e mercado se articulam para a construção do projeto de recuperação da hegemonia norte-americana (com aplicações nas relações internacionais e também no sentido gramsciano)³⁶⁵ na América Central.³⁶⁶

³⁶³ Pablo González Casanova. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 167.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 167.

³⁶⁵ Silvano Belligni. Hegemonia. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 579-581.

³⁶⁶ Richard Hofstadter e Wood Gray. *An outline of American history*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 318.

Também é possível perceber que a democracia se opõe às formas monárquicas não-parlamentares de governo, tornando-se assim, quase que um sinônimo de república.³⁶⁷ Ao iniciar a longa viagem ao centro da democracia, é preciso compreender os dois túneis que se apresentam aos exploradores. Sem conotações políticas diretas (devido aos perigos que tais implicações podem proporcionar). O túnel à esquerda é o da “democracia direta” – que pode ser o comunismo ou mesmo o totalitarismo.³⁶⁸ O túnel da direita é o da “democracia representativa ou indireta”.³⁶⁹

E qual dos dois caminhos permite conhecer efetivamente a democracia? Ou ela permanecerá como um objeto inalcançável? Ou mesmo perceber que ao chegar em seu interior, perceber que ainda guarda muitas semelhanças com a “superfície”?

Assim definida, a democracia é um projeto de *hegemonia*, ou seja, converte-se em discurso. Ela funciona como um sistema de “governo de iguais”, particularmente, iguais em classes sociais. Foi exatamente o que Gramsci argumentou quando da existência do *bloco histórico*.³⁷⁰ Para que este bloco permaneça dominante, e a todo o momento ele busca a hegemonia, é obrigado a fazer com que sua ideologia seja universalmente aceita – mesmo ocorrendo resistências no interior da sociedade –. E efetuar concessões às classes subalternas, para evitar a conseqüente perda de legitimidade.³⁷¹

A partir das categorias de González Casanova, a *repressão* aparece em primeiro lugar. Repressão e democracia são antitéticos, mas parece que não podem existir isoladamente. A democracia é o controle da repressão, ou pelo menos, a sua utilização de forma menos ostensiva. Hannah Arendt argumentou, com base na discussão sobre o poder, e a democracia é uma forma de governo, que o exercício do poder é um exercício de

³⁶⁷ Norberto Bobbio. Democracia. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 319-320.

³⁶⁸ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 362.

³⁶⁹ É a democracia compatível com o Estado liberal. Cf. Norberto Bobbio, op. cit., p. 323.

³⁷⁰ Antonio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 22.

³⁷¹ Martin Carnoy. *Estado e teoria política*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1999, p. 95 e 101.

dominação. Assim, de acordo com o pensamento de Arendt, a democracia é uma forma racionalizada deste domínio.³⁷²

E o que difere esta forma, daquela proposta por González Casanova? Hannah Arendt, como os demais pensadores liberais, encara a democracia como a limitação no poder de decisão das massas. Embora, freqüentemente se afirme, que na democracia, as massas são as que decidem sobre os aspectos políticos da sociedade como um todo.³⁷³

González Casanova, ao contrário, afirma que na democracia, a participação popular deve ser ampliada. Ampliada não somente nos temas referentes à política, mas também nos temas de economia. Pois, a manutenção da dominação econômica, é um dos principais fatores de ausência da democracia no continente latino-americano. Dessa maneira, ele não se opõe, somente à Hannah Arendt, mas principalmente a Samuel Huntington, que defende a democracia como resultado da institucionalização da política. É por este caminho, o proposto por Huntington, que trilha a concepção *democracia* de Ronald Reagan: “no interior das estruturas democráticas”³⁷⁴, ou seja, partidos políticos, Congresso e Governo.

É neste contexto que o papel do Estado deve ser ressaltado. O Estado pode exercer o controle sobre o monopólio da violência (Weber), ou funcionar como o órgão gestor para a dominação de classe (Marx). O Estado segue por um outro caminho, como um espaço de lutas entre as classes, proposto pelos marxistas-ocidentais³⁷⁵, embora este caminho não fosse uma realidade nos países da América Latina.

E é neste ponto, que a categoria *repressão*, apresentada por González Casanova, adquire maior relevância. Isso porque a força do aparato repressivo do Estado se volta contra as classes mais baixas. Aquelas que poderiam, efetivamente, questionar o *status quo*. Ronald

³⁷² Hannah Arendt. *Sobre a violência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 36.

³⁷³ Martin Carnoy, op. cit., p. 19.

³⁷⁴ Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

³⁷⁵ Perry Anderson. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

Reagan, por sua vez, afirma que a força do aparato de violência estatal, neste caso os Estados “comunistas”, se voltaria contra toda a população, de forma indiscriminada. Observar o que ele diz a respeito:

Se os Sandinistas querem a cooperação e a amizade do mundo civilizado, então eles podem começar por tratar seus próprios *cidadãos de maneira civilizada*. Eles podem começar a honrar suas promessas de *liberdade* – liberdade de expressão, liberdade de assembleia, liberdade de crença. E eles podem concordar em obedecer ao mais *básico e honrável princípio da democracia: que o governo deve extrair sua legitimidade do consentimento de seus governados*. (grifos do autor)³⁷⁶

Embora, mesmo que o Estado devesse governar de acordo com este consentimento. O Estado ainda permaneceria nas mãos de um pequeno grupo – democracia representativa – mantendo fora do controle dos cidadãos, o aparato repressor. Portanto, o que estaria em jogo, não seria a segurança dos cidadãos diante da arbitrariedade do Estado. E sim, a segurança do próprio Estado contra seus cidadãos.

O que Ronald Reagan defendeu, durante os primeiros anos de seu mandato, 1981 e início de 1984, foi à realização de eleições na Nicarágua. Mecanismo liberal, para o “fornecimento” da legitimidade necessária ao Estado. Após a vitória da Frente Sandinista, nas eleições de novembro de 1984, o discurso mudou de foco. Passando a acusar o Estado nicaraguense de antidemocrático e totalitário. E a partir dos exemplos de Estados totalitários, Alemanha nazista e União Soviética stalinista, o tema da violência, tornou-se recorrente.

Esta crueldade é a expressão natural de um governo comunista, uma crueldade que flui naturalmente do coração do totalitarismo. É verdade que

³⁷⁶ “If the Sandinistas want cooperation and friendship from the civilized world, then they can start by treating their own citizens in a civilized manner. They can start honoring their promises of freedom – freedom of speech, freedom of assembly, freedom of worship. And they can agree to abide by the most basic and honorable principle of a democracy: that government must derive their legitimacy from the consent of the governed”. Ronald Reagan. *Remarks to an outreach working group on United States policy in Central America*. Washington, 18 de julho de 1984.

Somoza era mau, mas muita gente na Nicarágua sabe que os Sandinistas são infinitamente piores. (grifos do autor)³⁷⁷

Nessa discussão entre a violência exercida pelo Estado, em nenhum momento, Ronald Reagan fez qualquer alusão à repressão econômica exercida por esse Estado contra seus cidadãos. Especialmente, na proteção da propriedade privada, ou mesmo na lógica hobbesiana sobre a liberdade. González Casanova por sua vez, não situou o tema da repressão, somente no campo do político, pois, enquanto, o Estado governar apenas em favor de uma minoria, não é possível conceber qualquer democracia.

Democracia e mercado seria, para os neoconservadores, uma parceria inevitável.³⁷⁸ Ronald Reagan abordou constantemente, este tema em seus pronunciamentos, e o *Caribbean Basin Initiative*, seria a sua realização nos países da América Central. Porém, a democracia pode existir sem o mercado. E o mais importante, o mercado não precisa da democracia para avançar. Ele necessita do pressuposto neoconservador sobre a democracia, a redução da participação política, ou mesmo, a despolitização total da sociedade.³⁷⁹

Os neoconservadores propunham a adoção, pelos países latino-americanos, do modelo de democracia norte-americana. Uma democracia baseada na posse da propriedade privada dos meios de produção. Essa forma de democracia mascara a defesa incondicional, do livre-mercado. É contra essa concepção de democracia, que se posicionam os defensores da democracia direta, e em menor medida, os social-democratas. Estes últimos defendem um capitalismo mais “humanizado”.

Na soma capitalismo – democracia, os social-democratas não questionam a iniciativa privada, mas defendem uma participação política mais efetiva por parte dos cidadãos. É por

³⁷⁷ “This cruelty is the natural expression of a Communist government, a cruelty that flows naturally from the heart of totalitarianism. The truth is Somoza was bad, but so many of the people of Nicaragua know the Sandinista are infinitely worse”. Ronald Reagan. *Remarks at a Fundraising dinner for the Nicaraguan Refugee Fund*. 15 de abril de 1985.

³⁷⁸ Esta equação não figurou como uma novidade do pensamento neoconservador, pois Adam Smith já havia teorizado o tema. A função do Estado, em Smith, é garantir o “bom funcionamento” da economia liberal. Cf. Martin Carnoy. *Estado e teoria política*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1999, p. 48.

³⁷⁹ Essas foram as políticas adotadas pelas ditaduras civis-militares na América Latina.

esse motivo, que a social-democracia é um fenômeno político tipicamente europeu, que não encontrou espaços para seu desenvolvimento nos Estados Unidos.³⁸⁰

Essa discussão ganha corpo, quando são analisadas as influências e diferenças existentes entre sociedade civil e sociedade política. Para o funcionamento pleno da democracia, a equação sociedade civil e sociedade política, deve se apresentar em equilíbrio. Qualquer assimetria encaminharia para duas situações que servem para ilustrar o caso estudado.

A ascensão neoconservadora representou a assimetria em favor do Estado. Não se tratou, porém, da assimetria em favor da sociedade civil, mas porque a redução do poder do Estado – sociedade política – deixou a sociedade norte-americana extremamente vulnerável, não que se encaminhasse para uma radicalização social, e sim, para uma situação de anomia, que colocaria em xeque, os próprios valores dessa sociedade. Visto que a base da liberdade e democracia norte-americana está assentada na propriedade privada.

Neste sentido, a sociedade civil norte-americana decidiu “abrir mão” do equilíbrio necessário, e endossou o fortalecimento do Estado norte-americano. Essa mudança de atitude revelou o processo, apontando por Atílio Boron de “fascistização” da sociedade norte-americana.³⁸¹ Não somente através da tendência conservadora, apresentada por essa sociedade, mas pela inclinação dessa sociedade por uma solução centrada na “estatização” das decisões políticas. O que contraria os princípios da democracia.

É curioso, o fato de Ronald Reagan, acusar a Nicarágua de antidemocrática, se no campo doméstico, o Estado “avançou” sobre o espaço da sociedade civil. Essa operação inverte a proposição de Antonio Gramsci sobre a sociedade civil e sociedade política. Norberto Bobbio, ao interpretar as posições de Gramsci sobre o tema, supremacia da superestrutura

³⁸⁰ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 134-139.

³⁸¹ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 151.

sobre a infraestrutura, afirmou que existiria a supremacia da sociedade civil (consenso) sobre a sociedade política (força). O caso norte-americano inverteu a equação gramsciana.

Porém, cabem duas ressalvas. A primeira sobre a supremacia da superestrutura sobre a infraestrutura. Gramsci, ao abordar o tema das estruturas no marxismo, corrigiu uma distorção muito comum no marxismo economicista. Não há, efetivamente, uma supremacia, e sim a relação dialética entre as estruturas, o que confere equilíbrio. No segundo caso, o consenso é uma operação levada adiante pelo bloco histórico. A soma da sociedade política e sociedade civil. No caso norte-americano, o complexo industrial-militar e os neoconservadores. Na Nicarágua, a FSLN e setores da burguesia local.

Na segunda categoria, a negociação, Pablo González Casanova cria importantes contrapontos às afirmações de Ronald Reagan, sobre a disposição dos Sandinistas em buscar soluções negociadas para o conflito entre o exército nicaraguense e os *contras*. Reagan por diversas vezes afirmou que os sandinistas não queriam estabelecer rodadas de negociações com a oposição.

Enquanto isso, os sandinistas *rejeitaram* uma proposta, de 6 de fevereiro, dos *partidos políticos de oposição* pela suspensão das hostilidades, uma efetiva lei de anistia geral pela reconciliação de todos os nicaraguenses, revogar o estado de emergência, um acordo pelo estabelecimento e observância de um *novo processo eleitoral*, cumprimento efetivo dos compromissos nicaraguenses pela democratização e a assistência internacional na implementação destas exigências. (grifos do autor)³⁸²

González Casanova, ao contrário, afirmou que a “Nicarágua realiza, hoje em dia, com a *oposição* política, mas somente com a que não faz parte das *special forces* chamadas de *contras*”.³⁸³

³⁸² “Meanwhile, the Sandinistas have rejected a February 6 proposal from opposition political parties in Nicaragua for suspension of hostilities, an effective general amnesty law for reconciliation of all Nicaraguans, a repeal of the state of emergency, an agreement for the establishment and observance of a new electoral process, effective fulfillment of Nicaragua’s commitments for democratization and international assistance in the implementation of these demands”. Ronald Reagan. *Message to the Congress transmitting a request for assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance*. Washington, 25 de fevereiro de 1986.

³⁸³ Pablo González Casanova. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 168.

O estabelecimento da negociação é, segundo González Casanova, condição essencial para a existência da democracia. Porém, para que a negociação ocorra, são necessários os interlocutores. Estes podem ser os partidos políticos, como entendem os defensores da democracia representativa. Ou ampliando para os cidadãos, como defendem que os partidários da democracia direta. Normalmente, os liberal-democratas afirmam que, ao lado dos partidos políticos, a sociedade civil também se torna esse interlocutor.³⁸⁴

Na Nicarágua, os grupos que negociavam com o governo, e que aproximou o país das democracias liberais, foram a Igreja católica e os partidos políticos. O que derrubou o argumento corrente, de Ronald Reagan, sobre o caráter totalitário-comunista do governo nicaragüense. A Igreja católica e os dois partidos envolvidos no processo, eram vistos como forças políticas pelo governo. A Igreja por ser uma importante instituição na Nicarágua, situação muito comum na Igreja latino-americana, ou seja, o envolvimento direto na política. Além de vários padres tomarem parte no governo. Os partidos políticos também foram considerados como interlocutores, pois a partir do momento em que participaram do processo eleitoral, reconheceram a legitimidade das eleições e do governo.³⁸⁵

A *Resistência Democrática Nicaragüense*, os *contras*, não poderia ser considerada como uma força política, muito menos como partido político. Portanto, não pode ser considerada como uma atitude antidemocrática, por parte do governo nicaragüense, o fato de se recusar a negociar com esse grupo. A *Resistência* se diferenciou, por exemplo, dos grupos guerrilheiros que se dividiam na facção armada e no partido político. Neste caso, os partidos políticos das guerrilhas são de orientação marxista-leninista.³⁸⁶

³⁸⁴ “Na contraposição Sociedade civil-Estado, entende-se por Sociedade civil a esfera das relações entre indivíduos, entre grupos, entre classes sociais, que se desenvolvem à margem das relações de poder que caracterizam as instituições estatais”. Norberto Bobbio. Sociedade Civil. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1210.

³⁸⁵ William LeoGrande. *Our own backyard – the United States in Central America, 1977-1992*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p. 375.

³⁸⁶ Várias forças revolucionárias não receberam apoio dos partidos comunistas de seus respectivos países. Os dois casos mais importantes foram justamente o cubano e o nicaragüense.

Como a possibilidade de negociação entre governo e cidadãos, é restrita na democracia representativa. Então, o sufrágio se tornou um importante instrumento de participação política, pelo menos em tese. González Casanova afirmou sobre o tema que, o grande problema está na “qualidade” da representação. Assim,

[...] luta-se por uma realidade na qual os representantes representem aos *representados*. Só que essa realidade corresponde ao voto universal como *forma*, e se deseja que corresponda ao voto universal como *poder*, é necessário que por trás do voto, e sob a representação, esteja representado o poder do povo. (grifos do autor)³⁸⁷

Este problema da representatividade, também é apontado por Martin Carnoy, quando ocorre uma confusão entre o sistema político e o mercado.³⁸⁸ Nesta situação, os cidadãos são transformados em “consumidores políticos”, e dessa maneira, como no mercado, as decisões estarão concentradas nas mãos de quem pode “consumir” mais, alijando as classes subalternas do processo político e, tornando a democracia um valor abstrato.

Era, mais ou menos isso, o que Ronald Reagan imaginou para a Nicarágua (como para os outros países centro-americanos). Seus esforços pela democracia, visavam estabelecer a democracia de mercado através das “tradições da democracia e da livre-empresa”, como o caminho para o desenvolvimento sócio-econômico da região.

Isso se torna, ainda mais verdadeiro, quando se pensa a sociedade civil como “sociedade civil organizada”. Em diversas sociedades latino-americanas, a pobreza cria obstáculos para a organização política, e conseqüentemente, a possibilidade de participação é, dramaticamente, reduzida. Se percebermos que, fora do institucionalismo político e da representação, não há negociação, então é seguro afirmar que existem duas formas de

³⁸⁷ Pablo González Casanova. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 169.

³⁸⁸ Martin Carnoy. *Estado e teoria política*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1999, p. 52.

governo, o democrático-liberal, para as elites e o “democrático-repressor” para as classes subalternas.³⁸⁹

Foi a tentativa de romper com essa lógica, que a revolução nicaragüense começou a fazer sentido, ao mesmo tempo em que provocou a rápida reação dos defensores da democracia do “andar de cima”. Pois, a revolução engendrou a ampliação da democracia para além da política institucional. Não que a revolução estivesse, como Ronald Reagan afirmou, se tornando “comunista”, mas resgatando os pressupostos do liberalismo, em sua vertente mais lockeana, e com algumas características jeffersonianas – a defesa da pequena propriedade ante o grande proprietário –, corrigindo, aquilo que Boron classificou de “involução do liberalismo”.³⁹⁰

Assim, a possibilidade de negociação, como González Casanova apontou, tornaria-se uma realidade no país centro-americano, visto que, a redistribuição de renda, a partir da reforma agrária, por exemplo, tornaria possível ampliar os níveis de negociação, e conseqüentemente, a própria democracia.

Sobre a representação, uma das características fundamentais da democracia, é apresentada também como elemento que constitui a democracia formal.³⁹¹ A democracia forma se diferencia da democracia substancial no que concerne à participação dos cidadãos no processo de tomada de decisões políticas.

A democracia formal, a prática da democracia funciona de acordo com os limites impostos pelas elites. Porém, essa imposição é sutil, e sempre aparece sob o manto da preservação da liberdade. Este é, por exemplo, o caso da democracia norte-americana. Os maiores defensores desse tipo de democracia, são os neoconservadores. Ronald Reagan, nos seis anos de pronunciamentos nunca explicitou essa preferência.

³⁸⁹ Hannah Arendt. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 31-44.

³⁹⁰ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 134.

³⁹¹ Pablo González Casanova. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 169.

O maior problema da democracia formal está, justamente, no seu alcance. Este é limitado pela não-observância do mais fundamental princípio democrático, a igualdade. A democracia formal incentiva a “democratização da política”, mas não pretende modificar a estrutura das relações sociais de produção, mantendo praticamente intacta, a relação de dominação.

A outra forma de democracia, a democracia substancial, é a democracia mais próxima do ideal. Esta se traduz no maior “igualitarismo”, o que, como afirmei anteriormente, são as social-democracias que mais se aproximam da democracia substancial. Mas mesmo a social democracia enfrenta dificuldades,

porque a vida, liberdade e felicidade dos cidadãos não são independentes das relações sociais de produção que definem sua inserção na vida econômica e suas oportunidades de vida na sociedade.³⁹²

Observando estas diferenças, alguns questionamentos conduzem à comparações entre as formas de democracia. Entendo que a democracia formal favorece ao desenvolvimento do capitalismo, exatamente por explicitar as divisões de classe. Mas como explicar seu triunfo nos Estados Unidos? Particularmente, o modelo de capitalismo defendido pelos neoconservadores mantém uma relação de conflito com o modelo jeffersoniano. A resposta a este problema somente pode ser histórica.

Assim, Boron procurou explicar a ascensão do neoconservadorismo.

[...] que ele surge com força porque, entre outras coisas, tem uma imensa virtude: a de propor em termos concretos e reais a defesa do capitalismo monopolista – sem romantismo, tal qual ele existe hoje em dia – e seu projeto hegemônico.³⁹³

O neoconservadorismo defende o capitalismo monopolista, aquele que queriam ver implementado na Nicarágua. E oferece as respostas aos desafios enfrentados pelos Estados Unidos, desde os anos sessenta. Desafios econômicos, concorrência dos países

³⁹² Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 137.

³⁹³ *Ibidem*, p. 157.

aliados no mercado mundial, e mesmo em regiões onde os Estados Unidos exerciam forte hegemonia, como o continente americano. Desafios militares, o rápido avanço soviético em armas estratégicas, além dos vários conflitos de baixa intensidade. E desafios políticos, onde problemas no quintal latino-americano, além dos processos de independência no continente africano, empurraram algumas das ex-colônias para o lado soviético.

Os maiores desafios políticos foram, porém, domésticos. O aumento de poder do Congresso após o governo Nixon, a aprovação do *War Power Act*, em 1973,³⁹⁴ e da Emenda Boland, em 1982, representaram o *tour de force* do presidente Reagan.

Ronald Reagan contornou parte do problema, através de cobranças ao governo nicaraguense, por mais democracia. Esta se encontrava sobre alguns pilares, que se confundem com a perspectiva de liberdade defendida pelos neoconservadores.

Freqüentemente, Reagan fez referências à liberdade de imprensa, de expressão e de religião. Todos eles associados à existência de “eleições livres” na Nicarágua, que deveria seguir os passos de El Salvador, rumo à democracia. Assim, Reagan comparou os dois países.

Mas, o inteiro propósito do governo sandinista, parece não ser somente com El Salvador, mas exportar a revolução para seus outros vizinhos, para países que já são democráticos. (grifos do autor)³⁹⁵

E as guerrilhas que lutaram na Nicarágua, não fazem mais parte do governo, que lhes retirou o poder, eles são os antigos aliados na *revolução*, os que buscam restaurar as *metas originais da revolução, os quais eram democracia e eleições*. Conseqüentemente, El Salvador *caminha para outra*

³⁹⁴ Alguns pontos da *War Power Act* são bem claros em relação às restrições ao envolvimento de tropas norteamericanas em ações militares no exterior. Especialmente as secções 2 (c) “[...] (3) a national emergency created by attack upon the United States, its territories or possessions, or its armed forces”. E a secção 3 “The President in every possible instance shall consult with Congress before introducing United States Armed Forces into hostilities or into situation where imminent involvement in hostilities is clearly indicated by circumstances[...]”. *War Power Act*, Public Law 93-148, 7 de novembro de 1973.

³⁹⁵ “But the whole purpose of the Sandinista government seems to be not only with El Salvador but the export of revolution to their other neighbors, to countries that are already democracies”. Ronald Reagan. *Question-and-answer session with reporters on Domestic and foreign policy issues*. Washington, 4 de maio de 1983.

eleição presidencial, antes deste ano [1984]. Então, isso demonstra que nós não apoiamos governos de direita. (grifos do autor)³⁹⁶

Assim, Ronald Reagan atacou a Nicarágua, tomando por base as eleições em El Salvador, marcadas para março de 1984. É possível perceber o contraponto entre o processo eleitoral, El Salvador, e o processo revolucionário, Nicarágua. Como não pode omitir o fato de ter havido uma revolução, Reagan sempre se refere à traição sofrida pela revolução, e que os verdadeiros revolucionários, eram justamente, os *contras*.³⁹⁷

Ao falar de democracia para a América Central, Ronald Reagan estava preocupado, não com o avanço do comunismo pela região, mas a ascensão de formas de democracia que não garantissem a estabilidade suficiente para a manutenção do capitalismo monopolista. A aposta em José Napoleón Duarte, de El Salvador, garantiu para os norte-americanos, a recomposição da influência na região.

No caso nicaragüense, não era a preocupação com a democracia. Mas pavimentar o caminho para a oposição pró-Estados Unidos alcançar o poder. Em virtude das restrições às ações militares norte-americanas na América Central, ou seja, o envolvimento direto de tropas, cuja possibilidade era alvo de críticas no Congresso e na imprensa. Além de vários setores da população, preocupados com outro Vietnã, e cuja justificativa para a guerra no Sudeste Asiático, era evitar a concretização da Teoria dos Dominós, e restaurar a “democracia”.

3.2 – O Totalitarismo

³⁹⁶ “And the guerrillas that are fighting in Nicaragua are parts not of the government that was thrown out of power, they are formerly allies in the revolution who are seeking to restore the original goals of revolution which were democracy, elections. Incidentally, El Salvador is going to have another election before this year is out to elect a President. So, we’re not supporting right-wing governments”. Ronald Reagan. *Interview with foreign television journalists*. Washington, 26 de maio de 1983.

³⁹⁷ Os *contras* são denominados por Resistência Democrática Nicaragüense ou *Freedom Fighters*. Cf. *Findings*. Disponível em <<http://www.cia.gov/cia/publications/cocaine/south.html>> acessado em 20 de dezembro de 2002, *Southern Front Contras*. Disponível em <<http://www.cia.gov/cia/publications/cocaine/report.html>> acessado em 20 de dezembro de 2002, e *Northern Front Contras*. Disponível em <<http://www.cia.gov/cia/publications/cocaine/north.html>> acessado em 21 de dezembro de 2002.

Eric J. Hobsbawm não admite a classificação do comunismo, mesmo o stalinista, como totalitário.³⁹⁸ Hannah Arendt definiu, por sua vez, que os regimes totalitários “clássicos” foram o regime stalinista e o nazista, excluindo o fascismo italiano.³⁹⁹ Alguns marxistas, como Tom Bottomore, afirmam que o regime fascista italiano, como os regimes alemão e o soviético, também era totalitário.⁴⁰⁰ Mario Stoppino, no dicionário de política, discute o conceito a partir das posições de diversos autores, embora escolha a abordagem de Arendt, mas mantém o fascismo italiano como totalitário.⁴⁰¹ E, Ronald Reagan, sem se preocupar com a aridez das questões teóricas, definiu como totalitários todos os governos comunistas. Como por exemplo.

Enquanto isso, nós não devemos permitir que o *totalitarismo comunista* vença por omissão. [...] A União Soviética e Cuba estão intervindo na área, porque eles acreditam que podem explorar os problemas para instalar uma ditadura comunista cruel, como nós vemos em Cuba. (grifos do autor)⁴⁰²

A base das afirmações reaganianas se encontra no artigo de Jeanne Kirkpatrick, *Dictatorships and double standards*⁴⁰³ (Ditaduras e duplo padrão) e, Zbigniew Brzezinski e Carl J. Friedrich, *Totalitarian dictatorship and autocracy*⁴⁰⁴ (Ditadura totalitária e autocracia). Ronald Reagan identificou no regime sandinista, ou procurou associar, as características apresentadas por Brzezinski e Friedrich na classificação dos regimes totalitários. Estes foram listados por Stoppino, e assim definidos:

1) uma *ideologia oficial* que diz respeito a todos os *aspectos da atividade e da existência do homem* e que todos os *membros da sociedade* devem abraçar, e que critica, de modo radical, o estado atual das coisas e que dirige a luta pela sua transformação; 2) um *partido único de massa dirigido*

³⁹⁸ Eric J. Hobsbawm. *A era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 383.

³⁹⁹ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 339-531.

⁴⁰⁰ Tom Bottomore. Totalitarismo. In: Tom Bottomore. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 382-383.

⁴⁰¹ Mario Stoppino. Totalitarismo. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1247-1259.

⁴⁰² “In meantime, we must not allow totalitarian communism to win by default. [...] The Soviet Union and Cuba are intervening there, because they believe they can exploit the problems so as to install ruthless Communist dictatorships, such as we see in Cuba”. Ronald Reagan. *Remarks at the Quadrennial Convention of the International Longshoremen’s Association in Hollywood, Florida*. Hollywood, Fl., 18 de julho de 1983.

⁴⁰³ Jeanne Kirkpatrick. *Dictatorship and double standards*. Washington: American Enterprise Institute, 1979.

⁴⁰⁴ Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski. *Totalitarian dictatorship and autocracy*. New York: Harvard University Press, 1956.

*tipicamente por um ditador, estruturado de uma forma hierárquica, com uma posição de superioridade ou de mistura com a organização burocrática do Estado, composto por pequena percentagem da população, onde uma parte nutre apaixonada e inabalável fé na ideologia e está disposta a qualquer atividade para propagá-la e atuá-la; 3) um sistema de terrorismo policial, que apóia e ao mesmo tempo controla o partido, faz frutificar a ciência moderna e especialmente a psicologia científica e é dirigido de uma forma própria, não apenas contra os inimigos plausíveis do regime, mas ainda contra as classes da população arbitrariamente escolhidas; 4) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e baseado na tecnologia moderna, da direção de todos os meios de comunicação de massa, como a imprensa, o rádio e o cinema; 5) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e baseado na tecnologia moderna, de todos os instrumentos da luta armada; 6) um controle e uma direção central de toda a economia através da coordenação burocrática das unidades produtivas antes independentes.*⁴⁰⁵

Analisados detalhadamente, cada um desses seis pontos forneceram a Ronald Reagan, toda a gama de argumentos sobre o “totalitarismo sandinista”. É evidente, que numa comparação entre essas características e a Nicarágua, não permite comprovar a existência de regime totalitário no país. Isso porque, o presidente norte-americano, como afirmei no início, não estava preocupado com os rigores conceituais, e sim, com à sua aplicação política.⁴⁰⁶

O que Ronald Reagan fez, foi estabelecer, a partir das observações de Brzezinski e Friedrich, semelhanças que pudessem classificar o governo sandinista nesta categoria. É possível perceber também, que destes pontos, alguns são baseados nas análises de Arendt sobre o totalitarismo.⁴⁰⁷

Então, como enxergar, através das falas de Ronald Reagan, tais características?

No primeiro item, que trata da existência de uma ideologia oficial, Ronald Reagan parte de uma generalização muito comum. A de que somente os movimentos totalitários – comunista inclusive – são ideológicos. Exatamente porque encaram a ideologia como *propaganda* e *falseamento*. A propaganda é um aspecto crucial no regime totalitário. A propaganda

⁴⁰⁵ Mario Stoppino, op. cit., p. 1249.

⁴⁰⁶ Terry Eagleton. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 172.

⁴⁰⁷ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

totalitária, afirmou Arendt, tem por função “executar uma mentira”, ou seja, a construção de uma realidade sem, necessariamente, se utilizar da violência, mas trabalhar a violência como uma possibilidade sempre presente e, também para pôr em movimento as leis da história.⁴⁰⁸

Mas a ideologia não é uma propaganda.⁴⁰⁹ A ideologia é uma sistematização histórica de um corpo de idéias, a partir de um grupo ou classe social. A sua negação por parte daqueles que assumem sua existência, deriva da convicção de que o mundo em que eles vivem é “natural”, circunstância que revela a tendência, também das ideologias, à a-historicidade. E os que a negam, afirmam simplesmente, que por ser uma sistematização, ela não pode ser “verdadeira”, mas sim, uma invenção.

Ronald Reagan é um desses que negam a ideologia, ou que o “seu” neoconservadorismo seja ideológico.⁴¹⁰ Esta postura de considerar que somente os outros “possuem” ideologia (como disse Eagleton, ideologia e mau hálito, somente os outros têm), não está limitada ao campo dos liberais e dos conservadores. O marxismo, de viés positivista, também negou que sua “ciência” fosse uma ideologia. Pois a ideologia não seria uma ciência e, portanto, não poderia ser “verdadeira”.

Apenas para exemplificar, que a teoria que mais estudou a ideologia, procurou fugir de sua “ideologização”, é o debate entre Gyorg Lukács e Antonio Gramsci. O primeiro defendia que o marxismo não seria uma ideologia, pois reivindicava um *status* de ciência ao mesmo.⁴¹¹

Gramsci, por sua vez, não somente afirmou que o marxismo é uma ideologia, como também resgatou sua importância no interior do marxismo. Visto que muitos marxistas ainda enxergavam a ideologia como aquela desenvolvida por Marx, em *A ideologia alemã*, embora

⁴⁰⁸ Ibidem, p. 411.

⁴⁰⁹ Giacomo Sani. Propaganda. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1018-1021.

⁴¹⁰ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 153.

⁴¹¹ Gyorg Lukács. *Historia y consciencia de clase*. 2ª ed. Barcelona: Grijalbo, 1975, p. 50.

esse mesmo texto somente viesse tornar-se público, na década de 20 do século XX. A ideologia é, em Gramsci, um dos principais componentes, não só do bloco histórico (e algumas vezes a confundem com hegemonia), mas também da forma como uma classe social mantém sua denominação sobre as demais.⁴¹²

Quem tomou o posicionamento de Lukács, no ataque a concepção gramsciana do marxismo como ideologia, e depois exercitou o morde-assopra, foi Carlos Nelson Coutinho. Coutinho entendeu que Gramsci havia se equivocado ao perceber o caráter ideológico do marxismo.⁴¹³ Mas, a seguir, reconheceu a importância do autor italiano e afirma que ele, Gramsci, observou que:

[...] quando se torna crença *intersubjetiva* de grupos substanciais de homens, ou seja, quando se torna o que Gramsci chamou de “ideologia orgânica” [...] Sem tal conceito, de resto, Gramsci não poderia ter elaborado a noção de *hegemonia*, central em sua teoria política [...] voltado para a efetivação de um resultado *objetivo* no plano social. (grifos do autor)⁴¹⁴

Após essas considerações, um questionamento se faz presente. Qual a importância do debate sobre ideologia no interior de marxismo, para construir uma concepção de ideologia no neoconservadorismo? E uma segunda pergunta ainda surge. No que esse debate contribui para classificar e demarcar a ideologia no movimento totalitário? Às duas perguntas, é possível respondê-las de uma só vez.

É de comum acordo entre pesquisadores, que a Guerra Fria foi um *embate ideológico* (entre outros embates). O que não limita a ação da ideologia nos totalitarismos. E complementando a resposta, farei uso de uma autora liberal, Hannah Arendt (que também

⁴¹² Basta ver a distinção entre *intelectual tradicional* e *intelectual orgânico*.

⁴¹³ “[...] essa corrente termina por identificar conhecimento em geral com ideologia, negando a possibilidade de uma representação objetiva (científica) do real”. Carlos Nelson Coutinho. *Gramsci – um estudo sobre seu pensamento político*. 2ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003, p. 103.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p. 115.

trouxe a discussão), de que a ideologia é uma “explicação totalizante”, ou seja, procura dar resposta ao real.⁴¹⁵

A afirmação da ideologia como um componente do totalitarismo, por parte de Ronald Reagan, apareceu na distinção feita, aí de modo direto, dentre *democracia* e *totalitarismo*. A democracia, para o presidente norte-americano, é um *ideal*, ou seja, algo que todas as pessoas aspiram, o que lhe confere um caráter positivo.⁴¹⁶ Assim, a democracia aparece como um sistema perfeito, livre de vícios e/ou problemas. Mas, esta afirmação encerra uma omissão, pois de qual democracia Ronald Reagan se refere, ou seja, ele generaliza o fenômeno tornando-o natural.⁴¹⁷

Desde 1947, o Tratado do Rio, estabeleceu responsabilidades recíprocas de defesa, ligada aos nossos *ideais democráticos comuns*. (grifos do autor)⁴¹⁸

Por outro lado, os regimes totalitários são ideológicos, o que confere um caráter negativo (ponto que aparece no item “1” de Brzezinski). A ideologia é para o totalitário, na ótica neoconservadora, o mecanismo mais apropriado para o processo de ocultação e dominação. O que na maioria das vezes, não é percebido, por desconhecimento ou interesse, que na existência de uma ideologia, possa existir uma *contra-ideologia* (que não deixa de ser uma ideologia). Exercício que Ronald Reagan fez ao contrapor *democracia* e *totalitarismo*. Como aparece nestes três exemplos.

Não, o maior triunfo após a guerra, foi que a despeito de todo o caos, pobreza, doenças e infortúnios, que assolaram este continente, o povo da Europa ocidental resistiu ao chamado dos novos tiranos e às iscas de suas sedutoras ideologias. (grifos do autor)⁴¹⁹

⁴¹⁵ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 522-523.

⁴¹⁶ Sobre o conceito de *Ideal* (adjetivo), cf. André Lalande. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 483-484.

⁴¹⁷ Sobre naturalização da ideologia ou democracia.

⁴¹⁸ “Since 1947 the Rio Treaty has established reciprocal defense responsibilities linked to our common democratic ideals”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

⁴¹⁹ “No, the greatest triumph after the war is that in spite of all of the chaos, poverty, sickness, and misfortune that plagued this continent, the people of Western Europe resisted the call of new tyrants and the lure of their

Poucos agora perguntam que os governantes da Nicarágua são os comunistas profundamente comprometidos e determinados em consolidar seu estado *totalitário comunista*. [...] eles buscam exportar sua *ideologia* e *subversão* através do *terrorismo* para os países vizinhos. (grifos do autor)⁴²⁰

Por outro lado, quando nós estamos tentando fornecer ajuda ao povo da Nicarágua, em sua luta pela *democracia* e contra o *totalitarismo*. (grifos do autor)⁴²¹

Em relação à Nicarágua, Ronald Reagan tentou, de forma forçada, estabelecer conexões entre esse país e os governos realmente totalitários. Em primeiro lugar, não havia uma “ideologia” que todos os nicaragüenses abraçassem. Havia sim, um projeto político de transformação da sociedade nicaragüense, onde amplos setores da sociedade participaram. Reagan parte para a afirmação da máxima: “tudo é ideológico”, como processo de descaracterizar determinados níveis de politização da sociedade. Isso ocorreu, pois os neoconservadores defendiam a despolitização da sociedade norte-americana.

A ideologia pressupõe, efetivamente, graus variados de envolvimento por parte dos indivíduos. Mas cabem aqui dois esclarecimentos. O primeiro, a ideologia é um projeto coletivo, que deve incorporar elementos de um discurso sofisticado, ou mesmo científico, e elementos do senso comum, o que elimina a possibilidade de falseamento da realidade. O segundo esclarecimento resulta da própria concepção presente na ideologia liberal e neoconservadora, caracterizada pela exacerbação do individualismo, ou seja, descartar a possibilidade de projetos conjuntos. E a aposta na “passividade” dos sujeitos.

A ideologia neoconservadora buscou as soluções para crise “moral e cultural” que afetavam os Estados Unidos. Esta “crise” que se iniciou no começo dos anos setenta, anunciou o “fim da prosperidade”, marcou a sociedade norte-americana e gerou um clima e desilusão entre os seus setores médios e altos. Nas classes subalternas, apesar dos programas de

seductive ideologies”. Ronald Reagan. *Address to a special session of the European Parliament in Strasbourg, France*. Strasbourg, 8 de maio de 1985.

⁴²⁰ “Few now question that the rulers of Nicaragua are deeply committed Communists, determined to consolidate their totalitarian Communist state. [...] they seek to export ideology through terrorism and subversion to neighboring countries”. Ronald Reagan. *Message to the Congress transmitting a request for assistance for the Nicaragua Democratic Resistance*. Washington, 25 de fevereiro de 1986.

⁴²¹ “On the other hand, when we were trying to get aid for the people of Nicaragua in their struggle for democracy and against totalitarianism”. Ronald Reagan. *The President news conference*. Washington, 10 de maio de 1985.

redistribuição, desde o *New Deal* e a *Great Society*, os efeitos da crise econômica também foram duramente sentidos. Mas não foi desses grupos sociais que saíram as bases de apoio ao projeto neoconservador.⁴²²

Para a ideologia neoconservadora, os problemas da economia norte-americana não se encontravam nas deficiências estruturais do capitalismo, e a interrupção de um ciclo de crescimento iniciado ao final da II Guerra Mundial. Mas no “ceticismo e na crítica irresponsável”, que determinados setores da sociedade, liberais-democratas e esquerdistas ou a nova esquerda, exerciam.⁴²³

Para combater essa crise, a ideologia neoconservadora propôs o resgate dos valores da sociedade norte-americana. Ela também procurou construir a hegemonia necessária para que todos os setores da sociedade se empenhassem na transformação, de um “quadro geral de crise”, para um caminho que devolvesse aos Estados Unidos, sua condição anterior, de superpotência hegemônica.⁴²⁴

O projeto neoconservador passava pela transformação de sua ideologia em partido – Partido Republicano –, eliminação das restrições ao capital monopolista, diminuição das funções sociais do Estado, ao mesmo tempo em que reforçou seu poder político. Como ficou exposto nas palavras de Ronald Reagan no discurso de posse, proferido em 20 de janeiro de 1981.

Os negócios de nossa nação vão adiante. Os Estados Unidos são *confrontados com uma aflição econômica de grandes proporções*. Nós sofremos a mais longa e uma das piores inflações contínuas em nossa história nacional. Ela distorce nossas decisões econômicas, prejudica

⁴²² Os problemas econômicos nos Estados Unidos contribuíram para o aumento do desemprego e da violência. Essa última tornou-se bandeira de luta das classes médias, assustadas com o aumento da criminalidade nas grandes cidades, o que levou muitos profissionais liberais a se dirigirem para o *Sunbelt*, ou “Faixa do Sol”, compreendido dos estados no sul. Os problemas sociais fizeram com que o governo Nixon resolvesse as questões do modo tradicional, aumento das ações de repressão, conhecidas como “*Law and Order*”. Cf. Richard Hofstadter e Wood Gray. *An outline of American history*. Washington: United States Information Agency, 1994, p. 314.

⁴²³ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 168.

⁴²⁴ Luis Fernando Ayerbe. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 158-159.

nossas economias, e esmagam de forma similar os esforços dos jovens e a renda fixa dos anciãos. *Ameaça despedaçar as vidas de milhões de nosso povo. [...] Nós temos que agir hoje para preservar o amanhã.* E que não haja nenhum engano: Nós começaremos a agir, começando hoje. [...] É minha intenção restringir o tamanho e influência do *establishment* Federal e exigir o reconhecimento da distinção entre os poderes outorgados ao Governo Federal e esses reservaram aos Estados ou para as pessoas. *Todos nós precisamos ser lembrados que o Governo Federal não criou os Estados; os Estados criaram o Governo Federal.* (grifos do autor)⁴²⁵

Assim, a ideologia não pode ser considerada como um privilégio dos governos totalitários, como quis fazer crer Ronald Reagan.

No item “2” – partido único de massa e a existência de um ditador, contém elementos do item “1”, especialmente no tema ideologia do partido. Deve-se afirmar que incorrer na assertiva “tudo é ideologia”, é equivocado. Mas também não devemos reduzi-la e esvaziar seu conteúdo, afirmando que tudo é natural (o que, aliás, é uma afirmação ideológica).

O tema central deste item “2” é a existência de um partido que se funde e se confunde com o Estado. Embora Ronald Reagan tentasse vislumbrar essa hipótese na Nicarágua, ela não correspondia aos fatos. E as eleições de novembro de 1984, foram o melhor exemplo para desconstruir seu argumento. Pois concorreram candidatos de outros partidos políticos. Portanto, a tese do partido único é falsa.⁴²⁶

⁴²⁵ “The business of our nation goes forward. These United States are confronted with an economic affliction of great proportions. We suffer from the longest and one of the worst sustained inflations in our national history. It distorts our economic decisions, penalize thrift, and crushes the struggling young and the fixed income elderly alike. It threatens to shatter the lives of millions of our people. [...] We must act today in order to preserve tomorrow. And let there be no misunderstanding: We are going to begin to act, beginning today. [...] It is my intention to curb the size and influence of the Federal establishment and to demand recognition of the distinction between the powers granted to the Federal Government and those reserved to the States or to the people. All of us need to be reminded that the Federal Government did not create the States; the States created the Federal Government”. Ronald Reagan. *Inaugural address*. Washington, 20 de janeiro de 1981.

⁴²⁶ As eleições na Nicarágua foram realizadas em 3 de novembro de 1984, com a presença de 75% do eleitorado e com a observação de mais de 400 representantes de diversos países. O resultado da eleição deu a vitória a Humberto Ortega, com 67% dos votos, seguido dos candidatos do Partido Democrático Conservador, Clemente Guido, que recebeu 14% dos votos, e de Virgílio Godoy, do Partido Liberal Independente, com 9,6%. Nesse mesmo processo, os sandinistas conquistaram 63% dos votos, ou seja, 61 das 96 cadeiras no Parlamento. Cf. William M. LeoGrande. *Our own backyard – the United States in Central America 1977-1992*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p. 375.

Em segundo lugar, todo regime totalitário é autoritário, mas nem todo regime autoritário é totalitário. Isto decorre, e embasa minhas afirmações nas teorias sobre o tema, que nos regimes totalitários, como o próprio conceito expressa, o controle da sociedade é *total*. Assim, a existência de uma oposição ativa, além de outras instituições do Estado, com relativa ou total independência, não permite que se estabeleça tal analogia entre o governo nicaragüense e os regimes totalitários.

Ronald Reagan procurou enfatizar, ainda de acordo com o item “1”, a existência de uma ideologia oficial, ao nomear o governo nicaragüense de *governo sandinista*. O emprego de tal definição possibilita a construção de um discurso que executa a operação totalitária, ou seja, a “mistura do partido com a organização burocrática do Estado”, o que significa que os quadros do partido são os quadros do Estado.

[...] porque o *governo Sandinista* ainda apóia as guerrilhas que estão lutando contra o devidamente eleito *governo de El Salvador*. (grifos do autor)⁴²⁷

Esta situação também é útil para determinar que um governo é antidemocrático. Ronald Reagan não empregou, em nenhum momento, adjetivo semelhante para definir outros governos que não fossem os comunistas ou o sandinista. Nesse sentido, a citação de Hannah Arendt é interessante.

As *ideologias* – os *ismos* que podem explicar, a contento de seus aderentes, toda e qualquer ocorrência a partir de uma única premissa. (grifos do autor)⁴²⁸

Reagan, por exemplo, não se referiu ao governo salvadorenho, como democrata-cristão, ou ao seu próprio governo de republicano ou neoconservador. Esta ação buscou, antes de tudo, criar a concepção de um governo para todos, para toda a nação. Daí a utilização de terminologias como governo norte-americano, salvadorenho, hondurenho etc. Outro

⁴²⁷ “[...] because the Sandinista government is still supporting the guerrillas that are fighting against the duly elected government of El Salvador”. Ronald Reagan. *Remarks and question-and-answer session with reporters in Rochester, Minnesota*. Rochester, 4 de novembro de 1984.

⁴²⁸ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 520.

emprego, também com considerável força ideológica, é governo democrático ou democrata, pois este seria, na concepção reaganiana, e como vimos anteriormente, uma aspiração de todos os indivíduos.

Suas nações não se tornaram o criadouro para novas filosofias extremistas. Vocês resistiram à tentação totalitária. Seus povos abraçaram a democracia, o sonho que os fascistas não puderam matar. Eles escolheram a liberdade. (grifos do autor)⁴²⁹

Ao contrário dos governos *ismos*, que indicariam governos para apenas aqueles que aderiram à ideologia oficial do partido, e que, por conseguinte, para fazer parte da *tríade-una*, partido-Estado-burocracia, os sujeitos deveriam fazer parte da máquina partidária, tal qual nos movimentos totalitários.⁴³⁰ Os que os diferenciaria dos governos democráticos, onde os cidadãos têm franqueado o acesso às decisões políticas.⁴³¹

Mas como se formariam as ditaduras? Algumas pesquisas realizadas procuraram fornecer tais respostas. Umas à esquerda, outros à direita. Mas elas concordam sobre o seu caráter arbitrário. Não pretendo aqui, restabelecer todo o histórico do conceito desde a antiguidade, pois a análise continuará focada no desenvolvimento da ditadura de partido único. O que já excluiria a Nicarágua.⁴³²

Os argumentos para as críticas de Reagan à Nicarágua e as declarações de apoio aos países da América Central estavam embasadas na distinção elaborada pelos neoconservadores entre *ditaduras autoritárias* e *ditaduras totalitárias*⁴³³. Esse debate

⁴²⁹ “Your nations did not become the breeding ground for new extremists philosophies. You resisted the totalitarian temptation. Your people embraced democracy, the dream the Fascists could not kill. They choose freedom”. Ronald Reagan. *Address to a special session of the European Parliament in Strasbourg, France*. Strasbourg, 8 de maio de 1985.

⁴³⁰ Hannah Arendt, op. cit., p. 428-429.

⁴³¹ Pelo menos é o que as ideologias liberais querem fazer crer.

⁴³² O termo que Ronald Reagan poderia empregar para definir a “ditadura” sandinista seria “ditadura cesarista”. “As ‘ditaduras cesaristas’ se distinguem das ‘totalitárias’ porque não possuem um partido único de massa, nem outros instrumentos de controle e penetração total da sociedade”. Mario Stoppino. Ditadura. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 375.

⁴³³ “O compromisso inflexível com a Guerra Fria, continuando com a convicção na habilidade do poder militar para resolver os problemas imperiais de Washington de império e a distinção autoritário-totalitária são centrais para o revisionismo conservador”. Mark T. Berger. *Under Northern eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Americas 1898-1990*. Bloomington: Indiana University Press, 1995, p. 158.

aparece como uma maneira conveniente de justificar a ajuda norte-americana às ditaduras centro-americanas (Guatemala e Honduras), e no compromisso, como veremos adiante, desses governos com as estruturas capitalistas e no combate ao comunismo.

A abordagem neoconservadora sobre as ditaduras, tem a contribuição de Samuel Huntington.⁴³⁴ Huntington parte do pressuposto que as ditaduras são originárias das tentativas de modernização em países com estruturas políticas frágeis.⁴³⁵ Assim, o que Huntington afirma é que o primeiro passo para evitar o estabelecimento das ditaduras, é a construção das instituições democráticas.

Somente depois deste processo, ocorrerão as transformações econômico-sociais. Ele toma como exemplo as democracias ocidentais, que passaram por um longo processo de maturação e desenvolvimento destas instituições. Quando do advento do capitalismo (considerado erroneamente como democrático), que desencadeou a aceleração no desenvolvimento das forças produtivas, estas sociedades já estavam firmemente estabelecidas na democracia.⁴³⁶

A análise de Huntington é etapista, pois considera que as fases de desenvolvimento das instituições políticas e da economia, devem obedecer determinada linearidade.⁴³⁷ Portanto, a partir desta linha de raciocínio, a revolução nicaragüense, com seu projeto de progresso e modernização, somente poderia resultar numa ditadura. Visto que a revolução “queimou” etapas e procurou acelerar o processo de transformação.⁴³⁸

Nesse sentido, Ronald Reagan propôs o *Caribbean Basin Initiative*, e afirmando, com base na tese de Huntington, este projeto proporcionaria um “crescimento sustentado” dentro dos

⁴³⁴ Samuel Huntington. *Political order in changing societies*. New York: Yale University Press, 1977.

⁴³⁵ “O que é responsável por esta violência e instabilidade? [...] que em grande parte é produto de rápidas mudanças sociais e da rápida mobilização de novos grupos na política, associados com o lento desenvolvimento das instituições políticas”. *Ibidem*, p. 3.

⁴³⁶ Samuel Huntington, *op. cit.*, p. 32.

⁴³⁷ Giacomo Marramao. *Poder e secularização – as categorias do tempo*. São Paulo: Unesp, 1995, p. 104-108.

⁴³⁸ Curiosamente alguns marxistas também consideravam necessária a obediência às etapas revolucionárias, razão pela qual os movimentos revolucionários na América Latina, muitas vezes, não tinham o apoio dos partidos comunistas locais.

moldes do liberalismo político e econômico. Assim, o exemplo nicaraguense não deveria ser seguido. Veja o que Reagan afirmou sobre o tema.

Uns 20 anos atrás, John F. Kennedy captou a essência de nossa missão sem igual quando ele disse que iria até o Novo Mundo demonstrar "que a aspiração insatisfeita daquele homem por progresso econômico e justiça social podem ser melhor alcançados por homens livres que trabalham dentro das estruturas das instituições democráticas." (grifos do autor)⁴³⁹

Qualquer tentativa de quebrar o avanço linear dos desenvolvimentos político e econômico, constituiria uma ruptura da ordem, e conseqüentemente, condenável. Sobre a linearidade, a própria noção de progresso parece obedecer a essa regra. E a revolução é essa quebra.

Outro autor que analisa o surgimento das ditaduras, é Barrington Moore Jr.⁴⁴⁰ Moore segue direção oposta àquela tomada por Huntington, pois através de dois exemplos – Alemanha e Japão – buscou comprovar, que o desenvolvimento de governos ditatoriais está associado à manutenção de determinadas estruturas sócio-econômicas e a permanência, no poder, das antigas classes dominantes, as aristocracias rurais.⁴⁴¹ Este caso é muito evidente na Alemanha, onde os *junkers* – grandes proprietários rurais – não foram substituídos por uma burguesia “revolucionária”. Durante as jornadas revolucionárias do século XIX.

O processo histórico, que desembocou no fascismo alemão, teve suas raízes fincadas na idéia, amplamente aceita, da “revolução pelo alto”.⁴⁴² Este fenômeno ocorre quando as classes potencialmente revolucionárias, não são suficientemente conscientizadas. Dessa maneira, as transformações são puramente econômicas⁴⁴³. Outra modalidade de ditadura

⁴³⁹ “Some 20 years ago, John F. Kennedy caught the essence of our unique mission when he said it was up to the New World ‘to demonstrate that man’s unsatisfied aspiration for economic progress and social justice can be best achieved by free men working within a framework of democratic institutions’”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

⁴⁴⁰ Barrington Moore Jr. *Los orígenes sociales de la dictadura y de la democracia*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

⁴⁴¹ *Ibidem*, p. 351.

⁴⁴² *Ibidem*, p. 353-354.

⁴⁴³ Esta parece ser uma análise que se aproxima muito da marxista. Karl Marx ao tratar da burguesia francesa, à época de Luís Bonaparte, se convenceu que as estruturas de poder pré-capitalistas poderiam conviver com as relações de produção capitalistas. Daí que diante da ameaça da revolução, a burguesia francesa optou por uma monarquia, o que “historicamente” seria improvável. Cf. Karl Marx. *O dezoito brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2000.

que concebe transformações econômicas, mas a ampliação da participação política é restrita é aquela que Stoppino definiu como “ditadura autoritário-modernizante”.⁴⁴⁴

O marxismo e o leninismo, ao tratar das ditaduras, elaboraram um tipo específico com função política bem definida. A “ditadura do proletariado”, mas a definição não corresponde a tipologia comum às ditaduras, exatamente por se tratar de uma circunstância provisória. Na fase da ditadura do proletariado é estabelecida a hegemonia do proletariado sobre a burguesia, e o entendimento que o objetivo principal da “ditadura” é o estabelecimento da sociedade sem classes.⁴⁴⁵

Portanto, nem uma associação com a ditadura do proletariado, Ronald Reagan poderia fazer em relação ao governo nicaraguense. Pois como foi exposto nos parágrafos anteriores, a ditadura do proletariado seria uma fase no processo revolucionário. E os sandinistas não tinham a intenção ou, pelo menos não tiveram tempo de estabelecer qualquer modelo de ditadura.

O item “3” – sistema de terrorismo policial – é o que melhor diferencia as ditaduras autoritárias das totalitárias. O Estado policial é uma das principais características do totalitarismo. Assim, a base de apoio do ditador não se encontra nas forças armadas, mas no aparato policial secreto, que tem como funções, vigiar a população, o aparato militar e os membros do partido.⁴⁴⁶ Outra atribuição do aparato policial, é zelar pelo cumprimento daquilo que foi determinado pela “ideologia oficial”.⁴⁴⁷

⁴⁴⁴ Mario Stoppino. Ditadura. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci & Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política L - Z*. 11ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 377.

⁴⁴⁵ Ralph Miliband. Ditadura do proletariado. In: Tom Bottomore. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 111-112.

⁴⁴⁶ Hannah Arendt.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 456.

Na estrutura hierárquica dos governos totalitários, Arendt propôs tal esquematização: no topo da cadeia de comando, o líder totalitário; logo abaixo, a polícia secreta; os membros do partido; as forças armadas; e a massa aderente à ideologia.⁴⁴⁸

Esta estruturação já elimina a possibilidade de comparar os sandinistas com os movimentos totalitários. Embora, Reagan apele para outras referências, que poderiam estabelecer analogias entre os dois tipos de governo. Uma dessas referências é o “terrorismo de Estado”, atribuição da polícia secreta, que segundo o presidente norte-americano seria uma prática comum do governo nicaragüense. Assim, Reagan definiu os sandinistas como terroristas.

Conhecendo estas responsabilidades, é tudo de mais importante quando uma *potência estrangeira* apóia o *terrorismo* e a *insurgência* para destruírem qualquer possibilidade de liberdade e democracia. (grifos do autor)⁴⁴⁹

O domínio Sandinista é um reino comunista de terror. Muitos destes que lutaram ao lado dos Sandinistas viram a sua revolução ser traída. Negaram-lhes o poder no novo governo. Alguns foram presos, outros exilados. (grifos do autor)⁴⁵⁰

Um *memorando secreto nicaragüense*, vazado para o *Wall Street Journal* e noticiado ontem, revelou como os comunistas têm usado a *propaganda* para difamar seus oponentes, acirrar a censura e confundir o mundo exterior. (grifos do autor)⁴⁵¹

Mas o que é o terrorismo? Uma definição muito comum de terrorismo foi elaborada por especialistas norte-americanos e britânicos, em que ele é “uma ação premeditada e

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 457.

⁴⁴⁹ “Meeting these responsibilities is all the more important when an outside power supports terrorism and insurgency to destroy any possibility of freedom and democracy”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

⁴⁵⁰ “The Sandinista rule is a Communist reign of terror. Many of those who fought alongside the Sandinistas saw their revolution betrayed. They were denied power in the new government. Some were imprisoned, others exiled”. Ronald Reagan. *Address to the nation on United States policy in Central America*. Washington, 9 de maio de 1984.

⁴⁵¹ “A secret Nicaraguan memo leaked to the Wall Street Journal and reported yesterday revealed how the Communists have used propaganda to smear their opponents, tighten censorship, and confuse the outside world”. Ronald Reagan. *Radio address to the nation on the situation in Central America*. Washington, 30 de março de 1985.

politicamente motivada, perpetrada contra alvos não-combatentes, por grupos intranacionais ou agentes estrangeiros, normalmente com a intenção de influenciar a opinião pública”.⁴⁵²

Esta definição não se aplica, portanto, ao terrorismo de Estado. Mas quando Reagan dirige suas acusações contra a Nicarágua, ele combina esta forma de terrorismo – o *terrorismo político*, com aquelas praticadas pelo Estado totalitário. O que simplesmente não esclarece nem um nem o outro.

O terrorismo, ou a prática do terror, do Estado totalitário diverge, significativamente, do terrorismo político. O terrorismo estatal é dirigido contra todos aqueles que foram identificados como inimigos do movimento totalitário.⁴⁵³ Neste caso, ele aparece quando o Estado se utiliza de todos os meios disponíveis, aparato de repressão física e psicológica, contra os habitantes do próprio território. A população deve estar ciente de que a “possibilidade” de violência é uma constante, portanto, incerteza sobre o alcance da ação policial. Esta é, uma das principais funções exercida pela polícia secreta, o controle da população e dos inimigos do regime através do terror.⁴⁵⁴

E quem são os inimigos do movimento? Os inimigos são todos os que não vêem o mundo através da “ideologia oficial”. Mas eles não são escolhidos aleatoriamente. O processo de acusação obedece a uma escala de periculosidade. Ronald Reagan, por exemplo, afirmou que para o “movimento totalitário sandinista”, os inimigos seriam os ex-companheiros de revolução (os liberais), a Igreja, a imprensa, os sindicatos e os índios Miskitos.⁴⁵⁵

Enquanto isso houve uma *tentativa de eliminação de uma cultura inteira*, os índios Miskitos, milhares dos quais foram mortos ou agrupados em *campos*

⁴⁵² Central Intelligence Agency. *Patterns of global terrorism 2000*. Langley, WV: CIA, 2001, p. 3.

⁴⁵³ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 516-517.

⁴⁵⁴ Hannah Arendt, op. cit., p. 394.

⁴⁵⁵ Ao fazer alusão à tentativa de eliminação de uma “cultura inteira”, Reagan procurou associar os “acontecimentos” na Nicarágua, com as ações dos nazistas, que tentaram apagar os vestígios dos judeus das zonas ocupadas.

de detenção onde eles foram mal alimentados e *torturados*. As suas aldeias, igrejas, e colheitas foram queimadas. (grifos do autor)⁴⁵⁶

O presidente norte-americano, também fez associações que permitiriam comprovar a “veracidade” de suas afirmações. Ele associou o marxismo com o totalitarismo, e este, com o sandinismo. No caso do marxismo, Reagan utilizou as “leis” do materialismo histórico para reforçar seus argumentos. O materialismo histórico é a base da teoria marxista. Este é responsável por fornecer a explicação para os processos de transformações históricas, portanto, durante muito tempo, o materialismo histórico, como uma “lei” do movimento da história.⁴⁵⁷

Os agentes históricos envolvidos no processo de transformação estariam, assim conscientes das necessidades dessas transformações. Um dos componentes necessários à percepção das condições objetivas e subjetivas é a consciência de classe, muitas vezes traduzida por ideologia.⁴⁵⁸ E como o materialismo histórico tem como uma das premissas a “luta de classes”, e nessa luta, uma das classes deve “desaparecer”, isto foi interpretado como a eliminação física do oponente. Tarefa que ficaria a cargo da polícia secreta e dos mecanismos de terror do movimento totalitário.

A maneira como Ronald Reagan caracterizou o governo nicaragüense revelou o anacronismo presente nos pronunciamentos. Mas como afirmei no início do tópico, o presidente norte-americano não estava muito preocupado com as questões teóricas, e sim com o impacto político que tais declarações poderiam proporcionar. Observar como definiu as “ditaduras comunistas”.

Isto é o que faz uma *ditadura comunista*: criou um Estado de *segurança repressivo e uma polícia secreta organizada*, assistida por assessores soviéticos, alemães orientais e cubanos; *perseguição*, e em muitos casos *expurgos*, da *oposição política* e tornando as liberdades democráticas de

⁴⁵⁶ “In the meantime, there has been an attempt to wipe out an entire culture, the Miskitos Indians, thousand of whom have been slaughtered or herder into detention camps, where they have been starved and abused. Their villages, churches, and crops have been burned”. Ronald Reagan. *Address to the Nation on United States Policy in Central America*. Washington, 9 de maio de 1984.

⁴⁵⁷ Karl Marx e Friedrich Engels. *A ideologia alemã*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 42.

⁴⁵⁸ Karl Marx. *O dezoito brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2000, p. 55-56.

expressão, imprensa, e assembléia, oficialmente puníveis em *prisão* ou *morte*. (grifos do autor)⁴⁵⁹

O item “4” – o monopólio e o exercício da censura sobre os meios de comunicação, estão intimamente associados às ditaduras, autoritárias e totalitárias, civis ou militares. O papel da informação adquire importância fundamental nestes governos, pois os meios de comunicação são os responsáveis pela difusão da ideologia totalitária.⁴⁶⁰ E para algumas ditaduras, a informação possui valor estratégico, pois pode fornecer aos “inimigos” do governo argumentos para uma campanha de desestabilização.⁴⁶¹

Observados separadamente, o monopólio e a censura, tornam possíveis perceber a importância que a informação e a propaganda possuem nos regimes totalitários. O monopólio sobre os meios de comunicação permite que se veicule uma “verdade única”. Esse monopólio torna-se poderoso quando associado aos outros mecanismos de difusão ideológica, como a Escola, a Magistratura, o Exército, a Família e a Igreja.⁴⁶²

Os meios de comunicação se tornam, ainda mais eficazes, quando funcionam como garantia para a existência de uma “correia de transmissão/reprodução”, em todas as estruturas da sociedade.⁴⁶³

Ainda sobre as afirmações de Ronald Reagan, das características totalitárias do governo nicaraguense, uma dessas características seria a não existência da liberdade de imprensa. Situação que o presidente norte-americano não explicou claramente, se essas violações constariam o fechamento dos jornais de oposição, ou a prática de censura. Reagan operou

⁴⁵⁹ “It has done what Communist dictatorships do: created a repressive state security and secret police organization assisted by Soviet, East German, and Cuban advisers; harassed, and in many cases expunged, the political opposition, and rendered the democratic freedoms of speech, press, and assembly punishable by officially sanctioned harassment and imprisonment or death”. Ronald Reagan. *Remarks at a Fundraising dinner for the Nicaragua Refugee Fund*. Washington, 15 de abril de 1985.

⁴⁶⁰ Nas chamadas democracias liberais, os meios de comunicação também são vetores ideológicos. Assim, não pode ser interpretado como um privilégio dos regimes totalitários.

⁴⁶¹ Peter H. Smith. *Talons of the eagle – dynamics of U.S. – Latin American relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 200.

⁴⁶² Louis Althusser. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

⁴⁶³ Nicos Poulantzas. *O Estado, o poder, o socialismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 60-70.

por aproximação, ou seja, um dos princípios da liberdade, é a liberdade individual, o totalitarismo é antiliberal, deste modo, a restrição à imprensa é uma condição presente.

E para refutar as argumentações do presidente norte-americano, de que o governo nicaraguense era totalitário, e tomando por base o monopólio dos meios de comunicação, a existência de um jornal de oposição não permite compará-lo, por exemplo, com o nazismo.

Na Nicarágua existiam dois jornais. O órgão de informação dos Sandinistas, *Barricada*, e o da oposição liberal, o *La Prensa*. Circunstância muito diversa da Alemanha nazista, onde os jornais de grande circulação pertenciam aos membros do Partido Nazista.⁴⁶⁴

Outra estratégia de Ronald Reagan foi descaracterizar as notícias que vinham da Nicarágua, especialmente aquelas que iam de encontro às suas declarações. Inclusive as publicadas nos jornais norte-americanos, como o *Washington Post* e o *New York Times*.⁴⁶⁵

Reagan preferiu, procurando alcançar resultados políticos, principalmente nos debates com o Congresso, “confiar” nas informações veiculadas pelos jornais e revistas, mais afinados com o neoconservadorismo, como o *Wall Street Journal*, *USA Today* e os semanários *Time* e *Newsweek*.

O trecho do pronunciamento de 15 de abril de 1985 é reveladora sobre esse aspecto.

[...] o relatório recebeu grande atenção na televisão e nas manchetes dos jornais e publicações. O relatório ignorou a brutalidade comunista, o assassinato de indígenas e a prisão, tortura e assassinato de dissidentes políticos. Mas nós não ficamos realmente surpresos porque, como nosso Departamento de Estado descobriu e a *Times* noticiou, este então chamada investigação independente foi trabalho de um partidário do ditador Ortega, um simpatizante que abertamente abraçou o sandinismo e quem foi

⁴⁶⁴ O órgão oficial do Partido Nazista era o *Völkischer Beobachter*. Julius Streicher, um dos dirigentes do partido possuía também um jornal, o *Acht Uhr Adenblatt*. Além dos dois semanários da Juventude Hitlerista, o *Die Junge Front* e o *Der Jungen Sturmstrupp*.

⁴⁶⁵ Embora estivesse se referindo à imprensa estrangeira, as críticas de Reagan também se aplicavam à imprensa norte-americana: “Esta violência da esquerda, freqüentemente não recebe a mesma atenção da imprensa mundial quando os mesmos atos são cometidos pela direita”. Ronald Reagan. *Written responses to questions submitted by Le Monde of France*. Washington, 19 de março de 1984, e cf. Michael J. Kryzaneck. *U.S. – Latin American relations*. 3ª ed. Westport, Connecticut: Praeger, 1996, p. 176-177.

conduzido através da Nicarágua por *agentes secretos sandinistas*. (grifos do autor)⁴⁶⁶

O monopólio dos meios de comunicação permite a construção da “verdade”, a partir de mentiras. E mesmo as “mentiras” devem, obrigatoriamente, possuir alguma base na sociedade, ou seja, parte dessa mentira deve existir na forma de crenças, ou se dirigido a grupos sócio-raciais, aparecer na forma de estereótipos. O que Ronald Reagan tentou estabelecer, ao “descaracterizar” o relatório, foi uma prática comum aos regimes totalitários. A propaganda. Sua afirmação parece se apoiar no que diz Arendt sobre o papel da propaganda nos regimes totalitários.

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que chamamos comumente de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora – sejam as camadas não-totalitárias da população do próprio país, sejam os países não-totalitários do exterior. Essa área externa à qual a propaganda totalitária dirige o seu apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente. (grifos do autor)⁴⁶⁷

Para Ronald Reagan, o relatório não passaria de uma peça da propaganda totalitária sandinista. Com a intenção de influenciar a opinião pública estrangeira sobre o caráter democrático do governo sandinista. O que Reagan apontou, foi à sua interpretação, sobre o que se desenrolou na Nicarágua. Entendido desta maneira, o que o presidente norte-americano fez, não se distancia dos objetivos da propaganda totalitária. Contra a “verdade” dos sandinistas, Ronald Reagan opôs a “verdade” do Departamento de Estado norte-americano.

Ao lado do monopólio dos meios de comunicação, temos à censura aos meios de comunicação. A censura consiste num jogo de proibições daquilo que pode ou não pode ser

⁴⁶⁶ “[...] the report received great attention on television and in leading newspapers and publications. The report ignored Communist brutality, the murder of the Indians, and the arrest, torture, and murder of political dissidents. But we really shouldn't be surprised by that because, as our State Department discovered and Time magazine reported, this so-called independent investigation was the work of one of dictator Ortega's supporters, a sympathizer who has openly embraced Sandinismo and who was shepherded through Nicaragua by Sandinista operatives”. Ronald Reagan. *Remarks at a Fundraising dinner for the Nicaragua Refugee Fund*. Washington, 15 de abril de 1985.

⁴⁶⁷ Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 391.

informado ao público. A censura se torna eficiente, quando a sua presença somente é percebida pelos agentes diretamente envolvidos, os censores e os jornalistas.

Ela não é uma exclusividade dos regimes totalitários, dissemina-se, inclusive, nas sociedades democráticas. O que diferencia sua prática esta na forma, ou seja, a censura se desenvolve de forma direta, com a presença do censor no local de produção. Pode ser indireta, esta muito praticada no Brasil, onde as informações que podem ou não ser divulgadas, são transmitidas pelas autoridades. E também a econômica, onde o estrangulamento financeiro dos meios de comunicação pode ser exercido pelo Estado, através da retirada de anúncios, ou “recomendando” que outras empresas façam o mesmo.⁴⁶⁸ Assim, a censura é um dos mais eficazes instrumentos para o controle da informação.

Apesar de, freqüentemente, empregar o adjetivo totalitário para o governo nicaraguense, Ronald Reagan poucas vezes utilizou o termo *censura*, preferindo empregar *negação a liberdade de imprensa*. Esta utilização ocorreu, porque o conceito de liberdade está presente na constituição norte-americana. Isso, porque, a maior parte dos pronunciamentos era direcionada ao público norte-americano. Outro fator que explica a utilização de um termo a outro, é a facilidade de gerar contraposições, para um melhor entendimento do público norte-americano.⁴⁶⁹

O item “4”, não forneceu a base de argumentação, suficiente, para qualificar o governo nicaraguense de totalitário. Dessa maneira, o item “5” – controle dos instrumentos da luta

⁴⁶⁸ Sobre censura e imprensa, cf. Maria Aparecida de Aquino. *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – o ESP e o Movimento*. Bauru: Edusc, 1999, e o livro de Anne-Marie Smith. *Um acordo forçado – o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

⁴⁶⁹ Sobre a utilização de termos diversos nas estruturas discursivas, observar o que diz Mikhail Bakhtin: “Um signo (a palavra, por exemplo) não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica”. Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 32.

armada, se torna mais uma das características que Ronald Reagan procurou imputar à Nicarágua.

A posse do monopólio do aparato militar, implica na ameaça, por parte dos governos totalitários, de intervenções militares nos países vizinhos, e também, para o controle da própria população. Que pode ser vista, pelos líderes totalitários, como ameaças ao movimento.

Na hierarquização proposta para os movimentos totalitários, a polícia secreta ocupa um lugar mais destacado que as forças armadas. Mas, estas são, as responsáveis pela expansão territorial do movimento. Portanto, uma política agressiva faz parte do corolário totalitário.

Ronald Reagan acusou, por diversas vezes, a Nicarágua de ameaçar seus vizinhos, e de contar com um arsenal acima da capacidade defensiva. Além de fornecer ajuda financeiro-militar às guerrilhas salvadoreñas. Neste sentido, o argumento seria de que os nicaragüenses estariam “exportando a revolução”, ou seja, tomando emprestado uma divisa dos cubanos, e o lema de Trotsky, da “revolução mundial”.

O atual governo da Nicarágua está exportando a revolução para El Salvador, seu vizinho, e ajudando, apoiando, armando e treinando as guerrilhas que tentam retirar um governo legitimamente eleito. (grifos do autor)⁴⁷⁰

A idéia da “agressividade comunista” serviu como justificativa para os argumentos que envolviam os temas de Segurança Nacional, particularmente o anticomunismo.⁴⁷¹ Ronald Reagan afirmou que os Estados Unidos “corriam um sério risco”, com a presença da Nicarágua sandinista e Cuba, na região. Ele dizia que a “insurreição comunista”, patrocinada pelos dois países, poderia se aproximar perigosamente das fronteiras dos Estados Unidos.

⁴⁷⁰ “The present Government of Nicaragua is exporting revolution to El Salvador, its neighbor, and is helping, supporting, arming, and training the guerrillas that are trying to overthrow a duly elected government”. Ronald Reagan. *The President's news conference*. Washington, 4 de abril de 1984.

⁴⁷¹ Joseph Comblin. *A ideologia de Segurança Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Nós enfrentamos uma especial ameaça na América Central, onde *nossa segurança nacional está em risco*. A América Central está muito perto de nós, e nossa aposta estratégica nas rotas marítima do Caribe e do Canal do Panamá é muito grande para que ignoremos essa *realidade*. O espectro do marxismo-leninismo controlando governos na América Central, política e ideologicamente leais a Cuba e a União Soviética, se apresentam como nos *desafios diretos aos quais devemos responder*. (grifos do autor)⁴⁷²

A segurança do país é claro, depende muito mais do que armas. Nós devemos ter a vontade de enfrentar os desafios aos nossos interesses vitais. O que acontece agora na América Central, situada a apenas algumas centenas de milhas de nossas costas, afeta diretamente a segurança nacional dos Estados Unidos.⁴⁷³

Este argumento foi empregado, para permitir uma substancial aumento nos gastos militares norte-americanos. Pois naquele momento, Reagan informou que a vantagem estratégica pendia, perigosamente, em favor da União Soviética, tanto em armas nucleares, como em armas convencionais.⁴⁷⁴ Esta, coincidiu também, com o anúncio feito em 23 de março de 1983, do programa de “Iniciativa de Defesa Estratégica” – IDE (SDI – sigla em inglês para *Strategic Initiative Defense*), também conhecido como programa “Guerra nas Estrelas”.⁴⁷⁵

Para convencer a desconfiada opinião pública norte-americana⁴⁷⁶ e os relutantes aliados europeus, Reagan argumentou que, o que estava em perigo, não era somente a segurança dos Estados Unidos, mas a própria civilização ocidental. E o que isso demonstra? Demonstrou que o presidente norte-americano também fez uso das argumentações totalitárias, sobre a existência de um inimigo à espreita. Argumento este que encaminhou

⁴⁷² “We face a special threat in Central America where our own national security is at risk. Central America is too close to us, and our strategic stake in the Caribbean sea lanes and the Panama Canal is too great for us to ignore reality. The specter of Marxist-Leninist controlled governments in Central America with ideological and political loyalties to Cuba and the Soviet Union poses a direct challenge to which we must respond”. Ronald Reagan. *Progress in the Quest for Peace and Freedom*. Washington, 22 de fevereiro de 1983.

⁴⁷³ “The security of the country, of course, depends on more than weapons. We must have the will to meet the challenges to our vital interests. What’s going on now in Central America, only a few hundreds miles from our shores, directly affects the United States’ national security”. Ronald Reagan. *Remarks at a California Republican Party Founding dinner in Long Beach*. Long Beach, California. 30 de junho de 1983.

⁴⁷⁴ Eric J. Hobsbawm. *Era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 246.

⁴⁷⁵ O IDE seria composto por uma rede de sistemas antimísseis balísticos, que se situariam no espaço, formado por satélites armados com raios *laser*, protegendo os Estados Unidos de um eventual ataque soviético.

⁴⁷⁶ Sobre a opinião não favorável referente a política externa de Reagan: “By fairly substantial margins, those with opinions disagreed with Reagan’s willingness to commit military help to Central America”. George C. Edwards III, Martin P. Wattenberg, e Robert L. Lineberry. *Government in America – Brief version*. 3ª ed. New York: Longman, 1997, p. 89.

para a uma nova política externa, marcada pela retomada da “política de contenção”.⁴⁷⁷ Esta posição aparece numa crítica feita aos membros do Congresso, e aos presidentes anteriores.

Eles gastaram todo o tempo *vendo o mundo da maneira que eles desejavam que fosse*, mas não da maneira como realmente ele é. E isto não é o caminho para proteger a paz. (grifos do autor)⁴⁷⁸

Então, foi a partir das acusações de “ações agressivas” feitas à Nicarágua, que Ronald Reagan justificou o próprio crescimento do arsenal norte-americano. Ele se utilizou daquilo que, em linguagem militar, se denomina *ação diversiva*, ou seja, desvia o foco de atenções para uma direção, diferente daquela que se pretende tomar. E porque? A Nicarágua, efetivamente, financiava a guerrilha salvadorenha. Mas desde 1981, ano de posse de Reagan na presidência, após a chamada “ofensiva final”, os guerrilheiros não possuíam mais condições de, militarmente, derrubar o governo salvadorenho.

A Nicarágua também não poderia configurar numa séria ameaça, pois desde esse mesmo ano, 1981, os *contra-revolucionários*, ajudados, apoiados, armados e treinados pelo governo norte-americano, através do Departamento de Estado e pela CIA.⁴⁷⁹

O sexto e último item, sobre a “coordenação burocrática e centralizada da economia”, muito associado aos regimes totalitários e comunistas é, possivelmente, aquele que mais se opõe ao liberalismo neoconservador. Para os neoconservadores, a economia deve sofrer o mínimo de interferência estatal. Isso aparece como o item mais defendido por Ronald Reagan, e este é um dos caminhos por onde passa a sua concepção de democracia.

⁴⁷⁷ Raymond L. Garthoff. *Détente and confrontation: American-Soviet relations from Nixon to Reagan*. Washington: The Brookings Institution, 1985, p. 1034.

⁴⁷⁸ “They spent all their time viewing the world the way they wished it was, not the way it really is. And that’s no way to protect the peace”. Ronald Reagan. *Progress in the Quest for Peace and Freedom*. Washington, 22 de fevereiro de 1983.

⁴⁷⁹ Esta ajuda foi disfarçada sob o manto de *ajuda humanitária* à Resistência Democrática Nicaragüense, codinome dos *Contras*. E que trouxe resultados políticos perigosos para Ronald Reagan, pois sofreu a ameaça de *impeachment* por parte do Congresso dos Estados Unidos. As proibições a ajuda aos *Contras* se encontravam nas duas Emendas Boland, votadas em 1982 e 1984. cf. Peter H. Smith. *Talons of the eagle – dynamics of U.S. – Latin American relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 183.

O neoconservadorismo, praticamente distingue duas formas de Estado. Os que interferem na economia, como o Estado de bem-estar e as economias planificadas socialistas. E aqueles onde o liberalismo econômico mais radical, encontrou um maior espaço para o seu desenvolvimento.

Continuando com essas diferenciações, aparecem dois sistemas de governo, o democrático-liberal e o totalitário-comunista. É possível perceber que o neoconservadorismo, que o neoconservadorismo, como ademais as outras ideologias, utilizam as dicotomias como meio de diálogo com o público. As dicotomias são preferíveis à qualquer complexidade nas estruturas discursivas.

Os Estados Unidos e a União Soviética não são semelhantes; nós dois não somos iguais e duas superpotências competindo apenas pela diferença de nossos “sistemas”. Os Estados Unidos são uma *sociedade livre e aberta*, uma *democracia* na qual a *liberdade de imprensa e liberdade de expressão* floresceram. O povo da União Soviética vive numa *ditadura fechada* na qual as *liberdades democráticas são negadas*. Seus líderes *não* atendem à vontade de seu povo; suas decisões *não* são determinadas por um debate público ou discordâncias; eles proclamam, e perseguem, as metas da “revolução” leninista. (grifos do autor)⁴⁸⁰

Assim, quando Ronald Reagan criticou o “gigantismo” do Estado de bem-estar, encontrou num público específico, os profissionais especializados, brancos, pertencentes as classes média e alta, seus mais atentos interlocutores.⁴⁸¹ Estes estavam preocupados com a crescente “instabilidade” social, nos grandes centros urbanos, resultado do fim do ciclo de crescimento econômico, a “Era de Ouro”, rumaram para os estados do centro-sul.⁴⁸²

Esse grupo de profissionais saudou as propostas de redução de impostos, considerados um empecilho à livre-iniciativa e à capacidade de produzir dos indivíduos. Em troca, esses

⁴⁸⁰ “The United States and the Soviet Union are not alike; we are not two equal and competing Superpowers divided only by a difference in our ‘systems’. The United States is a free and open society, a democracy in which a free press and free speech flourish. The people of the Soviet Union live in a closed dictatorship in which democratic freedoms are denied. Their leaders do not respond to the will of the people; their decisions are not determined by public debate or dissent; they proclaim, and pursue, the goal of Leninist ‘revolution’”. Ronald Reagan. *Remarks on Signing the Message on America’s Agenda for the Future and the Annual Economic Report of the President*. Washington, 6 de fevereiro de 1986a.

⁴⁸¹ Robert A. Divine et al. (org.). *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992, p. 718.

⁴⁸² Eric Hobsbawm. *Era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.253-281.

profissionais, aceitaram o “pacto” que Ronald Reagan incorporou em seu programa de governo. O “novo contrato social” hobbesiano.

Indústrias ociosas lançaram os trabalhadores no desemprego, na miséria humana, e na indignidade pessoal. A esses que trabalham são negados um retorno justo para o seu trabalho, por um sistema de impostos que penaliza realização próspera e nos impede manter uma total produtividade. (grifos do autor)⁴⁸³

Mas como nossa carga tributária é grande, ela não manteve passo com gastos públicos. Durante décadas nós amontoamos déficit sobre déficit, enquanto hipotecávamos o nosso futuro e o futuro de nossas crianças, para a conveniência temporária do presente. Continuar com esta longa tendência é avalizar tremendos motins sociais, culturais, políticos, e econômicos. [...] e devemos aliviar nossa carga tributária punitiva. (grifos do autor)⁴⁸⁴

A intervenção na economia não poderia, nunca, proporcionar o ambiente favorável para o florescimento da democracia à americana. Este foi o diagnóstico neoconservador. E as alternativas apresentadas foram: ou o Estado reduziria o seu tamanho, ou a sociedade norte-americana pagaria um alto preço, como a perda da “liberdade”. Não somente a liberdade política, pois a sociedade norte-americana mantém um nível de participação política, particularmente a partidária, em níveis muito baixos. A perda principal, seria a da liberdade econômica, através da ameaça à propriedade privada.

Esta fórmula também deveria ser “exportada” (tal qual a revolução, para os comunistas) para os demais países do continente americano. E era isto que Reagan tinha em mente quando apresentou, na Assembléia da Organização dos Estados Americanos, o *Caribbean Basin Initiative*, em fevereiro de 1982. Neste programa, o presidente norte-americano enfatizou a necessidade de se associar democracia e mercado.

Nossa ajuda econômica, inclusive os acréscimos que fazem parte do programa que eu esbocei há pouco, é mais de cinco vezes o equivalente da ajuda em segurança. A investida de nosso auxílio é para ajudar nossos

⁴⁸³ “Idle industries have cast workers into unemployment, human misery, and personal indignity. Those who do work are denied a fair return for their labor by a tax system which penalizes successful achievement and keeps us from maintaining full productivity”. Ronald Reagan. *Inaugural Address*. Washington, 20 de janeiro de 1981

⁴⁸⁴ “But great as our tax burden is, it has not kept pace with public spending. For decades we have piled deficit upon deficit, mortgaging our future and our children's future for the temporary convenience of the present. To continue this long trend is to guarantee tremendous social, cultural, political, and economic upheavals. [...] and to lighten our punitive tax burden”. Ronald Reagan. *Inaugural address*. Washington, 20 de janeiro de 1981.

vizinhos compreender a liberdade, a justiça e o progresso econômico.
(grifos do autor)⁴⁸⁵

E como esta análise permite compreender tais circunstâncias, em relação à Nicarágua? Reagan efetuou um exercício sofisticado. Ele afirmou que, se a Revolução nicaragüense saiu de seu rumo original, esta não poderia ser uma revolução liberal. Se não foi uma revolução liberal, no mundo dicotômico da Guerra Fria, somente poderia ser uma revolução comunista. Se foi uma revolução comunista, estaria, ela, associada com a União Soviética e Cuba, países comunistas. Se estava associada com a União Soviética e Cuba, planificaria sua economia, eliminando a livre-iniciativa e a propriedade privada. E sendo, a economia da Nicarágua era planificada, o governo nicaragüense, obviamente, seria totalitário.

O que retirou a possibilidade da argumentação de Ronald Reagan, foi o fato de que a Nicarágua não planificou sua economia e nem eliminou a propriedade privada. Portanto, a Nicarágua não poderia nem ser comunista, nem totalitária.

E por que então, Ronald Reagan acusou a Nicarágua de “governo totalitário”? várias respostas são possíveis, mas apenas algumas revelam a essência do pensamento neoconservador. Uma delas se situa no processo de despolitização da sociedade norte-americana. Exatamente porque os neoconservadores acreditavam que o excesso de democracia era uma ameaça à liberdade.⁴⁸⁶

Outro aspecto tem suas raízes no final do século XIX. O avanço da democratização política e o crescimento dos partidos de massa, muitas vezes ideologicamente identificados com o socialismo, romperam as bases políticas tradicionais. E trazendo uma quantidade, cada vez

⁴⁸⁵ “Our economic assistance, including the additions that are part of the program I've just outlined, is more than five times the amount security assistance. The thrust of our aid is to help our neighbors realize freedom, justice, and economic progress”. Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

⁴⁸⁶ Atílio A. Boron. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 170.

maior, daquela novidade política, o cidadão, para o centro da tomada de decisões. Mesmo nas democracias liberal-representativas.⁴⁸⁷

Os liberal-conservadores viram a ascensão das massas, como uma verdadeira ameaça ao *status quo*. Outra situação que está intimamente ligada, é o fato de que os partidos políticos norte-americanos não são muito definidos ideologicamente. A diferença entre ambos, está na forma de “administração” do capitalismo.

Para o Partido Republicano, a situação é ainda mais controversa. Pois os republicanos não contam com uma forte mobilização política, e esta foi a sua aposta. Por essa razão, que a Revolução nicaragüense ou sandinista, de junho de 1979, trouxe tanto apreensão aos setores mais conservadores, os neoconservadores, da sociedade norte-americana. Ou seja, o início da participação política de massa, na América Latina (diferente do Populismo), que colocasse em xeque a dominação político e econômica.

Considerações Finais

Analisar os pronunciamentos de Ronald Reagan, ao longo dos seis anos da periodização proposta (1981-1986), revelou os caminhos e problemas na metodologia da análise de discurso. A análise pode enveredar por dois caminhos, a análise hermenêutica, que procura decifrar o significado das palavras no interior da estrutura discursiva. E o método escolhido, que propõe a análise do conteúdo ideológico envolvido nos discursos, onde aparece a identidade da classe do porta-voz do discurso, ou da classe que representa.⁴⁸⁸

A posição do marxismo, que critica o idealismo, percebe o discurso como um reflexo da realidade. Porém, esse reflexo da realidade somente é possível através dos fatores sociais,

⁴⁸⁷ Essa postura contra a participação política das massas, é uma tendência entre muitos pensadores políticos liberais e conservadores. Hannah Arendt, por exemplo, chama as massas de *raïé*. No século XIX, um dos mais contundentes críticos foi Friedrich Nietzsche, que via as massas como uma ameaça à cultura ocidental. No Brasil, Oliveira Vianna foi um dos mais importantes críticos. Sobre os críticos do século XIX, cf. Arno J. Mayer. *A força da tradição – a persistência do antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 267-317.

⁴⁸⁸ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992. E Michel Pêcheux. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

que condicionam o indivíduo – evitando qualquer estruturalismo – para compreender o mundo de certa maneira. Essa operação não é arbitrária, pois podem existir ideologias que concorrem no interior de um mesmo espaço social. Por exemplo, o neoconservadorismo e o liberalismo-democrata, que disputaram a hegemonia no seio da classe dominante norte-americana.

Através desse mecanismo, e é nele que a análise de discurso deve ser utilizada, que se percebe a construção de diversas realidades, todas concorrendo entre, ao mesmo tempo em que mutuamente se influenciam.⁴⁸⁹ Essa construção da realidade, a partir do real (realidade – fenômeno, real – essência) é o que torna possível apreender as estratégias discursivas nos pronunciamentos de Ronald Reagan.

Nos capítulos 2 e 3, foram demonstradas essas apropriações e construções, ao tratar os principais conceitos presentes nos pronunciamentos. E como esses conceitos se transformaram de acordo com as conjunturas políticas. Entre 1981 e o início de 1985, a União Soviética foi denominada, seja de “Império do Mal”, “país totalitário”, “potência comunista”. Para, a partir de 1985, ser considerada como parceira na condução dos assuntos internacionais.

O primeiro conceito trabalhado, *Liberdade*, apareceu como uma forma de defesa da propriedade privada, tema central do neoconservadorismo. A liberdade é o oposto de *não-livre* ou *opressão*. Portanto, nos pronunciamentos sobre a Nicarágua, não houve a necessidade de efetuar essa contraposição de maneira explícita.

Ao falar sobre o papel desempenhado pelos Estados Unidos, na defesa da liberdade e na sua promoção, não havia a necessidade de afirmar que os países comunistas são o oposto daquilo que os norte-americanos defendem. Essa é uma das estratégias. A outra, não responde sobre que tipo de liberdade Reagan se referia. Porém, por associação, a liberdade

⁴⁸⁹ José Luiz Fiorin. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 54.

é a que está de acordo com o neoconservadorismo. Assim, a liberdade, que é um valor universal, passou a ter sua definição limitada por questões políticas.

É possível fazer a seguinte pergunta: a União Soviética e o comunismo, também não se vêem como defensores e promotores da liberdade? Como afirmei no capítulo 2, *Admirando os matizes de lava*, a liberdade, como a democracia, possui valor universal.

Sobre a apropriação dos conceitos, essa remete a outra característica dos discursos. As *lacunas*. Elas, longe de apresentar falhas, representam a oportunidade de se trabalhar nos interstícios, e que possibilitam a percepção das dinâmicas internas. Essas lacunas são entendidas por aqueles espaços, em que a ideologia trafega, sem ter que explicá-lo em profundidade. Isso acaba por funcionar como uma naturalização do fenômeno, tornando auto-evidente.⁴⁹⁰

Isso ocorre porque os discursos são direcionados à públicos distintos. E esses públicos já contém alguns conteúdos ideológicos, que são trabalhados pelos produtores dos discursos. Essa maneira de perceber o mundo, é o que orienta o conteúdo do discurso. Os discursos possuem a capacidade de considerar o ambiente onde está se desenvolvendo. Por exemplo, ao falar da liberdade, como condicionante para a manutenção da propriedade privada, Ronald Reagan não está inovando no conteúdo ideológico, mas apenas reforça sua posição de classe ao defendê-la. E se o receptor do discurso, perceber essa defesa como parte da política do governo, ou seja, saindo do âmbito particular para o geral, então se alcançou o resultado esperado.⁴⁹¹

Após tratar da liberdade, outro conceito que ganhou corpo nos pronunciamentos, foi o conceito de *Nação*. Ronald Reagan abordou a nação como uma ampla comunidade, possuidora de interesses comuns. Por outro lado, o debate acadêmico, e o subcapítulo

⁴⁹⁰ Michel Pêcheux. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 145.

⁴⁹¹ Terry Eagleton. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Editora Unesp/Boitempo, 1997.

trouxe esse debate, mostrou as dificuldades em se conceituar nação. Porém, o discurso neoconservador não demonstra preocupações de ordem teórica, pois uma de suas funções, é informar os sujeitos, de uma determinada realidade.

Além disso, uma das funções da ideologia é sistematizar e apresentar o mundo de forma dicotômica, o que possibilita a compreensão deste mesmo mundo. Tomando por exemplo a idéia de nação. Ela é apresentada ao sujeito como uma comunidade de interesses comuns e governo comum. Porém, não se esclarece sobre quais bases essa nação foi construído, o nível de conflito envolvido, o papel das classes dominantes na sua construção. Ao contrário, busca-se numa “história” sua fundação, particularmente em passado bem remoto, ou melhor, Ronald Reagan recorreu à idéia de mencionar o passado colonial em comum, para estabelecer a noção de uma grande nação americana.⁴⁹²

Assim, as estruturas discursivas, como afirmei anteriormente, obedecem aos condicionantes históricos. Porém, os temas podem, em algumas circunstâncias, manter seu significado original. Mas, estes temas podem mudar a forma como são enunciados.⁴⁹³ O totalitarismo, que no início serviu para definir todos os governos comunistas. A partir de 1985, passou a denominar somente a Nicarágua. E o comunismo, que também foi definido como totalitário, em virtude das mudanças políticas da União Soviética, passou a ser definido como sandinismo.

No capítulo “3”, “*Qual o caminho original?*”, dois conceitos que revelam, explicitamente, os antagonismos. *Democracia* e *totalitarismo*, foram utilizados para indicar governos distintos. A democracia, como a liberdade, costuma-se empregá-la como um conceito amplo, ou seja, qualquer governo “não-totalitário” e “não-comunista”, como democrático.

⁴⁹² Ronald Reagan. *Remarks to the Permanent Council of Organization of American States on Caribbean Basin Initiative*. Washington, 24 de fevereiro de 1982.

⁴⁹³ Como as palavras são signos ideológicos, estas estão condicionadas pelo contexto histórico. Cf. Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 44.

Porém, Ronald Reagan associou o tema da democracia às necessidades do livre-mercado. Mas, o livre-mercado não necessita da democracia para funcionar plenamente. E a democracia por subsistir sem o livre-mercado. E novamente, o presidente norte-americano não demonstrou preocupação em problematizar o conceito. Pois, afinal, sua preocupação foi associar o livre-mercado e democracia, com os Estados Unidos.

Após considerar essas transformações nos conceitos e algumas questões que envolvem a análise, torna-se imperativo fazer algumas considerações sobre a metodologia. A análise de discurso, através do método proposto por Bakhtin e Pêcheux, aponta para alguns problemas metodológicos, porém, não da metodologia em si, mas dos cuidados que o pesquisador deve estar ciente na condução da análise de discurso. Para a análise coerente dos pronunciamentos, tive que fazer três questionamentos. Quem fez o discurso? Para quem o discurso se dirige? E, por quê o discurso foi produzido?

No primeiro questionamento, tanto a pergunta quanto a resposta, são evidentes. Os neoconservadores que redirecionaram parte da sociedade norte-americana, para a defesa do capitalismo monopolista, que vai contra a tradição jeffersoniana do capitalismo. Neste sentido, os discursos são a defesa da ideologia do bloco histórico dominante.

No segundo questionamento, e tão importante quanto o primeiro, os pronunciamentos não foram direcionados para as populações centro-americanas, mas para a opinião pública norte-americana, cética à qualquer envolvimento, identificado como aventureiro-militar, por parte dos Estados Unidos. Neste sentido, o trauma da Guerra do Vietnã, ainda estava presente. Essa é a tempestade do título, a repetição do Sudeste Asiático, associada à uma perda ainda maior da hegemonia na América Latina.⁴⁹⁴

⁴⁹⁴ Sempre contextualizar que os processos de (re)democratização na América Latina já estavam em curso. Cf. Guillermo O'Donnell, Philippe C. Schmitter e Laurence Whitehead. *Transições do regime autoritário: América Latina*. São Paulo: Editora Vértice, 1988.

Uma outra parte dos pronunciamentos foram dirigidos aos governos de alguns países da América Central. Nesses pronunciamentos, Ronald Reagan reafirmou seu compromisso de defender os países da região, contra a agressão comunista. Essa promessa ocultava, curiosamente, uma certeza do presidente norte-americano, que a havia a possibilidade de concretização da Teoria dos Dominós na América Central. Assim, a retórica anticomunista conquistou, por razões óbvias, aliados poderosos, como a Igreja.

Embora os Estados Unidos estivessem certos sobre o alcance limitado das guerrilhas comunistas, Ronald Reagan considerou seriamente possibilidade de ver a influência dos Estados Unidos diminuir e perder espaço para os europeus. Esse temor envolveu uma outra questão de ordem prática. Recuperar a confiança perdida após o Vietnã. E hesitações poderiam indicar aos aliados dos Estados Unidos, a possibilidade de trilhar um caminho mais autônomo em assuntos de política externa.⁴⁹⁵

Internamente, a função dos discursos foi construir a base política que manteve os neoconservadores na presidência, por doze anos. Os signos utilizados foram os mesmos, da política externa. Porém, o signo liberdade (aqui utilizo o termo tomado emprestado de M. Bakhtin), foi operacionalizado de maneira competente, porque Ronald Reagan, não só propôs como recuperou a idéia de contrato hobbesiano.

Ao lado da proposta de ampliação do poder político do Estado norte-americano. A retórica comunista teve como alvo principal, o Congresso norte-americano. Não que retomassem a Comissão de Atividades Antiamericanas, dos anos 50. O Congresso impôs sérias limitações ao raio de ação do governo (*War Power Act* e *Emenda Boland*) como, por exemplo, o envio de tropas para o exterior sem a prévia aprovação do Legislativo. A estas recusas, Reagan

⁴⁹⁵ O principal exemplo dessa postura, foi a França que desde os anos sessenta, procurou marcar posição de independência. Outro golpe para os Estados Unidos, foi a associação de diversos países europeus, com a União Soviética, para a construção do Gasoduto Transiberiano, que forneceria gás barato aos países da Europa, muito dependentes, como os Estados Unidos, de combustíveis fósseis. Os norte-americanos tentaram convencer os europeus a não participar da construção. Porém, a tentativa dos Estados Unidos redundou em fracasso.

contra-argumentou afirmando que os Estados Unidos estariam em perigo, pois a proximidade com a América Central, já seria por si só, um problema.

Quando aplicada com cautela, a metodologia de análise de discurso se torna uma poderosa ferramenta de pesquisa. Mas o que se deve destacar, neste momento, que a metodologia escolhida somente é operacional se dominar o principal conceito presente, a ideologia. Como aponte na introdução, a ideologia possui limites e estes sendo observados, não comprometem o resultado final.

As hipóteses propostas foram alcançadas. Pois, elas estavam relacionadas com a ascensão, ao poder, do bloco histórico neoconservador. E como este bloco histórico foi resultado da associação entre os intelectuais neoconservadores (ou a nova direita americana), com o complexo industrial-militar, somente uma retórica, no sentido apontado por Carlo Ginzburg, baseada nos pressupostos da Guerra Fria seria possível.

Fontes

Pronunciamentos de Ronald Reagan:

1981

- *Inaugural Address*. Washington, 20 de Janeiro de 1981.
- *Excerpts From an Interview With Walter Cronkite of CBS News*. 3 de março de 1981.
- *Appointment of Three Members of the Board of Foreign Scholarships*. 16 de dezembro de 1981.

1982

- *Nomination of Anthony Cecil Eden Quainton To Be United States Ambassador to Nicaragua*. 13 de Janeiro de 1982.
- *The President's News Conference*. 18 de fevereiro de 1982.
- *Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative*. 24 de fevereiro de 1982.
- *Interview in New York City With Members of the Editorial Board of the New York Post*. 23 de março de 1982.
- *Promoting Democracy and Peace: British Parliament, London*. 8 de junho de 1982.

- *Remarks of President Reagan and President Luis Alberto Monge of Costa Rica Following Their Meeting.* 22 de junho de 1982.
- *Remarks at a Reception Marking the First Edition of USA Today.* 15 de setembro de 1982.
- *The United States and Brazil.* 2 de dezembro de 1982.

1983

- *Progress in the Quest for Peace and Freedom.* 22 de fevereiro de 1983.
- *Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, Florida.* 8 de março de 1983.
- *Remarks on Central America and El Salvador at the Annual Meeting of the National Association of Manufacturers.* 10 de março de 1983.
- *Address to the Nation on Defense and National Security.* 23 de março de 1983.
- *Question-and-Answer Session With Reporters on Domestic and Foreign Policy Issues.* 29 de março de 1983.
- *Radio Address to the Nation on the Observance of Easter and Passover.* 2 de abril de 1983.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters on Domestic and Foreign Policy Issues.* 14 de abril de 1983.
- *Address Before a Joint Session of the Congress on Central America.* 27 de abril de 1983.
- *Central America: Defending Our Vital Interests.* 27 de abril de 1983.
- *Question-and-Answer Session With Reporters on Domestic and Foreign Policy Issues.* 4 de maio de 1983.
- *Announcement of Revised United States Sugar Import Quotas for Nicaragua, Honduras, Costa Rica, and El Salvador.* 10 de maio de 1983.
- *The President's News Conference.* 17 de maio de 1983.
- *Interview With Foreign Television Journalists.* 26 de maio de 1983.
- *Remarks at a California Republican Party Fundraising Dinner in Long Beach.* 30 de junho de 1983.
- *Remarks at the Quadrennial Convention of the International Longshoremen's Association in Hollywood, Florida.* 18 de julho de 1983.
- *Radio Address to the Nation on the Situation in Central America.* 13 de agosto de 1983.

- *Address to the Nation on the Soviet attack on a Korean Civilian Airliner.* 5 de setembro de 1983.
- *Renewing the U.S. Commitment to Peace.* 26 de setembro de 1983.
- *Remarks Announcing the Appointment of Robert C. McFarlane as Assistant to the President for National Security Affairs.* 17 de outubro de 1983
- *Remarks Announcing the Appointment of Donald Rumsfeld as the President's Personal Representative in the Middle East.* 3 de novembro de 1983.
- *Remarks on Signing the Bill of Rights Day and Human Rights Day and Week Proclamation.* 9 de dezembro de 1983.
- *Interview With Marvin Stone and Joseph Fromm of U.S. News & World Report.* 15 de dezembro de 1983.
- *Statement on Humanitarian Assistance for Central America.* 23 de dezembro de 1983.

1984

- *The U.S.-Soviet Relationship.* 16 de Janeiro de 1984.
- *Informal Exchange With Reporters on Foreign and Domestic Issues.* 9 de março de 1984.
- *Nominations.* 16 de março de 1984.
- *Nomination of Harry E. Bergold, Jr., To Be United States Ambassador to Nicaragua.* 16 de março de 1984.
- *Written Responses to Questions Submitted by Le Monde of France.* 19 de março de 1984.
- *Radio Address to the Nation on Central America.* 24 de março de 1984.
- *The President's News Conference.* 4 de abril de 1984.
- *America's Foreign Policy Challenges for the 1980s.* 6 de abril de 1984.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on United States Policy in Central America.* 10 de abril de 1984.
- *Question-and-Answer Session With Reporters on the Trip to China.* 1 de maio de 1984.
- *Address to the Nation on United States Policy in Central America.* 9 de maio de 1984.
- *U.S. Interests in Central America.* 9 de maio de 1984.
- *Joint Communique Following Discussions With President-elect Jose Napoleon Duarte of El Salvador.* 21 de maio de 1984.

- *Interview With Foreign Journalists.* 31 de maio de 1984.
- *Proclamation 5223 -- Captive Nations Week, 1984.* 16 de julho de 1984.
- *Remarks to an Outreach Working Group on United States Policy in Central America.* 18 de julho de 1984.
- *The President's News Conference.* 24 de julho de 1984.
- *Statement on the Situation in El Salvador.* 10 de outubro de 1984.
- *Interview With Editors of the Hearst Corporation.* 30 de outubro de 1984.
- *Informal Exchange With Reporters in Winterset, Iowa.* 3 de novembro de 1984.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters in Rochester, Minnesota.* 4 de novembro de 1984.
- *Statement on Signing the Intelligence Authorization Act for Fiscal Year 1985.* 9 de novembro de 1984.
- *Interview With Representatives of the Washington Times.* 27 de novembro de 1984.
- *Proclamation 5287 -- Bill of Rights Day, Human Rights Day and Week, 1984.* 10 de dezembro de 1984.

1985

- *The President's News Conference.* 9 de Janeiro de 1985.
- *Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union.* 6 de fevereiro de 1985.
- *Interview With Morton Kondracke and Richard H. Smith of Newsweek Magazine.* 4 de março de 1985.
- *The President's News Conference.* 21 de março de 1985.
- *Radio Address to the Nation on the Situation in Central America.* 30 de março de 1985.
- *Interview With Lou Cannon, Dave Hoffman, and Lynn Downie of the Washington Post.* 1 de abril de 1985.
- *Letter to the Presidents of Colombia, Mexico, Panama, and Venezuela on the Central American Peace Proposal.* 4 de abril de 1985.
- *The President's Responses to Questions Submitted by the Times of London.* 10 de abril de 1985.
- *Informal Exchange With Reporters.* 5 de abril de 1985.

- *Radio Address to the Nation on the Federal Budget and the Central American Peace Proposal.* 6 de abril de 1985.
- *Remarks to Reporters on the Central American Peace Proposal.* 15 de abril de 1985.
- *Remarks at a Fundraising Dinner for the Nicaragua Refugee Fund.* 15 de abril de 1985.
- *Radio Address to the Nation on the Central American Peace Proposal.* 20 de abril de 1985.
- *Letter to Senate Majority Leader Dole on the Central American Peace Proposal and United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 23 de abril de 1985.
- *Statement on Senate Approval of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 23 de abril de 1985.
- *Message to the Congress on Economic Sanctions Against Nicaragua.* 1 de maio de 1985.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on Economic Sanctions Against Nicaragua.* 1 de maio de 1985.
- *Address to a Special Session of the European Parliament in Strasbourg, France.* 8 de maio de 1985.
- *The President's News Conference.* 10 de maio de 1985.
- *Remarks Following Discussions With President Jose Napoleon Duarte of El Salvador.* 16 de maio de 1985.
- *Informal Exchange With Reporters Prior to a Meeting Between President Reagan and President Roberto Suazo Cordova of Honduras.* 21 de maio de 1985.
- *Remarks at the Annual Conference of the Council of the Americas.* 21 de maio de 1985.
- *Remarks Following Discussions With President Roberto Suazo Cordova of Honduras.* 21 de maio de 1985.
- *Radio Address to the Nation on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 8 de junho de 1985.
- *Statement Announcing Actions Against Terrorism.* 20 de junho de 1985.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters.* 5 de agosto de 1985.
- *Executive Order 12528 -- Presidential Board of Advisors on Private Sector Initiatives.* 8 de Agosto de 1985.
- *Statement on Signing the International Security and Development Cooperation Act of 1985.* 8 de agosto de 1985.

- *Remarks at a California Republican Party Fundraising Dinner in Los Angeles.* 22 de agosto de 1985
- *Statement on the Establishment of the Nicaraguan Humanitarian Assistance Office.* 30 de agosto de 1985.
- *Interview With Guillermo Descalzi of the Spanish International Network.* 13 de setembro de 1985
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Regional Editors and Broadcasters.* 16 de setembro de 1985.
- *Remarks at a White House Meeting With Reagan-Bush Campaign Leadership Groups.* 7 de outubro de 1985.
- *Radio Address to the Nation on International Stability.* 26 de outubro de 1985.
- *Message to the Congress Reporting on Economic Sanctions Against Nicaragua.* 31 de outubro de 1985.
- *Interview With Foreign Broadcasters on the Upcoming Soviet-United States Summit Meeting in Geneva.* 12 de novembro de 1985.
- *Written Responses to Questions Submitted by Japanese Journalists on the Upcoming Soviet-United States Summit Meeting in Geneva.* 14 de novembro de 1985.
- *Letter Accepting the Resignation of Robert C. McFarlane as Assistant to the President for National Security Affairs.* 4 de dezembro de 1985.
- *Remarks Announcing the Resignation of Robert C. McFarlane as Assistant to the President for National Security Affairs and the Appointment of John M. Poindexter.* 4 de dezembro de 1985.

1986

- *Address Before a Joint Session of Congress on the State of the Union.* 4 de fevereiro de 1986.
- *Remarks on Signing the Message on America's Agenda for the Future and the Annual Economic Report of the President.* 6 de fevereiro de 1986.
- *Message to the Congress on America's Agenda for the Future.* 6 de fevereiro de 1986.
- *Remarks at the 1986 Reagan Administration Executive Forum.* 6 de fevereiro de 1986.
- *Interview With Lou Cannon and David Hoffman of the Washington Post.* 10 de fevereiro de 1986.
- *Remarks and an Informal Exchange With Reporters on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 18 de fevereiro de 1986.

- *Written Responses to Questions Submitted by Caribbean Journalists.* 18 de fevereiro de 1986.
- *Message to the Congress Transmitting the Annual Report of the National Endowment for Democracy.* 19 de fevereiro de 1986.
- *Radio Address to the Nation on Grenada and Nicaragua.* 22 de fevereiro de 1986.
- *Message to the Congress Transmitting a Request for Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 25 de fevereiro de 1986.
- *Request for Additional Authority and Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 25 de fevereiro de 1986.
- *Address to the Nation on National Security.* 26 de fevereiro de 1986.
- *Remarks at a White House Meeting for Supporters of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 3 de março de 1986.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on the Conflict in Central America.* 5 de março de 1986.
- *Remarks at a White House Meeting With the House Republican Whip Organization on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 6 de março de 1986.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters on Announcing the Appointment of Philip C. Habib as Special Envoy for Central America.* 7 de março de 1986.
- *Radio Address to the Nation on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 8 de março de 1986.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With Regional Editors and Broadcasters on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 11 de março de 1986.
- *Interview With Representatives of the Baltimore Sun.* 12 de março de 1986.
- *Remarks at an Exhibit of Weapons Captured in Central America.* 13 de março de 1986.
- *Message to the Congress on Freedom, Regional Security, and Global Peace.* 14 de março de 1986.
- *Remarks to Elected Officials During a White House Briefing on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 14 de março de 1986.
- *Radio Address to the Nation on the Situation in Nicaragua.* 15 de março de 1986.
- *Address to the Nation on the Situation in Nicaragua.* 16 de março de 1986.

- *Informal Exchange With Reporters Prior to a Meeting With Ambassador Philip C. Habib, Special Envoy for Central America.* 17 de março de 1986.
- *Message to the Congress on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 19 de março de 1986
- *Statement on House of Representatives Disapproval of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 20 de março de 1986.
- *Remarks at a White House Reception for Private Sector Supporters of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 21 de março de 1986.
- *Interview With R.W. Apple, Jr., Gerald M. Boyd, and Bernard Weinraub of the New York Times.* 21 de março de 1986.
- *Radio Address to the Nation on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance.* 22 de março de 1986.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on Negotiations Between the Contadora Group and Nicaragua.* 8 de abril de 1986.
- *Remarks and a Question-and-Answer Session With the American Society of Newspaper Editors.* 9 de abril de 1985.
- *Remarks at a White House Meeting With Members of the American Business Conference.* 15 de abril de 1986.
- *Remarks on Signing the Law Day U.S.A. Proclamation.* 16 de abril de 1986.
- *Remarks at the Annual White House Correspondents Dinner.* 17 de abril de 1986.
- *Notice of the Continuation of the National Emergency With Respect to Nicaragua.* 22 de abril de 1986.
- *Message to the Congress on the Continuation of the National Emergency With Respect to Nicaragua.* 22 de abril de 1986.
- *Remarks at the Annual Republican Senate/House Fundraising Dinner.* 21 de maio de 1986.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on the Central American Peace Negotiations.* 22 de maio de 1986.
- *Message to the Congress Reporting on the National Emergency With Respect to Nicaragua.* 23 de maio de 1986.
- *Statement by Principal Deputy Press Secretary Speakes on the Central American Summit Meeting.* 27 de maio de 1986.
- *Remarks at a White House Briefing for Women Entrepreneurs.* 3 de dezembro de 1986.

Outras fontes:

Além dos discursos e pronunciamentos do presidente Ronald Reagan, outras fontes, como os relatórios da CIA, foram incluídos na lista.

- George Bush (Vice-Presidente). *U.S. Commitment to Peace and Security in Europe*. 9 de fevereiro de 1983.
- George Shultz (Secretário de Estado). *Reflections Among Neighbors*. 17 de novembro de 1982.
- George Shultz (Secretário de Estado). *Struggle for Democracy in Central America*. 15 de abril de 1983.
- George Shultz (Secretário de Estado). *U.S.-Soviet Relations in the Context of U.S. Foreign Policy*. 15 de junho de 1983.
- George Shultz (Secretário de Estado). *Democratic Solidarity in the Americas*. 8 de fevereiro de 1984.
- George Shultz (Secretário de Estado). *Human Rights and the Moral Dimension of U.S. Foreign Policy*. 22 de fevereiro de 1984.
- George Shultz (Secretário de Estado). *Power and Diplomacy in the 1980s*. 3 de abril de 1984.
- Congresso dos Estados Unidos. *War Power Act*. 7 de novembro de 1973.
- Central Intelligence Agency. *Allegations of Connections Between CIA and the Contras in Cocaine Trafficking to the United States (96-0143-IG). Volume II: The Contra Story*. Washington, 1998.
- *The CIA Contra-Crack controversy: a review of the Justice Department's investigation and prosecutions*. Washington, 8 de outubro de 1998.
- Department of Justice. *Findings - Volume I: The California Story*. Washington, 1998.

Bibliografia:

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
2. ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
3. AMADOR GIL, Antonio Carlos. *Projetos de Estado no alvorecer do Império*. Vitória: IHGES, 2002.
4. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
5. ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
6. ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

7. ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
8. ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
9. ARMONY, Ariel C. *Argentina, the United States, and the Anti-Communist crusade in Central America, 1977-1984*. Athens, Oh: Ohio University Center for International Studies, 1997.
10. AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina – a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002.
11. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
12. BARSOTTI, Paulo e PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998.
13. BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
14. BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1979.
15. BELL, Daniel. *O fim da ideologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.
16. BENAKOUCHE, Rabah. *Acumulação mundial e dependência*. Petrópolis: Vozes, 1980.
17. BERGER, Mark T. *Under Northern eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Americas 1898-1990*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
18. BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
19. BERLOWITZ, L., DONOGHUE, D., MENAND, L. (orgs.). *A América em teoria*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
20. BEVERLEY, John, ARONNA, Michael e OVIEDO, José. *The postmodernism debate in Latin America*. London: Duke University Press, 1995.
21. BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda - razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
22. BOBBIO, Norberto. *O conceito de Sociedade Civil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994.
23. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
24. BOBBIO, Norberto, e BOVERO, Michelangelo. *Sociedade e Estado na Filosofia política moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
25. BOBBIO, Norberto; PASQUINO, Gianfranco; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

26. BOEKER, Paul H. (org.). *Transformações na América Latina – privatização, investimento estrangeiro e crescimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
27. BORON, Atílio A. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003.
28. BORON, Atílio A. *Estado, capitalismo e democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
29. BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
30. BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise de discurso*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
31. BRZEZINSKI, Zbigniew. *O grande fracasso – o nascimento e morte do comunismo no século XX*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
32. BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
33. BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
34. BURNS, E. Bradford. *At war in Nicaragua: the Reagan doctrine and the politics of nostalgia*. New York: Harper & Row, 1987.
35. BURNS, E. Bradford. *Latin America – a concise interpretative history*. 6ª ed. New Jersey: Prentice may, 1994.
36. CAMP, Robert. *Democracy in Latin America: patterns and cycles*. Willmington: A Scholarly Resources, 1996.
37. CARAZO, Jaime Morales. *La Contra*. Ciudad del Mexico: Planete, 1989.
38. CARNOY, Martin. *Estado e teoria política*. 3ª ed. Campinas: Papius, 1999.
39. CARROL, Peter N., NOBLE, David W. *The free and the unfree – a new History of the United States*. 2ª ed. Harmondsworth, England: Penguin Book, 1987.
40. CASANOVA, Pablo Gonzáles (org.). *América Latina – história de meio-século: 3 – Costa Rica, Cuba, El Salvador, Haiti e Nicarágua*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.
41. CASANOVA, Pablo González. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002.
42. CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada - intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
43. CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
44. CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise de discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

45. CHERESKY, Isidoro e CHONCHOL, Jacques. *Crise e transformação dos regimes Autoritários*. São Paulo: Ícone Editora/Editora da Unicamp, 1986.
46. CHOMSKY, Noam. *O que o Tio Sam realmente quer?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
47. CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e terroristas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
48. COCKCROFT, James D. *Latin America – History, politics, and U.S. policy*. Chicago: Nelson-Hall, 1996.
49. COHEN, Benjamin J. *A questão do imperialismo: a economia política da dominação e dependência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
50. COMBLIN, Joseph. *A ideologia da segurança nacional – o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
51. COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci – um estudo sobre seu pensamento político*. 2ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
52. COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
53. COUTO E SILVA, Golbery do. *Conjuntura política nacional – O poder Executivo & Geopolítica do Brasil*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
54. CUERVA, Agustín (org.). *Tempos Conservadores – A direitização no Ocidente e na América Latina*. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.
55. DALTON, Russell J. *Citizen Politics*. 2ª ed. Chatham: Chatham House Publishers Inc., 1996.
56. D'ARAÚJO, Maria Celina e CASTRO, Celso (org.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
57. DAHRENDORF, Ralf. *O conflito social moderno: um ensaio sobre a política da liberdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
58. DAHRENDORF, Ralf. *A nova liberdade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1979.
59. DAVIS, Horace B. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
60. DEUTSCH, Karl. *Análise das relações internacionais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.
61. DIAS, Edmundo Fernández [et. al.]. *O outro Gramsci*. 3ª ed. São Paulo: Xamã, 1996.

62. *Diccionario de Historia y Política del Siglo XX*. Madrid: Editora Tecnos, 2001.
63. DI NUNZIO, Mario R. *A democracia americana e a tradição autoritária no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992.
64. DIVINE, Robert A. et al. (org.). *América – passado e presente*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992.
65. DIXON, Marlene (org.). *On trial: Reagan's war against Nicaragua: Testimony of the Permanent People's Tribunal*. San Francisco, Ca: Synthesis Publications, 1985.
66. DIXON, Marlene, JONAS, Susanne. *Nicaragua under siege*. San Francisco, Ca: Synthesis Publications, 1984.
67. DODSON, Michael e O'SHAUGHNESSY, Laura Nuzzi. *Nicaragua's other revolution – religious faith and political struggle*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.
68. DOMINGUEZ, Jorge I. *International security & democracy: Latin America and the Caribbean in post-Cold War Era*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1998.
69. DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
70. EAGLETON, Terry. *Ideologia – uma introdução*. São Paulo: Editora Unesp/Boitempo, 1997.
71. EDWARDS III, George C., WATTENBERG, Martin P., LINEBERRY, Robert L. *Government in America – Peoples, Politics, and Policy*. 3ª ed. New York: Longman, 1997.
72. EZCURRA, Ana Maria. *O Vaticano e o governo Reagan: convergências na América Central*. São Paulo: Cristãos pelos Direitos Humanos na América Latina, 1985.
73. FICHOU, Jean-Pierre. *A civilização americana*. Campinas: Papyrus Editora, 1990.
74. FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
75. FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
76. FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.
77. FONSECA JR. Gelson. *A legitimidade e outras questões internacionais: poder e ética entre as nações*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
78. FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru: Edusc, 1998.
79. FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
80. FREITAS, Marcos C. de. (org.) *A Reinvenção do Futuro: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
81. FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

82. FRIEDMAN, Milton. *Liberdade de escolher: o novo liberalismo econômico*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
83. GADDIS, John Lewis. *Strategies of Containment – a critical appraisal of Postwar American National security policy*. Oxford: Oxford University Press, 1982.
84. GARTHOFF, Raymond L. *Détente and confrontation – American-Soviet relations from Nixon to Reagan*. Washington: The Brookings Institution, 1985.
85. GELLNER, Ernest. *Condições da liberdade: a sociedade civil e seus rivais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
86. GENTILI, Pablo, SADER, Emir (org.). *Pós-neoliberalismo - As políticas sociais e o Estado democrático*. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
87. GIDDENS, Anthony. *Estado-nação e violência*. São Paulo: Edusp, 2001.
88. GOLDMAN, Noemí. *El discurso como objeto de la historia*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1989.
89. GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
90. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere – caderno 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
91. GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
92. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere – caderno 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
93. GREENE, Theodore Meyer. *Liberalismo Teoria e Prática*. 2ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1983.
94. GREGOLIN, Maria do Rosário V. (org.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara, São Paulo: Unesp, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.
95. GREY, John. *Falso amanhecer: os equívocos do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
96. GUEVARA, Ernesto. *A Guerra de guerrilhas*. 3ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982.
97. GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
98. GURVITCH, Georges. *Determinismos sociais e liberdade humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
99. GUTIÉRREZ CHONG, Natividad. *Mitos nacionalistas e identidades étnicas: los intelectuales indígenas y el Estado mexicano*. Ciudad de México: Editorial Plaza y Valdés, 2001.

100. GUTMAN, Roy. *Banana diplomacy: the making of American policy in Nicaragua, 1981-1987*. New York: Simon and Schuster, 1988.
101. HARDT, Michael, e NEGRI, Antonio. *Império*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
102. HARNECKER, Martha. *Imperialismo e dependência*. São Paulo: Global, 1980.
103. HARTZ, Louis. *The Liberal tradition in America*. New York: Harvest/HBJ Books, 1991.
104. HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
105. HAYEK, Friedrich A. von. *O caminho da servidão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/Instituto Liberal, 1987.
106. HAYEK, Friedrich A. von. *Os fundamentos da liberdade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.
107. HERRING, George C. *America's longest war – the United States and Vietnam 1950-1975*. 2ª ed. New York: McGraw-Hill, 1986.
108. HIRST, Paul, THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
109. HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
110. HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
111. HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
112. HOFSTADTER, Richard e GRAY, Wood. *An outline of American history*. Washington: United States Information Agency, 1994.
113. HONEY, Martha. *Hostile acts – U.S. policy in Costa Rica in the 1980s*. Gainesville: University Press of Florida, 1994.
114. HUGGINS, Martha. *Polícia e Política: as relações Brasil - Estados Unidos*. São Paulo: Cortez, 1998.
115. HUNTINGTON, Samuel. *Political order in changing societies*. New York: Yale University Press, 1974.
116. HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações – e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
117. IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
118. IANNI, Octavio. *Imperialismo e cultura*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
119. IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

120. Instituto Nicaragüense de Investgaciones Económicas y Sociales. *Crónica de una guerra no imaginaria: cronología de las relaciones Estados Unidos – Nicaragua, 1979-1984*. Managua: Editorial de Ciencias Sociales – INIES, 1986.
121. *Intervenção dos EUA na Nicarágua; a ofensiva ideológica: base da agressão militar dos Estados Unidos a Nicarágua*. Tribunal Permanente dos Povos; [Trad.] Sonia Rangel; [Pref] Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 1985.
122. JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
123. KAGAN, Robert. *A twilight struggle: American power and Nicaragua, 1977-1990*. New York: Free Press, 1996.
124. KHAN, Herman. *A prosperidade está próxima*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
125. KHAN, Herman. *Os próximos 200 anos – uma visão otimista do futuro*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
126. KIMMENS, Andrew C. *Nicaragua and United States*. New York: H. W. Wilson, 1987.
127. KORNBLUSH, Peter. *Nicaragua, the price of intervention: Reagan's war against the Sandinistas*. Washington, DC: Institute for Policy Studies, 1987.
128. KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
129. KRYZANEK, Michael J. *U.S. – Latin American relations*. 3ª ed. Westport, Connecticut: Praeger, 1996.
130. KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
131. KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
132. LaFEBER, Walter. *America, Russia, and the Cold War – 1945-1990*. 6ª ed. New York: McGraw-Hill, 1991.
133. LEMAY, Curtis Emerson, SMITH, Dale O. *USA em perigo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Editora Expressão e Cultura, 1970.
134. LENIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo – fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1979.
135. LEOGRANDE, William M. *Our own backyard – the United States in Central America, 1977-1992*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.
136. LEUCHTENBURG, William E. *In the shadow of F.D.R. – from Harry Truman to Ronald Reagan*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1992.
137. LEVINE, Daniel H. (editor). *Religion and political conflict in Latin America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996.
138. LOCKE, John. *Dois Tratados sobre o Governo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

139. LÖWY, Michael, BENZAÏD, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.
140. LUKÁCS, Gyorg. *Historia y consciencia de clase*. 2ª ed. Barcelona: Grijalbo, 1975.
141. MACPHERSON, Crawford Brough. *A democracia liberal – origens e evolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
142. MACPHERSON, Crawford Brough. *A ascensão e queda da justiça econômica*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
143. MAGDOFF, Harry. *A era do imperialismo – a economia da política externa dos Estados Unidos*. São Paulo: Hucitec, 1978.
144. MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
145. MALAGUTI, Manoel L., CARCANHOLO, Marcelo D., CARCANHOLO, Reinaldo A. (org.). *A quem pertence o amanhã? - ensaios sobre o neoliberalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
146. MANDEL, Ernest. *Marxism revolutionary today*. Oxford (England): NLB, 1979.
147. MARX, Karl. *O dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2000.
148. MARX, Karl. *O Capital – crítica da economia política*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
149. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
150. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
151. MILL, John Stuart. *O governo representativo*. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1995.
152. MILL, John Stuart. *Sobre a liberdade*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
153. MIRANDA, Roger, RATLIFF, William. *The civil war in Nicaragua: inside the Sandinistas*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1994.
154. MORLEY, Morris H. *Washington, Somoza, and the Sandinistas: State and regime in U.S. policy toward Nicaragua, 1969-1981*. Cambridge (UK); New York: Cambridge University Press, 1994.
155. MORRISON, Samuel Elliot. *A liberdade na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
156. NEGRI, Antonio. *5 lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
157. NOZICK, Robert. *Democracia, Estado e Anarquia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
158. NYE JR, Joseph S. *O paradoxo do poder americano – por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

159. O'DONNELL, Guillermo, SCHMITTER, Philippe C. e WHITEHEAD, Laurence. *Transições do regime autoritário: América Latina*. São Paulo: Editora Vértice, 1988.
160. OHLWEILER, Otto A. *A crise da economia mundial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
161. OHLWEILER, Otto A. *O capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
162. OLSON, Mancur. *The rise and decline of nations: economic growth, stagflation, and social rigidities*. New Haven: Yale University Press, 1982.
163. ORTEGA, Daniel. *El gobierno de EE. UU. Debe rectificar*. Nueva York, 29 de julio de 1986. Managua: Dirección de Información y Prensa de la República, 1986.
164. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. New York: Oxford University Press, 2003.
165. PADOVER, Saul K. (ed.). *Thomas Jefferson – on democracy*. New York: Pelican Books, 1946
166. PASTOR, Robert. *Condemned to repetition: the United States and Nicaragua*. Princeton, NJ: Princeton University, 1987.
167. PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
168. PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
169. PIMLOTT, John. *Guerrilla warfare*. London: Bison Books Ltd., 1985.
170. PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
171. POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
172. PRAKASH, Gyan. *After colonialism: imperial histories and post-colonial displacements*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
173. PRZEWORSKI, Adam. *Estado e economia no capitalismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
174. RANDALL, Stephen J. e MOUNT, Graeme S. *The Caribbean Basin – an international history*. New York/London: Routledge, 1998.
175. REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (org). *O Século XX – O Tempo das Crises: Revoluções, Fascismos e Guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
176. REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (org). *O Século XX – O Tempo das Dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

177. ROBINSON, William I. *A Faustian bargain: U.S. intervention in the Nicaragua elections and American foreign policy in the post-Cold War era*. Boulder, Co: Westview Press, 1992.
178. ROBINSON, William I., NORSWORTHY, Kent. *David and Goliath: the U.S. war against Nicaragua*. New York: Monthly Review Press, 1987.
179. RODRÍGUEZ-LUIS, Julio. *El enfoque documental en la narrativa hispanoamericana – estudio taxonómico*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
180. SADER, Emir (org.). *O mundo depois da queda*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.
181. SAÏD, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
182. SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada – fundamentos da guerra revolucionária*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
183. SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
184. SCHLESINGER JR, Arthur. *Os ciclos da História americana*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.
185. SCHLESINGER JR, Arthur. *A crise de confiança – idéias, poder e violência nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
186. SCOTT, Peter Dale e MARSHALL, Jonathan. *Cocaine Politics – drugs, armies, and the CIA in Central America*. Berkeley, Ca: University of California Press, 1998.
187. SIGLER, Jay A. (org.). *A tradição conservadora no pensamento norte-americano*. São Paulo: Ibrasa, 1972.
188. SKIDMORE, Thomas e SMITH, Peter H. *Modern Latin America*. 3ª ed. New York: Oxford University Press, 1992.
189. SKLAR, Holy. *Washington's war on Nicaragua*. Boston, Ma: South End Press, 1988.
190. SMITH, Peter H. *Talons of the eagle: dynamics of U.S.–Latin America relations*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
191. SOBEL, Richard. *Public opinion in U.S. foreign policy: the controversy over Contra aid*. Lanham, Md: Rowman & Littlefield, 1993.
192. STONE, Samuel Z. *The heritage of the conquistadors – ruling class in Central America from the Conquest to the Sandinistas*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1990.
193. TRINDADE, Liana S. *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo: Ática, 1978.
194. TURETZKY, Marc D. *U.S. policy in Nicaragua under Carter and Reagan: the impact of beliefs on the making of U.S. foreign policy*. S/L, S/E, 1991.

195. TURNER, Robert F. *Nicaragua v. United States: a look at the facts*. Cambridge, Ma: Institute for Foreign Policy Analysis; Washington: Pergamon-Brassey's, 1987.
196. VANDEN, Harry e PREVOST, Gary. *Democracy and socialism in Sandinista Nicaragua*. London: Lynne Rienner Publishers, 1993.
197. VARAS, Augusto. *Soviet and Latin America relations in the 1980s*. Boulder: Westview, 1987.
198. VESENTINI, José William. *Imperialismo e geopolítica global: espaço e dominação em escala planetária*. Campinas: Papyrus, 1987.
199. WALKER, Thomas (org.). *Reagan versus the Sandinistas: the undeclared war on Nicaragua*. Boulder, Co: Westview Press, 1987.
200. WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo – em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
201. WEBER, Max. *Economia e sociedade – Volume I*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
202. WOOD, Ellen M. FOSTER, John B. *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
203. ZAMORA, Augusto. *El conflicto Estados Unidos – Nicaragua, 1979-1990*. Managua: Fondo Editorial CIRA, 1996.
204. ZINN, Howard. *A people's history of the United States 1492 – present*. New York: Harper Perennial, 1995.
205. ŽIŽEK, Slavoj (org.). *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.
206. ZORGBIBE, Charles. *O pós-Guerra Fria no mundo*. Campinas: Papyrus, 1996.